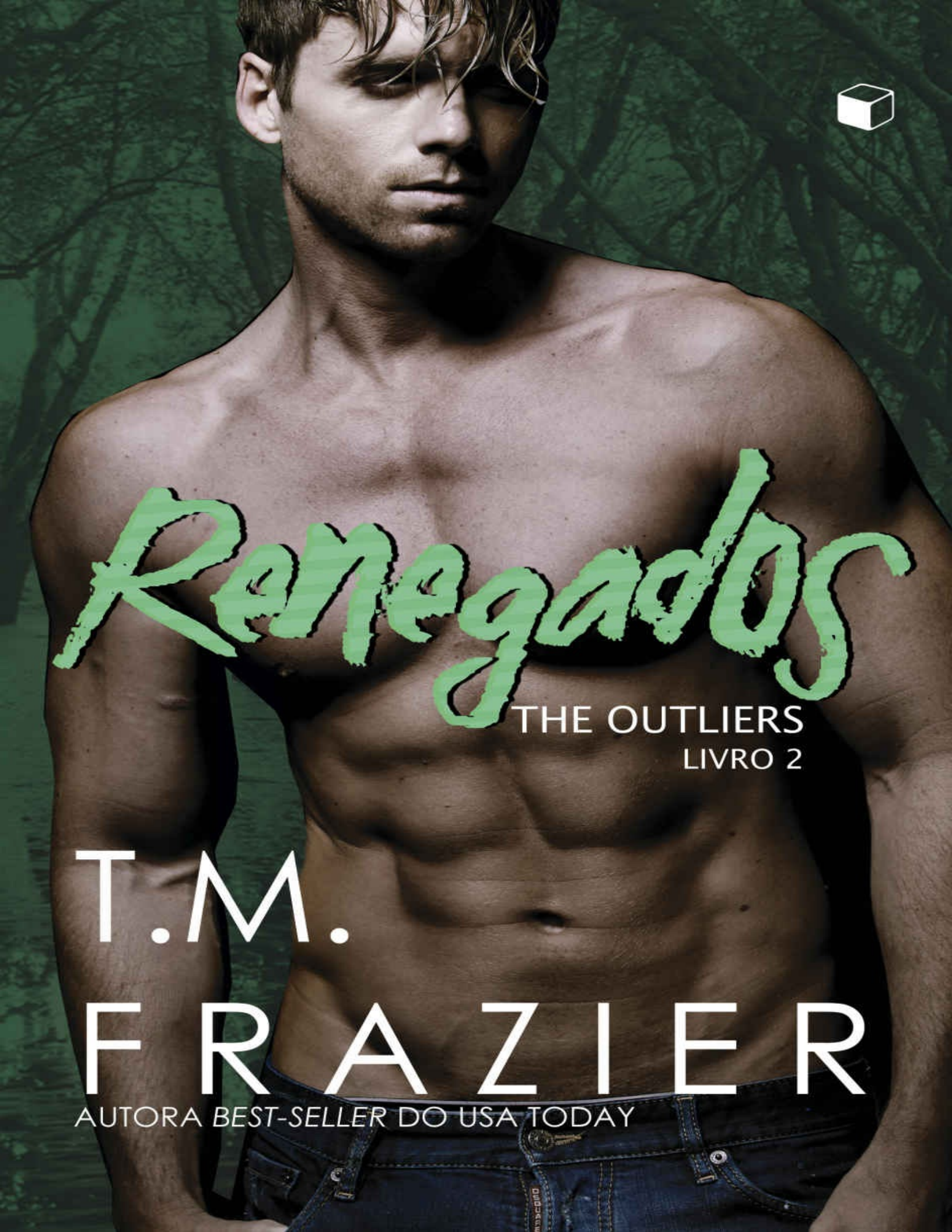

Renegados
THE OUTLIERS
LIVRO 2
T.M.
FRAZIER
AUTORA *BEST-SELLER* DO USA TODAY

T.M. FRAZIER

Renegados

THE OUTLIERS
LIVRO 2

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2019

Copyright © T. M. Frazier, 2019
Copyright © The Gift Box, 2019
The Outliers (Renegados) foi negociado pela Brower Literary & Management
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Roberta Teixeira
Tradução:
Júlia N. Ventura
Fotógrafo:
Wander Photography
Modelo:
Steven D.
Revisão:
Natalie Gerhardt
Diagramação:
Carol Dias
Ícones de Diagramação:
Freepik/Flaticon

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Bianca de Magalhães Silveira - CRB/7 6333

Sumário

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
EPÍLOGO
CENA BÔNUS
CENA BÔNUS 2
AGRADECIMENTOS

O amor.
Não é lógico.
Não cresce ou diminui no momento desejado.
É inesperado. Implacável.
O amor pode ser o seu maior amante ou o seu maior inimigo.
Ele não pede desculpas quando se alimenta da mentira do perdão.
O amor luta contra o mundo mesmo quando não existe a menor chance de vencer.
Ele é a desculpa e o motivo.
O sacrifício e a recompensa.
A dor e a decepção.
Amor.
Traição suprema.

CAPÍTULO 1



SAWYER

A minha mãe estava ali. A poucos metros de mim.

A minha *mãe*.

Viva. Respirando.

Eu não conseguia respirar. A minha mente começou a girar com todas as possibilidades, e nenhuma delas fazia o menor sentido.

Aquela pessoa parecia com ela. Mas também não parecia. Havia algo em seus olhos, ou talvez faltasse algo neles.

Ela deu um pequeno passo na minha direção, mas, como eu não conhecia o protocolo apropriado a ser seguido quando um fantasma tenta tocar você, dei um pulo para trás e bati em uma cadeira, quase caindo no chão com ela.

Eu estava em um universo alternativo. Só podia ser isso. Em que as pessoas voltavam do mundo dos mortos. Aquilo não podia ser real. Talvez fosse um sonho. Talvez fosse o uísque.

Descrença, dúvida e total confusão se misturavam dentro de mim, empurrando o meu coração acelerado e fazendo-o serpentear até a minha garganta apertada.

Eu tinha medo que ela desaparecesse se eu piscasse. Eu tinha medo que ela *não* desaparecesse se eu não piscasse.

Eu... eu não conseguia fazer nada além de ficar ali de queixo caído olhando para aquela mulher que parecia e soava exatamente como a minha mãe.

Mas... não podia ser ela.

Podia?

— Não é possível — sussurrei em estado de choque. — Simplesmente não é. Balancei a cabeça me perguntando se eu tinha enlouquecido antes ou depois de chegar em Outskirts.

— É possível. Ela realmente está aqui. — A voz grave de barítono de Critter normalmente me acalmava — era o equivalente local da camomila. Mas, naquele momento, nada que ele dissesse faria as minhas mãos pararem de tremer e suar. — Isso não é um sonho, Sawyer. Ela está aqui. Tão viva quanto você e eu. — Olhei na direção dele e vi que estava me observando, analisando a minha reação. — Eu disse a ela que deveria esperar até que estivesse mais forte, mas ela queria ver você e, quando coloca uma coisa na cabeça, como aconteceu hoje de manhã, é impossível de tirar.

Uma mulher alta e robusta de ombros largos e quadrados, com cabelo preto e curto, apareceu ao lado da minha mãe. O semblante fechado não combinava com o uniforme rosa-choque que tinha um rosto enorme e feliz estampado nele.

— Isso não é bom para ela, Sr. Critter — advertiu a mulher. — Eu tenho que levá-la de volta para casa.

Foi quando percebi que minha mãe não tinha se mexido desde que tinha dito o meu nome. Seu olhar parecia sem foco e estava perdido na direção da parede do fundo.

— Não, espere! — exclamei. De repente, o medo de nunca mais ter a chance de vê-la era maior do que o medo de tocar um fantasma. E se ela fosse um fantasma? E se tudo isso fosse um sonho? Não importava. Ela ainda era a minha mãe e eu não podia deixar que ela fosse embora. Ainda não. Mesmo que aquilo fosse apenas um sonho.

Joguei os braços em volta dela e, para a minha surpresa, abracei um corpo quente e macio.

Os braços da minha mãe estavam moles, pendurados, sem vida, caídos pela lateral de seu corpo.

— Minha menina — sussurrou ela.

Eu me afastei a tempo de ver um pequeno sorriso se formar em seus lábios, que se apagou tão rapidamente quanto apareceu.

— O que aconteceu? — perguntei com um choro contido. Minha mãe não respondeu e eu me virei para o Critter. — O que é que tem de errado com ela! — exigi saber.

— Vamos. Está na hora de irmos embora — declarou a enfermeira, pegando minha mãe e a segurando seus braços como se ela não pesasse mais que uma criança pequena.

— O que eu podia fazer, Maddy? Amarrá-la na maldita da cama? — perguntou para a enfermeira. — Eu nunca consegui dizer não a ela — murmurou ele, esfregando as têmporas.

— O que está acontecendo? — insisti, olhando para a enfermeira e para Critter. Dei um passo para trás com a mente a mil e, sentindo uma tontura momentânea, precisei me segurar em uma mesa.

— Como isso é possível?

Minha mãe gemeu. A enfermeira a carregou para fora do bar pela porta dos fundos e fomos atrás delas. Ficamos assistindo enquanto a enfermeira a colocava em uma van que já estava esperando e, com uma facilidade impressionante, prendia o cinto de segurança nela.

Ele foi até a porta aberta e a enfermeira se afastou para dar espaço a ele,

que acariciou o rosto da minha mãe de maneira carinhosa.

— Está tudo bem. Você vai para casa agora, vai poder descansar.

Minha mãe não respondeu.

— Vou vê-la mais tarde, meu amor. — Ele deu um beijo em sua testa, suspirou e então se virou novamente para Maddy. — Leve-a para casa. Daqui a pouco eu estarei lá.

Ele fechou a porta com gentileza e bateu na janela. Ficou vendo a van se afastar e permaneceu assim por muito tempo depois que ela já tinha desaparecido de vista.

— Para onde a enfermeira a está levando? — perguntei, sentindo o pânico tomar conta de mim diante da ideia de que eu não sabia onde ela estaria depois de ter partido.

— Para a minha casa. — Critter respondeu, mas corrigiu logo em seguida. — Para a *nossa* casa. — Ele coçou a cabeça e finalmente se virou. — Onde sempre foi o lugar dela.

Onde sempre foi o lugar dela.

Ele colocou a mão no meu ombro. Eu dei um pulo para trás como se ele tivesse me dado um choque ao invés de ter tentado me amparar. Ele olhou para o chão.

— Eu sei que você tem muitas perguntas...

— Perguntas? — indaguei e, sem que eu percebesse, comecei a dar risada. Uma risada aguda e desagradável como o som de um animal noturno que se ouve, mas que não se consegue distinguir exatamente o que é.

— Pergunta é uma palavra que parece pequena demais nesse momento.

— Desculpe não ter contado quando você chegou aqui — desculpou-se, ignorando a minha explosão de raiva. — Mas sua mãe estava tão mal que não quis que você tivesse que ficar de luto uma segunda vez se as coisas não… se ela… Porra. — Ele respirou fundo. — Nunca passou pela minha cabeça o estado em que ela estaria quando eu a trouxesse de volta. Fui ingênuo achando que ela simplesmente voltaria a ser como era antes. Eu deveria ter imaginado. Uma pessoa não poderia passar duas décadas com um homem como o Richard Dixon e sair inteira. — Ele olhou para mim e se encolheu, percebendo o que tinha acabado de dizer. — Desculpe, eu não quis… você, o seu…

— Não precisa se desculpar. Essa é a única parte disso tudo que faz sentido para mim até agora. Você está certo. Não se passa duas décadas com um homem como ele e sai inteira. — Dei um suspiro trêmulo. — Eu sei muito bem como é. Mas me conta, por favor, o que tem de errado com ela? Como ela veio parar aqui?

— Ela está sofrendo de transtorno de estresse pós-traumático. É a mesma

coisa que os soldados, às vezes, enfrentam quando voltam para casa depois de um combate. E eu não tenho a menor dúvida de que sua mãe viveu em uma maldita zona de guerra. No começo, ela ficava quieta, mas estava bem. De um modo geral, só perguntava de você. Ficava chamando por você no meio da noite. Então, contamos a ela que você estava aqui e que estava em segurança, e foi como se todas as muralhas que ela tinha erguido desmoronassem, a magnitude de tudo a atingiu como um maldito maremoto.

— Ela vai melhorar? — perguntei.

Os olhos de Critter se encheram de lágrimas e ele soltou o ar dos pulmões lentamente.

— Só o tempo dirá. Ela está recebendo ajuda, mas tem os seus momentos. Às vezes, quando está em crise, ela vai e volta, oscilando entre o presente e o passado, achando em algumas ocasiões que estamos vivendo vinte anos no passado.

— Você mentiu para mim — desabafei. Mas assim que as palavras saíram pela minha boca, me arrependi. Aquela era a menor das minhas preocupações, mas por alguma razão o meu cérebro colocou aquilo em primeiro lugar.

— Sim, eu menti — admitiu ele. Não houve pedido de desculpas nem arrependimento em sua voz. — Mas, se serve de consolo, eu sei como você se sente. Achei que ela tivesse morrido. Achei que tinha me deixado e que ele a havia matado. — Ele apertou e relaxou os punhos. — Agora eu sei que era isso que ele queria que eu achasse. Sua mãe achava a mesma coisa. Que eu estava morto. Mas eu sonhei com ela e senti que estava viva de alguma maneira. Enviei uma equipe para procurá-la outra vez. Alguns amigos veteranos que são especialistas nesse tipo de coisa. No começo eles não descobriram nada, mas depois localizaram o trailer e a caminhonete em um armazém na Carolina do Norte. Foi assim que cheguei até ela. Foi assim que eu soube onde ela estava.

— Ela fingiu a própria morte? — perguntei, achando aquilo bastante estranho. Ela tinha deixado aquela caixa para mim. A carta. A caminhonete e o trailer. Praticamente admitira que tiraria a própria vida.

Critter olhou para o chão e arrastou os pés.

— Não, ela não fingiu a própria morte. Fomos nós. Ela não sabia nada dessa história e nem sabia que eu estava vivo.

— Mas, então, por que ela me escreveu uma carta se desculpando por tirar a própria vida? Isso não faz sentido.

Critter estremeceu como se alguém tivesse colocado um cubo de gelo na base do seu pescoço.

— O plano era tirar vocês duas dali, mas no dia em que planejamos fazer

a coisa acontecer, eu a estava observando a certa distância, esperando que vocês duas atravessassem a rua... Mas ela estava sozinha. E alguma coisa estava fora do lugar. Ela não estava apenas triste. Tinha alguma coisa a mais ali. Uma finalidade no modo com o qual observava o trânsito passar estrada. Peguei meu rádio e chamei os meninos. Fizemos parecer que ela tinha atravessado propositalmente. Conseguimos alguns membros da sociedade não tão honestos para que fizessem a parte suja para nós. Eles subornaram todos naquela cidade por sete dias até domingo, até sua mãe estar morta em todos os sentidos, exceto naquele que importava. No sentido de deixar de respirar.

— Isso tudo é... uma loucura.

— Exatamente — concordou ele, acendendo um charuto.

— Nosso plano era voltar para pegar você alguns dias depois. Eu jamais a deixaria para trás. É importante que saiba disso. Mas quando chegou o dia planejado, você já tinha fugido. Eu quase tive um enfarte quando você apareceu no bar naquele dia.

— Esse tempo todo em que eu estou em Outskirts, ela... ela também estava aqui? — perguntei com um sussurro.

Critter assentiu sem tirar os olhos de mim. Sua fronte agitada estava franzida e as linhas em seu rosto tinham se transformado em rugas.

— E... e você tem cuidado dela? — perguntei já sabendo a resposta.

Outro pequeno aceno com a cabeça.

De repente, a necessidade de respirar fundo ficou insuportável. Meu peito ficou apertado. Minha boca ficou seca. Eu não conseguia engolir, era como se alguma coisa estivesse entalada na minha traqueia. Esfreguei os meus braços como se pudesse acalmar o fluxo de mal-estar e confusão que percorria o meu corpo inteiro. Senti frio e então calor. Enjoo.

Sufocada e tonta, eu tentava respirar.

Eu precisava sair dali. Ir embora. Ir... para algum lugar. Algum lugar menos confuso. Qualquer outro lugar.

Sem dizer mais nenhuma palavra, me virei e saí do bar. Corri debaixo da chuva que tinha começado a cair.

Eu deveria estar extasiada pelo fato de minha mãe estar viva, e eu estava. Mas havia alguma coisa impedindo aquele sentimento de ser verdadeiramente registrado. Um sentimento profundo de mágoa. Uma traição.

Eu corria cada vez mais rápido. A chuva caía com mais força, como agulhas picando a minha pele a cada passo.

Eu costumava ter medo de tempestade. De trovão. De chuva. De relâmpago. De vento. Então Finn me ensinou a enfrentar esse medo e a usá-lo como um lembrete para buscar a beleza em algo que pode parecer feio e cruel.

Mas enquanto a chuva continuava a cair intensamente ao meu redor, encharcando as minhas roupas e a minha pele, ela não era um lembrete. Ela não provocou nenhum medo e nenhum tipo de emoção.

Era apenas chuva. Apenas água.

Porque a minha mãe estava viva.

CAPÍTULO 2



SAWYER

Finn está em cimda de mim na cama, seu corpo pesa sobre o meu da maneira mais deliciosa. O calor de seu peito aquece meu coração, assim como a minha pele. Seu cabelo loiro está desgrenhado. Um brilho sutil de suor cobre sua pele levemente bronzeada. Os músculos definidos do ombro estão enrijecidos de tensão.

Deslizo a mão sobre sua mandíbula tensa e ele fecha os olhos como se meu toque fosse tudo para ele e, naquele momento, sinto como se fosse. Ele me fita com os lindos olhos azuis que brilham como se pudessem ver minha alma, no momento em que investe para dentro de mim pela primeira vez. Meu corpo se incendeia e ele geme, entrando e saindo do meu corpo novamente. Ele me beija, bebe nos meus lábios como se estivesse morrendo de sede e, gemendo, sussurro seu nome em sua boca enquanto nossas línguas se encontram.

— Eu te amo — sussurra ele.

Estou tremendo. De alegria. De desejo. Ele é tudo que eu nunca soube que precisava. Meu coração expande e meu sexo se contrai em volta do dele enquanto ele investe com mais força e mais profundamente para dentro do meu canal inchado.

Estou muito perto. As preliminares são quase dolorosas. Cada movimento me deixa mais necessitada que o último.

Finn entra em mim cada vez mais rápido. Investindo incansavelmente cada vez mais forte. E quando estou prestes a ter meu alívio... ele desaparece. A cama desaparece. Estou agora em pé atrás de uma multidão familiar em um cenário ainda mais familiar. Um lugar onde eu nunca quis estar pela primeira vez.

— Casamento é a promessa mais sagrada que se pode fazer. Apenas Deus está à frente da família. — O Reverendo prega atrás do seu púlpito de mentiras. O caixão da minha mãe está na frente e no centro.

Estou de volta ao seu funeral.

Mas alguma coisa está diferente.

Errada.

Todas as pessoas na multidão estão sorrindo. Elas ficam olhando por cima dos ombros como se esperassem alguma coisa.

Finn surge no meu campo de visão e eu me sinto instantaneamente

aliviada ao vê-lo. Solto o ar. Ele está lindo como sempre, vestindo um terno cinza escuro com uma gravata combinando. Os cantos externos dos olhos enrugam-se sutilmente quando abre mais o sorriso radiante. Sinto um frio na barriga. Ele percorre a nave da igreja e, quando se aproxima, eu me dou conta de que ele não está olhando para mim. Ele está olhando através de mim.

Finn passa por mim, segue até o púlpito e para ao lado do reverendo, que coloca a mão no seu ombro.

O que ele está fazendo aqui? O que está acontecendo? Eu me pergunto enquanto olho para baixo e vejo que estou vestindo outra vez uma saia comprida e uma blusa cinza disforme.

Tento dar um passo para ir até ele, mas não consigo. Estou paralisada. Tento gritar o nome dele, mas não consigo emitir som algum. Ele não consegue me ouvir.

Está focado em outra coisa no centro da nave.

Em outra pessoa.

Surge então uma mulher linda, com um cabelo loiro perfeito e um sorriso branco e reluzente. Ela está usando um longo vestido branco de noiva. Uma lágrima escorre em seu rosto quando ela se aproxima de Finn, que pega suas mãos. Eles só têm olhos um para o outro.

— Estamos aqui reunidos diante de Deus para celebrar o casamento de Finn Hollis e Jacqueline Watson... Jackie.

OS RENEGADOS

Não ouço o resto. Não consigo ouvir. Não consigo respirar. Sinto um aperto no peito, como se alguém estivesse pulando sobre ele.

Tento gritar outra vez, mas não funciona. Eles não conseguem me ouvir. Ou, pelo menos, Finn não consegue. Jackie olha para mim, virando a cabeça sempre muito lentamente.

Ela pisca.

Respiro com dificuldade e me afasto da tenda. Derrubando as cadeiras que estão no caminho. Tropeço em uma lápide e, quando me seguro para não cair, consigo ler o nome gravado ali.

O meu.

Eu me viro e corro. Cada vez mais rápido, sigo pulando por cima de lápides, até que elas se transformam em árvores em uma terra cada vez mais encharcada sob os meus pés.

Estou sem fôlego, mas enfrento a forte sensação de ardor que cresce nos meus pulmões. O ar entra quente pela minha garganta quando respiro pela boca na tentativa de puxar o máximo possível de oxigênio para poder seguir adiante.

Preciso continuar.

Escuto o eco de passos correndo atrás de mim.

Não estou sozinha.

Corro cada vez mais rápido. A vegetação vai ficando cada vez mais densa, até que a minha saia comprida enrosca em um galho que me faz parar de repente. Caio para frente. Minhas mãos queimam quando suavizo a queda me apoiando em um tronco. Meus dentes vibram como um diapasão quando meu queixo bate na terra.

Eu me viro e tento puxar a minha saia para soltá-la da vegetação em que está enroscada, mas de repente os espinhos no galho que está me prendendo viram dedos. Os dedos vão ficando cada vez mais compridos, as flores viram mãos, os galhos viram braços. Flores de carne aterrorizantes. Centenas delas tentam me alcançar e eu patino na terra mole, tentando me levantar para sair dali.

Desabotoo a minha saia e tento tirá-la passando pelas pernas, mas é tarde demais. As mãos estão me segurando ali no chão. Lutar é inútil. Estou presa, minha cabeça está envolta pela carne das flores com dedos humanos.

Tento gritar enquanto mais e mais brotos aparecem do nada, estendendo-se pelo meu corpo e me prendendo como uma pessoa louca a uma maca, mas novamente, silêncio.

Um pequeno vão entre dedos me permite ver as pernas da pessoa que me perseguia se aproximarem e pararem.

Minha boca é repentinamente tampada com uma mão.

Depois meu nariz.

Não consigo respirar e finalmente tenho a visão completa da pessoa.

Minha mãe.

Ela olha para baixo, balança a cabeça e sorri. Ajoelhando-se ao meu lado, começa a rir silenciosamente. Sua boca está escancarada, seus ombros tremem com violência.

Eu me pergunto se não consigo ouvi-la porque as mãos estão cobrindo as minhas orelhas.

Ou se porque eu já estou morta.

CAPÍTULO 3



FINN

Depois que vi a comitiva da igreja chegando, passei a tarde inteira os observando montar as tendas e descarregar os caminhões.

Peguei meu barco e, quando cheguei perto o suficiente, desliguei o motor. Remei até um barranco e fiquei em silêncio ouvindo os trabalhadores enquanto cuidavam dos preparativos para o culto. Eu não tinha ouvido muita coisa além de instruções gritadas e estava prestes a ir embora quando ouvi as vozes de dois homens imediatamente acima de mim. Eles caminhavam ao longo da margem do barranco a pouco mais de um metro acima de onde eu estava. Agachei e me encolhi para ficar o mais perto que pude da parede de lama.

— Quem vai pregar a palavra do Senhor nessa temporada? — perguntou um dos homens. Fiquei de orelha em pé no mesmo instante. Meu batimento cardíaco acelerou.

— Eu acho que vão mandar o Pastor Young, já que o Pastor Dixon só vem no final da temporada. Se é que realmente vai vir e, se vier, será pelo menos algumas semanas depois do restante de nós.

— É uma pena o que aconteceu com a esposa dele. Que Deus a tenha.

— Sim, mas o Senhor tem os seus planos.

— Amém. A família é a luz do Senhor. É a sua vontade personificada — murmurou o outro homem concordando, e então partiram.

Obrigado. Richard não viria. Mas enquanto eu voltava para terra firme para procurar Sawyer, fui tomado por uma inquietação. Talvez ele não viesse naquele momento, e eu não tinha dúvidas de que Critter ainda estava de olho nele, mas o meu alívio durou pouco porque eu sabia que ele sempre seria uma ameaça. Estaríamos sempre preocupados.

Quando voltei para minha caminhonete, eu não tinha me dado conta de quanto tempo ficara observando o grupo da igreja, mas quando chequei meu celular, vi que havia cinco chamadas perdidas. Duas do telefone fixo do bar do Critter e três do próprio Critter.

Liguei para o celular dele e ele me atendeu de maneira rude:

— O quê?

— A comitiva da igreja está na cidade, mas eu ouvi a conversa entre dois trabalhadores. Richard Dixon não vai se juntar a eles este ano.

— Ótimo. Tenho um amigo que vai me dizer se ele atravessar a fronteira

do estado, mas nesse momento temos coisa mais importante para nos preocupar. Sawyer sabe da mãe dela.

— Eu achei que você fosse esperar.

— Sim, mas Caroline teve um momento de lucidez e tudo que ela queria era ver a filha. Eu achei que poderia ajudar.

— E ajudou?

Houve um silêncio.

— Não. Para nenhuma das duas.



A porta da biblioteca estava destrancada e uma única luminária de mesa estava acesa no centro do salão. Lá estava Sawyer, debruçada sobre a mesa com um livro debaixo dos braços e com seu cabelo bagunçado espalhado como os raios de um sol castanho avermelhado. Dei um longo suspiro de alívio.

— Achei que a encontraria aqui — declarei, aproximando-me por trás dela e me inclinando por cima de seu pescoço, inalando seu familiar perfume de lavanda. — O que está fazendo? — sussurrei, descansando o queixo no ombro dela.

Ela ergueu a cabeça, virou e se afastou. Notei imediatamente o rosto manchado de lágrimas. Os olhos inchados. As bochechas vermelhas.

— Eu devo ter caído no sono — explicou ela, parecendo atordoada e com a respiração pesada. — Eu tive um pesadelo.



— Você está bem? — perguntei, me agachando na frente de Sawyer e pegando suas mãos. — Falei com Critter. Ele me contou o que aconteceu com sua mãe. Você está bem?

Eu me curvei e a abracei, pressionando o meu rosto áspero contra seu rosto macio.

Ela encolheu os ombros lentamente como se eles estivessem pesados debaixo do peso de seus problemas.

— E aí tive esse pesadelo em que você estava... deixa para lá.

— Pode me contar — insisti.

Ela negou com a cabeça.

— Não é importante. Eu achei que eu era ingênua e que eu não sabia muita coisa sobre o mundo lá fora, mas, pelo que parece, eu não sei muita coisa sobre nada, incluindo meu passado, incluindo qualquer coisa sobre minha própria mãe. Ela está... ela está viva, mas não é a mesma. Critter disse que é uma coisa que chamam de transtorno de estresse pós-traumático. Eu realmente quero

me sentir feliz. Eu só... não consigo. Ainda não. Isso está sendo demais para mim.

Tem mais coisa.

Na mesma hora, um sentimento de culpa tomou conta de mim por ter escondido a verdade dela. Ela merecia saber de tudo.

— Say, eu tenho que contar uma coisa — comecei a falar, mas ela me interrompeu:

— Eu não consigo nem imaginar ter uma filha e desaparecer simplesmente, deixando-a acreditar que eu estou morta quando não estou. Nem por um segundo.

Ela colocou a mão na barriga e então colocou os braços em volta de si mesma em um abraço que dava a impressão de que aquela ideia estava fazendo mal a ela fisicamente. Na verdade, é bem possível que estivesse pois ela parecia muito mais pálida do que de costume. Seus olhos estavam marcados com olheiras.

— Eu só estou muito confusa. Não sei o que fazer com todos esses sentimentos. A raiva. A mágoa. Tudo...

Sawyer virou-se para trás e deixou a cabeça cair sobre o peito. A minha garota forte que tinha enfrentado o seu próprio diabo com chifres estava se debatendo, e eu me senti impotente quando os seus ombros balançaram.

— Ei! — disse eu, envolvendo-a com os meus braços. — Você está certa, quer saber? Quando você se tornar a mãe dos nossos filhos, eu sei que jamais vai abandoná-los, custe o que custar. Porque é assim que você é. Nenhum de nós faria isso. Nunca. Mas você ainda não sabe de tudo. Você precisa conversar com Critter. Com a sua mãe e...

— Nossos filhos? — indagou Sawyer, fungando.

Senti um aperto no peito. De tudo que eu disse, isso foi o que soou mais alto para ela.

— Sim. Nossos filhos. Juntos. Eu e você. — Envolvi o rosto dela com a minha mão. — Não tem nada que eu gostaria mais do que te ver carregando o nosso bebê um dia.

E era verdade. Imaginar Sawyer carregando o meu bebê aquecia o meu coração e fazia uma parte mais primitiva de mim querer bater no peito e rugir para a noite. Como nenhuma precaução tinha sido tomada, era sempre uma possibilidade.

Sawyer sorriu com lágrimas nos olhos.

— Eu sinto o mesmo. Algum dia, eu gostaria muito que isso acontecesse.

A tristeza em sua voz deixou o meu coração agitado no peito, por ser incapaz de arrancar a dor que ela estava sentindo.

Eu estava abraçando Sawyer com força contra o meu peito quando ela me empurrou por um instante para pegar um panfleto amarelo todo amassado que me era familiar e que tinha sido enfiado na caixa de correio. Eu sabia exatamente o que era aquilo porque Critter já tinha me mostrado antes.

Era a primeira vez que Sawyer estava vendo aquele papel. Em Outskirts, pelo menos. Prendi a respiração quando ela começou a analisar o panfleto. Ela arregalou os olhos. Não teria como o logo da igreja Luz Divina passar despercebido.

— Ele está… Ele está aqui — sussurrou ela. Sem piscar ela deu um passo trêmulo para trás, derrubando uma cadeira.

Estendi a mão na direção do panfleto. Eu precisava tirar aquilo dela, como se com isso eu também pudesse arrancar o medo que estava estampado em todo o seu rosto.

— Não. Ele não está aqui. Ainda não.

Sawyer tropeçou outra vez. Ela endireitou o corpo antes de se apoiar em uma das estantes de livros. O panfleto ainda estava em sua mão dela e ela o ergueu com o punho fechado.

— Como você sabe disso? Você não tem como saber! Ele está aqui, e eu não vou deixar que ele me pegue. Não vou! Você não o conhece. Ele vai me achar. Vai tentar acabar comigo do mesmo jeito que acabou com ela!

Sawyer se virou, mas eu girei o corpo dela de volta para que me encarasse. Eu me agachei para que meus olhos ficassem alinhados com os dela e ela pudesse ver a verdade neles, caso ela não a escutasse nas minhas palavras.

— Eu sei que ele não está vindo porque fui até lá. No parque de eventos da cidade. Era lá que eu estava essa noite. Eu vi os caminhões chegando pela estrada e fui atrás.

Sawyer se afastou e, dessa vez, deixei que ela ganhasse espaço. Eram apenas alguns passos, apesar de, naquele instante, parecer que havia um desfiladeiro entre nós.

— E ninguém pode acabar com você. Ninguém. Você é forte demais para gente de mente fraca conseguir acabar com você. Pense em tudo que você passou e em como conseguiu chegar tão longe.

— Eu não vou deixar que tirem tudo de mim. Não agora que encontrei esse lugar. Não agora que encontrei você.

Eu estava me sentindo péssimo por ter deixado de contar as partes da história que — como diria Critter — não eram minhas e que, por isso, eu não tinha o direito de contar.

— Eu fui lá e ouvi alguns trabalhadores conversando. O seu pai... Richard não vem. Pelo menos nesse primeiro momento. Nós temos tempo. Não

vamos estar aqui quando ele chegar. Vai ficar tudo bem — afirmei, tentando convencer tanto a mim quanto Sawyer.

Ela discordou de mim.

— Ele vai querer se vingar por causa do dinheiro que eu roubei. Vai querer se vingar porque eu fugi. Vai me matar do jeito que eu tenho certeza que ele sempre planejou porque ele me culpou quando ela morreu. — Um olhar de puro pânico atravessou o rosto dela. — Espera aí. E a minha mãe? Ele sabe que ela está viva? Ela não pode saber? Se ele não está lá, então onde ele está? Onde está o meu pai?

Ela colocou os dedos trêmulos sobre os lábios.

Eu me encolhi pensando na próxima resposta que eu precisava dar a ela.

— Ele não está aqui. Se ele cruzar a fronteira do estado, nós seremos os primeiros a saber. Eu vou te proteger, Sawyer. Juro por tudo que eu tenho que eu vou te manter a salvo.

— Mas ele pode vir aqui. Pode vir atrás de nós. — Ela respirava com dificuldade. —Minha mãe!

— Sua mãe está com Critter nesse momento. Está segura. Eu prometo. Ele não deixaria que nada acontecesse com ela do mesmo jeito que eu jamais deixaria que alguma coisa acontecesse com você.

Os ombros de Sawyer caíram visivelmente, até que ela endireitou a postura como se tivesse repensado o que quer que fosse que a tinha feito cair sentada no início.

— Eu vou até a igreja — anunciou ela, marchando na direção da porta. — Vou contar para eles o monstro que ele é. Eles podem não valorizar as mulheres, mas não podem fechar os olhos para todo o mal que ele causou. Se eles podem usar a Bíblia para justificar as suas ações, então também podem usá-la para ver o quão errados eles estão.

Eu empurrei e fechei a porta no segundo em que ela a abriu.

— Não vai porra nenhuma. Eu vou mantê-la em segurança, queira você ou não. E confrontar uma igreja inteira de pessoas que apoiam o seu pai não está nos planos.

— Eu tenho que fazer alguma coisa! Não posso ficar aqui parada aqui sem fazer nada. Eu tenho que agir. Tenho que atacá-lo primeiro. Tenho que contar a alguém da igreja quem ele é e do que ele é capaz! — Os olhos dela estavam furiosos. Enlouquecidos. — Eu me sinto como um animal enjaulado. Não tenho como fugir. Nunca vou conseguir fugir.

— Vai sim. Mas me conte uma coisa, o que você acha que vai acontecer quando chegar naquela tenda e acusar um deles de coisas que você mesma me disse que eles talvez já saibam? E mesmo que eles não aprovem esse tipo de

coisa, por que eles dariam ouvidos a você? Você é uma desertora sem qualquer prova para confirmar as suas alegações. Em quem você acha que eles vão acreditar?

— Você está certo. — Ela assentiu. Seu rosto estava manchado de vermelho e rosa por cima das sardas. Seus ombros murcharam. Ela deslizou os dedos pelo próprio cabelo e o puxou pelo couro cabeludo. — Eu não posso ficar simplesmente esperando que ele nos machuque outra vez. Não dessa vez.

— Nós vamos pensar em alguma coisa. Vamos pensar em um plano juntos, mas saiba que eu não vou deixar que você tolamente faça alguma coisa que possa colocá-la em algum risco.

— Mas eu posso fazer isso! — argumentou ela. — Eu posso impedi-lo!

— Não! — esbravejei, encurralando-a contra uma estante. Alguns livros balançaram e caíram no chão.

— Nós já conversamos sobre isso, Finn. Não me trate como se eu fosse frágil. Como se eu fosse quebrar. — Ela virou de costas para mim. — Eu não sou ela. Eu não sou Jackie!

— Não. Você não é nem um pouco como ela — concordei baixinho. Estendendo a mão na direção dela, eu a peguei pela cintura gentilmente, como se quisesse lembrá-la de que ela não estava mais sozinha e de que nunca mais estaria outra vez.

— Você é forte, meu amor. Muito forte.

— Então, por favor, pare de me tratar como se não confiasse em mim para lidar com isso quando eu já tive que lidar com coisa muito pior! Eu já vi coisa pior. Se tomamos decisões juntos, então me ajude a tomar essa — pediu ela.

Inclinei o queixo dela para cima até seus olhos encontrarem os meus.

— Não — neguei com rispidez, tentando manter o meu tom de voz o mais suave possível para que ela não confundisse a minha assertividade com raiva. — Isso não está acontecendo. Eu confio em você. Confio. Só quero mantê-la em segurança e eu não posso...

— Você não pode o quê, Finn? — questionou ela, abrindo os braços como se estivesse esperando para agarrar qualquer resposta que eu jogasse para ela.

— Porque seja lá o que for, você tem que me contar, me conte, porque eu estou cansada dessas meias verdades que têm sido empurradas para mim a minha vida inteira.

— Eu não posso perder você, caralho! — gritei. A minha resposta ecoou ultrapassando as paredes e o teto, nos cercando no desespero das minhas palavras.

Ela deu um passo para trás, mas eu a segurei. Baixei a cabeça e olhei no fundo dos olhos dela. Com toda a determinação que eu consegui reunir, contei a verdade para ela. Mais gentil dessa vez.

— Eu simplesmente não posso perder você. Eu não vou conseguir passar por tudo aquilo outra vez. Não com você. Jamais. Eu simplesmente não vou conseguir, porra. Não me obrigue a passar por isso. Eu não vou me recuperar porque eu me recuso a viver sem você.

A raiva foi instantaneamente apagada dos seus olhos e ela inclinou o corpo na minha direção. Coloquei os meus braços em volta dela e a puxei para perto.

— Você nunca vai me perder — garantiu ela

— Mas você tem que prometer que não vai me tratar como se eu fosse feita de porcelana ou de papel de seda quando eu...

— Quando você na verdade é feita de energia e fúria — terminei a frase para ela.

— Eu não sei exatamente o que você quer dizer com isso... — comentou ela, rindo sutilmente e fungando. — Eu só ia dizer que eu não sou.

— Significa que você é uma força com a qual temos que lidar. Eu sei disso, Say. — Tirei um cacho de cabelo rebelde que tinha caído nos meus olhos. — Eu soube disso no momento em que a vi naquela estrada e tive a confirmação quando você veio andando pela minha clareira.

Ela ficou nas pontas dos pés. Esticando o pescoço, sorriu tocando os lábios na pele abaixo da minha orelha e sussurrou.

— A clareira também é minha.

Minha risada virou uma gargalhada e eu a peguei no colo e carreguei até uma mesa.

— Eu estava certo. — Dei um beijo rápido nos lábios dela. — Pura energia e fúria.

Peguei seu rosto em minhas mãos e ela virou ao meu toque. Seus olhos ainda lacrimejavam. Tristes. Meu coração estava agitado no peito.

— O que eu posso fazer para melhorar as coisas? — perguntei, deslizando o polegar sobre suas lágrimas.

— Eu vi os tinidos essa noite. Aqueles que você pendurou para mim. Um pouco antes de tudo... que aconteceu com a minha mãe. — Ela abriu um sorriso triste. — Obrigada.

— Aquilo é a pura verdade. Pendurei aqueles tinidos semanas atrás. — Respirei fundo. — Eu faria qualquer coisa por você, Say. É só você me falar, o que eu posso fazer por você agora? Eu odeio ver você desse jeito.

Sawyer pensou por um instante.

— Eu só não quero pensar nisso agora. Em nada disso. Só quero um segundo para respirar. Para pensar em qualquer outra coisa. Para desaparecer da realidade. Para sentir... qualquer outra coisa. Só por um instante.

Novas lágrimas encheram seus olhos e eu pude sentir a dor apertando no meu peito.

A raiva estava vindo à tona e eu me vi de punhos cerrados disposto a combater aquele monstro invisível do passado que atormentava a minha garota de dentro para fora.

— Só tire isso de mim, Finn. Só tire isso de mim. — pediu ela, colocando a pequena mão no meu peito e erguendo um olhar de súplica na minha direção.

Eu dei um suspiro trêmulo.

— É só você falar, Say, fale o que você quer e eu faço — sussurrei, pressionando meus lábios no pescoço dela logo abaixo da orelha.

Ela estremeceu com meu toque. Os pequenos pelos na sua nuca ficaram arrepiados. Ela arfou quando passei os dentes em sua pele, e isso acelerou meu pulso, que martelava alto nos meus ouvidos. Arrastei os lábios até sua mandíbula. — Eu... eu quero... — gemeu ela.

— Pode falar. Você me quer, Say? Quer transar comigo? Quer que eu faça você gozar tão gostoso que vai esquecer de tudo, até do próprio nome? — Mergulhei os dedos no cabelo bagunçado dela que parecia cair como uma cascata. — Eu posso fazer isso. Posso fazer seu corpo se sentir tão bem, que sua mente vai poder descansar por alguns instantes.

— Eu quero — gemeu ela. Quando nossos olhos se encontraram, percebi que havia tanto desejo quanto constrangimento em sua confissão. Ela desviou o olhar para os próprios pés e seu rosto ficou vermelho.

— Olhe para mim.

Levantei seu rosto pelo queixo para conectar nossos olhares outra vez.

Ela me acompanhou, mas ainda havia hesitação em seus olhos. Vergonha.

— O que nós fazemos? Você e eu? — perguntei apontando para ela e então para mim. — Não é vergonhoso. O jeito que um faz o outro se sentir? É bonito demais. É a experiência mais bonita que eu já tive. Nunca tenha vergonha de me dizer o que você quer. De me pedir. Eu adoro saber que você me deseja, Say. Agora eu quero que você peça para eu comer você.

Peguei o pulso dela e guiei sua mão até o fecho da minha calça jeans para que ela pudesse sentir que eu estava dizendo verdade.

— Está sentindo o que você faz comigo?

Ela arfou.

— O fato de que você quer que eu tire a sua dor por alguns minutos dessa

maneira é o presente mais precioso que poderia me dar, e não só por se tratar do seu corpo. Mas por se tratar da sua confiança.

Dei um beijo suave em sua sobrancelha. Na têmpora. Na bochecha.

Seu pulso acelerou.

— Obrigado por confiar em mim — sussurrei antes de beijar sua boca até nós dois começarmos a gemer.

Os lábios rosados e macios de Sawyer se abriram para mim e a língua dela buscou a minha com voracidade, enquanto minha mão subia serpenteando por sua coxa e entrava na calcinha. Gemi quando a encontrei completamente molhada e pronta para mim, mas eu ainda tinha que ouvir as palavras.

— Eu vou dar o que você precisa. Sempre. É só dizer o que você quer e eu dou.

— Como?

Ela respirou erguendo o pescoço para mim. Nossas testas estavam encostadas uma na outra enquanto respirávamos um no ar do outro. Eu estava pronto para ela. Para estar com ela. Dentro dela. Mas eu precisava que ela dissesse as palavras.

— Repita comigo. — Fixei meu olhar no dela. — Eu quero você.

— Eu quero você — repetiu ela com um sussurro. Eu vi o desejo puro naqueles olhos e sabia que eles refletiam o meu próprio desejo.

Ela estremeceu e fechou os olhos.

— Olhe para mim — insisti. Quando ela abriu os olhos, eu a beijei outra vez. Profunda e loucamente. Como se a minha vida dependesse da minha boca conectada com a dela de alguma maneira.

Engoli com dificuldade.

— Boa menina — elogiei mordiscando o lóbulo da sua orelha. Contornei seu mamilo com o polegar por cima da camiseta e as costas dela arcaram, empurrando o peito contra o meu. Ri com os lábios contra seu pescoço. — Agora, diga: Finn, eu quero que você me coma.

Meus olhos desceram até o pescoço de Sawyer, onde pude ver o pulso acelerado sob a pele macia. Ela contorceu os lábios grossos e rosados. Sua hesitação durou apenas um segundo antes de me abraçar pelo pescoço e me puxar para ela até que a ponta do nosso nariz se tocasse. Seus lábios tocaram os meus de leve.

— Finn, eu quero que você me coma.

— Isso — gemi.

Posso ter pedido para ela dizer aquelas palavras, mas ouvi-las provocou um fogo intenso e devastador de luxúria dentro de mim, me fazendo explodir e perder o controle. Minha sensação era de que aquelas palavras se repetiriam na

minha cabeça pelo resto da minha vida.

Finn, eu quero que você me coma.

Eu a levantei para cima da mesa mais próxima e a deitei. Arranquei sua calcinha com um puxão e, enquanto eu a devorava com os olhos, de alguma maneira consegui me concentrar o suficiente para soltar o meu cinto e baixar a calça, liberando meu pau pulsante.

Sawyer gemeu quando abri suas pernas e me posicionei entre elas. Aquele som era o paraíso. Nossas línguas dançavam enquanto um absorvia o outro. Saboreei a sensação de ter o corpo dela encostado no meu. O rígido tocando o macio. Enterrei os dedos na carne daquela bunda perfeitamente redonda antes de levá-los até boceta, onde abri as dobras quentes e dedilhei aquele clitóris inchado, porque Sawyer era o instrumento que eu conhecia como ninguém e só eu sabia como tocá-la com perfeição.

A expressão do seu rosto quando enfiei um dedo dentro dela foi como se eu tivesse acabado de dar a ela alguma droga. Ela estava entorpecida de prazer. As pálpebras estavam pesadas. As pupilas, dilatadas e escuras. Eu estava determinado a arrancar daquele corpo maravilhoso todo o prazer possível, e eu estava dando a ela exatamente o que ela tinha me pedido.

Fuga.

E se tinha alguém que entendia de fuga, era eu.

Sawyer se contorceu na minha mão, escorrendo pelo meu punho. A sua boceta apertou em volta de mim e eu gemi, desejando ter sentido aquilo no meu pau. Passei meu braço em volta de sua cintura e a arrastei para a beirada da mesa.

— Isso, se esfregue na minha mão — exigi com uma rispidez abafada. Perdida nas sensações, ela ergueu o olhar para mim por apenas um segundo antes de começar a girar o quadril na minha mão, que continuava a foder e a dedilhar furiosamente todo lugar que a fazia gemer.

Ela revirou os olhos quando foi atingida pela primeira onda de orgasmo. O som do meu nome ecoou pelo salão. A boceta dela se contraiu com tanta força que eu não sabia se ia conseguir tirar o meu dedo dali. Foda-se. Não importava. Eu ia ficar feliz em deixá-lo ali para sempre.

Eu a empurrei de volta na mesa abri os grandes lábios com o meu pau, puxei seu corpo para baixo para que aquela boceta apertada me envolvesse.

Ela jogou a cabeça para trás e apertou os lábios. Deve ter percebido que estava gritando alto depois que gozou a primeira vez porque ela estava tentando se conter.

— Ninguém pode ouvir você e quem é que se importa com isso? Pode se soltar, Say — declarei com a voz rouca, vendo estrelas, enquanto eu investia

para dentro da boceta apertada dela até chegar tão fundo quanto o corpo dela permitia. — Isso aqui somos nós dois, lembra? Você não tem como errar. Grita. Berra. Arranha. Morde. Mas não tente se controlar. Nunca tente se controlar comigo, porra.

Eu tirei metade e então investi com força de novo.

Ela abriu a boca e o som mais incrível saiu. Meio gemido, meio grito, aquilo quase me fez gozar dentro dela instantaneamente. Fiquei tonto. Queria gravar aquele som e ouvi-lo de novo e de novo.

Sawyer tinha despertado sentimentos em mim que eu nunca achei que sentiria de novo, e era como se depois que ela tinha aberto a garrafa, a tampa nunca mais poderia ser colocada de volta. Porque o meu desejo por Sawyer, o meu amor por ela, era a coisa mais forte que eu tinha sentido. Cada vez que gozávamos juntos era melhor que a anterior. Toda vez aquilo nos fundia mais e mais, e eu soube, naquele momento, que o nosso futuro era do tipo que apenas termina no para sempre.

Nossos olhos se conectaram quando encontrei o meu ritmo. Cada vez que eu investia, ela devolvia, me puxando cada vez mais fundo para dentro de si, até eu não conseguir mais me segurar e investir ainda mais forte, não havendo mais ritmo algum discernível. Havia apenas prazer e gemidos e batidas de pele contra pele. Quando senti um aperto em volta do meu pau, minha vista ficou branca. O prazer veio como uma injeção na minha espinha e, gritando e contraindo em volta de mim de novo e de novo, ela extraiu até a última gota de porra do meu pau que pulsava.

Junto com as últimas gotas de amor do meu coração. Fiquei ali deitado, com a minha garota dormindo em meus braços, mas não consegui curtir o momento. Meu instinto me avisou que em breve nós dois estaríamos desejando que o nosso alívio temporário da realidade fosse muito mais permanente.

CAPÍTULO 4



FINN

Quando acordei na manhã seguinte, estendi o braço à procura de Sawyer, mas a única coisa que encontrei foi o colchão. Eu me sentei na cama e senti cheiro de bacon. Saí do quarto e fui até a pequena cozinha da sua casa para ser surpreendido pelo banquete que estava esperando por mim no balcão. Junto com o bacon, havia ovos mexidos, torrada, suco, café e batatas.

Meu estômago roncou.

O que mais me surpreendeu foi Sawyer, que ainda não tinha notado a minha presença. Fiquei ali parado por alguns instantes. Olhando para ela. Observando. Ela não só estava cozinhando com habilidade e entusiasmo, rodopiando de um armário para o outro para pegar o que precisava, mas também estava cantarolando junto com a música que estava tocando na rádio.

Aquela não era a mesma garota da noite passada. Fiquei confuso e ansioso ao assistir àquela nova Sawyer saltitar pela cozinha.

— O que é isso tudo? — perguntei. Ela se virou e quase derrubou um prato, mas o recuperou rapidamente e o colocou sobre o balcão.

— Você me deu um susto — disse ela, com um grande sorriso radiante, e percebi na hora que alguma coisa estava errada.

— E eu achava que eu que não sabia das coisas. Isso é café da manhã, claro.

— Não tive a intenção de te assustar — esclareci, aproximando-me por trás e colocando os braços em volta de Sawyer. Dei um beijo em sua cabeça antes de soltá-la. — E eu estou vendo que isso é um café da manhã, eu estava me referindo à cantoria e a essa coisa de cozinhar e ao seu comportamento em geral, não à comida.

Peguei um pedaço de bacon crocante e dei uma mordida. Quase virei os olhos com aquela delícia salgada.

— Eu gosto dessa música. O nome da cantora é Beyoncé. Você já ouviu falar dela? — perguntou Sawyer. Ela pronunciou Beyoncé (Bion-Tchi) e eu não pude evitar sorrir.

— Acho que devo ter ouvido falar dela uma ou duas vezes — respondi, me sentando de frente para o balcão. — Mas o que eu quis dizer foi que ontem você estava bem chateada, e agora? — Apontei para o balcão e para o rádio.

Ela sorriu, mas aquele foi um sorriso forçado que mal passou de uma

linha no rosto dela.

— Nada. Estou indo trabalhar — disse ela, dando de ombros. E foi então que eu vi. O vazio em seus olhos. O espaço onde costumava haver tanta vida. Era como se ela estivesse correndo sem sair do lugar.

— Trabalhar? — perguntei, balançando a cabeça. — Hoje não. Hoje você tem que ir conversar com Critter sobre a sua mãe. E ir vê-la talvez.

Sawyer afastou o olhar e meneou a cabeça antes de colocar uma panela na pia e fechar a torneira.

— Não. Ainda não. Hoje não.

— Say, você não pode simplesmente levar o seu dia como se ontem não tivesse acontecido. Você tem muita coisa para assimilar. Acho que você pode tirar o dia de folga.

Ela olhou para mim como se fosse eu que estivesse agindo de maneira estranha.

— Nesse momento eu prefiro focar nisso. Em tomar o meu café da manhã. Em ser feliz. — Ela olhou para mim. — Com você.

Inclinei o corpo para frente e beijei seus lábios.

— Adoro saber que você quer ser feliz comigo porque trepar é tudo que eu quero no mundo. Mas eu sei o que acontece quando você empurra a merda toda lá pro fundo ao invés de deixá-la sair. Sabe o que acontece?

— Você acaba morando com uma garota maluca de uma seita religiosa no meio do pântano? — perguntou ela, dando um beijo na minha mandíbula.

— Fofo. Mas é sério, pisa no freio aí porque essa merda não funciona. Acredite em mim. Vai falar com Critter. Com sua mãe — aconselhei, sentindo-me mais do que um pouco inquieto diante da atitude bem-humorada dela, ao passo que ontem à noite ela estava prestes a ter um colapso. — Você não pode simplesmente ignorar isso, Say.

— Claro — concordou ela, dando-me outro beijo nos lábios antes de pegar a bolsa e a pendurar no ombro. — Só que ainda não.

— Você me deixa louco. Espere um pouco que eu levo você — ofereci pegando a minha camiseta que estava na cadeira e a vestindo com pressa.

— Está tudo bem. Fique mais um pouco e coma alguma coisa. Eu posso ir andando. Além do mais, eu disse para Josh que eu ia dar uma passada no apartamento dela antes do meu turno.

— Além disso, ainda não sabemos se é seguro — alertei enquanto vestia a camisa e pegava as chaves. — Até que tenhamos certeza, você não vai para lugar algum sozinha.

— Não é nada demais — desdenhou ela, estendendo a mão na direção da porta. — Você não precisa me levar. Posso tomar conta de mim mesma.

— Pois é. — Eu me coloquei no caminho dela. — Mas você não precisa fazer isso. Você não vai a lugar algum. Não sozinha. Eu não estava mentindo quando disse que não posso perdê-la.

O medo que se espalhava dentro de mim era tão real que era quase tangível. Se ela pudesse sentir pelo menos uma fração do que eu estava sentindo, ela entenderia o motivo dos meus pedidos.

É só porque eu fico apavorado com a ideia de te perder.

— Você não é a minha mãe, Finn — contestou ela, com uma expressão vazia naquele rosto lindo que me deu vontade esmurrar a parede.

— Não. Não sou. — Eu me apoiei na parede cruzando as pernas nos tornozelos e ergui os ombros. — Por que você não vai lá conversar com ela?

— Fofo — ironizou ela, usando a mesma palavra que eu tinha usado antes.

— Estou falando sério, Say. Ainda tem coisas que você precisa saber. Coisas que até essa manhã eu achava que você queria saber. Como a razão pela qual sua mãe tinha terras aqui. Como a razão...

— Pela qual Critter é casado com ela? Deixa eu adivinhar, essa história não é sua e, por isso, você não tem o direito de contar?

— B-I-N-G-O.

Sawyer enrugou a testa parecendo confusa e eu concluí que ela não tinha entendido a minha referência.

— O que eu quero dizer é que você está certa. Não cabe a mim contar essa história. E para a sua informação, essa postura de robô emotivo não é para você. Por que não devolve a minha garota?

Ela deu um suspiro.

— E se for demais? — questionou ela com o lábio inferior tremendo. Por mais que eu tenha odiado vê-la triste, fiquei feliz de ver alguma emoção nela. — E se eu não conseguir lidar com o que vou descobrir? E se eles me contarem alguma coisa que eu não vou conseguir apagar? Alguma coisa que vai me perseguir pelo resto da minha vida? Eu não sei se eu sou capaz de lidar com isso.

Eu beijei o topo de sua cabeça.

— Ela é a sua mãe. Você achou que ela tinha abandonado você, mas não abandonou. Ela está aqui agora. Viva. A maioria das pessoas não tem uma segunda chance como essa. As pessoas não voltam do mundo dos mortos, mas ela voltou. Você não acha que deve isso a ela? Ouvir o que ela tem para dizer? O que Critter tem a dizer?

Ela assentiu apoiada no meu peito, mas manteve os ombros rígidos. Estava assustada e tinha todo o direito de estar, mas eu precisava que ela soubesse que não ia passar por aquilo sozinha.

— Say… — chamei enquanto me afastava para poder olhar em seus olhos. — Você tem a mim. Ainda não sabe que eu faria qualquer coisa por você? Quando o mundo pesar nas suas costas, eu vou carregar o peso dele para você. Eu estarei lá. Eu não vou a lugar algum. Nem agora. Nem nunca.

Os lábios de Sawyer se abriram em um sorriso. Era um sorriso pequeno, mas pelo menos era real. Ela fungou.

— Por favor, me leve até ela.

Dei um suspiro de alívio, mas ainda não estava tranquilo. Enquanto Richard ainda estivesse por aí e Sawyer e a mãe estivessem aqui, eu nunca conseguiria relaxar plenamente. Puxei as costas dela contra mim e descansei o meu pescoço no topo de sua cabeça. Eu não estava mentindo quando disse que carregaria o peso do mundo nas minhas costas por ela.

O que eu não mencionei foi a possibilidade de que ele acabasse esmagando nós dois.

CAPÍTULO 5



SAWYER

A casa de Critter, em estilo de rancho, era vermelha com um estuque bege exterior e cortinas pretas cobrindo as duas janelas pequenas da frente. Eu não sabia o que esperar daquela casa, mas o que eu não imaginava era que ela ficava em um campo de girassóis.

Toquei o pingente de girassol pendurado no meu pescoço. Aquele que a minha mãe tinha deixado para mim na caixa embaixo da cama.

Permaneci dentro do carro enquanto Finn saiu e abriu a porta.

— Pronta? — perguntou ele, ajudando-me a descer e apertando a minha mão com força.

— Eu acho que nunca estarei — respondi.

Finn me acompanhou na escada até a varanda da frente, onde Critter estava sentado em uma das duas cadeiras de balanço de vime. Ele não perdeu tempo.

— Sawyer, eu entendo que esteja confusa, mas lembre-se, ela também está. Sua mãe tem alguns momentos de lucidez. Às vezes duram minutos, às vezes, horas. A maior parte do tempo ela acha que está a vinte e dois anos atrás.

— Eu não vou aborrecê-la — prometi. — Pelo menos, vou tentar não fazer isso.

Critter assentiu e eu me virei para Finn.

— Acho que tenho que fazer isso sozinha — declarei.

— Estarei aqui te esperando — avisou ele antes de beijar os nós dos meus dedos e me soltar. Critter abriu a porta para mim.

— Última porta no final do corredor.

Meus olhos se ajustaram à escuridão do lado de dentro daquela casa aconchegante, com tapete fofinho e um milhão de porta-retratos na parede. Aquele lugar parecia uma versão casa do bar.

Quando cheguei ao quarto no final do corredor, parte de mim imaginava que minha mãe estaria deitada na cama, mas ao invés disso ela estava sentada em uma cadeira de balanço no canto, tricotando. Sua enfermeira, Maddy, estava sentada em outra cadeira ao lado folheando uma revista. Maddy ergueu a cabeça quando me viu e lançou um olhar de advertência.

— Critter disse que tudo bem — expliquei

Ela olhou para minha mãe e, então, de volta para mim.

— Caroline, você tem visita — avisou ela em voz alta, mas com doçura. — O melhor jeito de não a deixar irritada é não corrigi-la se ela disser alguma coisa que não pareça certa e não a lembre de quem você é porque provavelmente, considerando o estado em que ela está agora, ela não vai saber.

Com isso, Maddy deixou o quarto e fechou a porta.

— Olá, querida. Qual é o seu nome? — perguntou minha mãe, quando notou que eu estava parada aos pés da cama. Ela abaixou o tricô. Um emaranhado de linha rosa-bebê sem nenhum padrão decifrável. Seu cabelo loiro estava úmido e penteado perfeitamente para trás. Ela estava vestindo um roupão rosa macio por cima de um pijama rosa e branco listrado, e pantufas felpudas. Aquela era a roupa mais colorida que eu já tinha visto a minha mãe usar, fora a regata amarela na foto que eu tinha encontrado na caixa que ela deixara para mim. Ela parecia saudável. Mais pesada.

Mais forte do que em anos.

Fisicamente pelo menos.

— Oi — respondi, sentindo-me estranha por não saber como me apresentar para a minha própria mãe. Procurei em seu rosto qualquer sinal de reconhecimento.

Nada.

Ignorei o nó que crescia em meu estômago e a dor no meu coração.

— Eu sou... Sawyer.

Ela largou o tricô no colo.

— Você deve ser a vizinha sobre a qual Critter estava falando. A vizinha nova com o menininho que fica roubando todos os girassóis. É um prazer conhecê-la finalmente.

— O prazer é meu — respondi, sentando na beirada da cama onde a enfermeira tinha estado. — E sinto muito por ele ter roubado as flores.

— Ah, tudo bem. Sei o quanto crianças podem ser travessas. Desculpa eu não poder pegar alguma coisa para você beber. Critter insiste que eu fique imóvel desde que os enjoos matinais começaram.

— Enjoos matinais? — perguntei. — Você está grávida?

Minha mãe afastou o tricô e passou a mão sobre a sua barriga lisa como se estivesse redonda ao invés de negativa.

— Sim, já estou com seis meses e a sensação de enjoo ainda não diminuiu. Às vezes tenho a impressão de que essa sensação só vai passar quando minha filha já estiver adulta.

— Lamento muito que não esteja se sentindo bem — declarei. — Mas tenho certeza que Critter está cuidando bem de você.

— Aquele homem me daria a lua se eu pedisse. Foi por isso que me casei

com ele.

— Casou? — perguntei.

— Sim, pouco antes de descobrirmos que teríamos um bebê. Foi bem discreto, somente nós dois no campo de girassóis com um juiz de paz do cartório da cidade. Não tenho muitos familiares e nem Critter. Foi mais especial daquele jeito. Mas não vai continuar assim por muito tempo.

Minha mãe estava radiante enquanto balançava e continuava a tricotar.

— Então me conte, como foi que vocês dois se conheceram? — perguntei com naturalidade, tentando parecer uma vizinha curiosa.

— Bom, foi amor à primeira vista. Eu estava... — Ela contraiu o rosto e meneou a cabeça como se estivesse tentando afastar alguma lembrança ruim. — Você não quer me ouvir contar isso tudo, quer? É uma história meio longa.

— Quero sim. Eu realmente quero — encorajei-a a continuar, tentando não demonstrar o nervosismo que causava uma devastação em meu coração.

Eu finalmente ouviria a história pela qual eu tinha esperado por tanto tempo. Parte de mim queria virar e sair correndo. Outra parte não sairia dali nem se uma escavadeira aparecesse derrubando a parede.

— Desde o início, se você quiser — incentivei. — O início de tudo. O seu início. Eu tenho muito tempo.

Olhei para meu pulso como se eu estivesse checando a hora em um relógio, sendo que eu nunca tinha tido um na vida. Sentei-me no chão e puxei os joelhos até o peito, apoiando as costas na cama e tentando não bater o pé no tapete, embora ele estivesse formigando com vontade de fazer justamente aquilo.

Minha mãe olhou para fora da janela enquanto relembrava a história.

— Bom, eu nasci rebelde, por três dias inteiros eu me recusei a vir para o mundo. — Ela balançou a cabeça. — Coitada da minha mãe. Cresci em uma família religiosa e, quando meu pai e minha mãe morreram, fui deixada com os mais velhos da igreja para que eles me criassem, já que eu tinha apenas quinze anos quando eles faleceram.

— Eu sinto muito — respondi com um nó na barriga diante da informação sobre os meus avós, pessoas sobre as quais ela nunca tinha falado.

— Está tudo bem. Já faz muito tempo. Mas foi só então que eu percebi que meus pais eram membros únicos da igreja. Na nossa casa, não precisávamos abaixar o olhar e podíamos falar sempre que tínhamos alguma coisa para dizer, mas não era esse o padrão. Longe disso. Aquele era um jeito rígido de crescer e eu nunca aceitei a ideia.

Nem eu.

— Todo dia quando eu acordava, eu via a luz desaparecer um pouco mais dos meus olhos conforme me enfiavam regras e mais regras goela abaixo. Foi

quando me informaram que eu me casaria com esse homem da igreja. Richard era o nome dele.

Ela se encolheu.

— A última coisa que eu faria era desistir. Eu não conhecia a vida fora da igreja e achava que eu não conseguiria me virar sozinha. Minha esperança era que Richard fosse parecido com os meus pais. Mas só precisei encontrá-lo algumas vezes para perceber que ele talvez fosse o pior de todos eles. Ele me tratava como um cachorro preso, deixava a coleira frouxa para que eu pudesse respirar, mas sempre me lembrava de que um simples puxão na direção errada e eu estaria me sufocando.

Por dentro eu estava chorando pela minha mãe, mas tentei permanecer impassível por fora.

Não foi fácil.

— Em um final de semana, meus tutores me levaram a um culto revivalista itinerante para ajudar. Ficamos em um motel pequeno e eu saía para fazer caminhadas pela cidade sempre que conseguia sair escondida. Um dia, vi uma caminhonete e um trailer que estavam à venda em um ferro velho e uma coisa passou pela minha cabeça. Uma ideia da qual eu não conseguia me livrar.

A minha mãe voltou para o seu tricô e então o largou outra vez.

Ela continuou.

— No dia em que eu me casei com Richard, roubei um crucifixo de ouro que pertencia a ele, e o levei ao ferro velho. Eu o troquei junto com a minha aliança pelo trailer e pela caminhonete. Eu não tinha ido muito longe quando a caminhonete quebrou no acostamento. Saí caminhando para buscar ajuda na direção oposta ao parque de eventos porque, apesar de a liberdade que eu tinha experimentado estar a apenas alguns quilômetros dali, eu sabia que eu jamais voltaria. E aquela caminhada no meio da noite completamente sozinha? Aquilo foi algo glorioso. Foi a primeira vez que experimentei a verdadeira liberdade. Os sons do pântano de noite.

Ela fechou os olhos como se ainda conseguisse ouvir. Aí então ela inspirou profundamente pelo nariz.

— O cheiro de água salgada e enxofre. — Ela abriu os olhos outra vez. — Quando percebi que estava perdida, senti que não me importava se ninguém nunca mais me encontrasse. Foi quando caí de um barranco e fiquei presa naquela pequena faixa de terra lamacenta. Era íngreme demais, eu não conseguia subir de novo. A água, então, começou a subir e eu tive certeza que eu morreria ali.

— E o que você fez? — indaguei, inclinando o corpo para frente.

Ela deu de ombros e voltou a tricotar.

— Não tinha nada que eu pudesse fazer. E havia algo tão... libertador naquela experiência, que eu me sentei na lama e... comecei a rir simplesmente. E foi aí que Critter me encontrou. Eu estava sentada na lama e com a água subindo ao meu redor quando ele passou por perto com o seu barquinho barulhento. Demorou para cair a ficha que eu estava ali, mas ele parou e me puxou. Eu estava coberta de picadas de insetos, com lama da cabeça aos pés e encharcada. E você sabe o que aquele homem fez? — perguntou ela com um sorriso adorável.

— Não. O que foi que ele fez? — perguntei, inclinando o corpo para frente.

Ela sorriu de um jeito que me dizia que nem ela conseguia acreditar.

— Ele começou a rir junto comigo. Aquele homem não fazia ideia da razão pela qual eu estava rindo, mas ele imediatamente se juntou a mim. Ele me levou para o seu bar e, enquanto eu me limpava e trocava de roupa, ele foi até a minha caminhonete e o meu trailer e os rebocou até o bar. Quando eu saí limpa e sem lama, ele olhou para mim e disse uma coisa que eu nunca vou esquecer.

— O quê? O que foi que ele disse? — quis saber

— Ele olhou para mim e disse, é você. Como se tivesse esperado por mim a vida inteira.

Ela olhou pela janela para onde Critter estava sentado na varanda, balançando na cadeira e mexendo em alguma coisa no colo.

— E aí então, antes do café estar pronto pela manhã, tínhamos nos apaixonado louca e profundamente.

— Essa é uma história linda — exclamei. E realmente era.

— E o tal do Richard? — Olhei para as paredes e para o chão e para as paredes outra vez. Para todo lugar menos para minha mãe. — Ele era... ele é o pai do seu bebê?

Minha mãe meneou a cabeça negativamente.

— Não, Deus do céu, não. Eu fui embora antes da nossa noite de núpcias. Por sorte, as coisas nunca chegaram tão longe. Essa menina aqui… — Ela acariciou a barriga. — pelo menos eu acho que é uma menina, é cem por cento Critter.

Cem por cento... Critter.

— Você disse que vocês dois são casados? Você e Critter, quero dizer?

— Com certeza — respondeu ela, antes de voltar a cantarolar e a tricotar. — O casamento com Richard foi apenas uma cerimônia na igreja. Não houve documento algum, então não era legal sob os olhos do estado. Para minha sorte, a igreja seguia as leis de Deus, não as dos homens. Então, eu estava livre para me casar com Critter.

Ela é casada legalmente com Critter.

Parecia que minha mãe estava prestes a dizer alguma coisa, mas parou antes de as palavras saírem. Ela virou a cabeça de um lado para o outro como se estivesse me vendo pela primeira vez. Havia lucidez em seus olhos, uma lucidez que não estava lá antes, mas havia algo mais.

Reconhecimento.

Senti um frio na barriga. Meu coração começou a martelar nos meus ouvidos.

— Sawyer? — perguntou ela, sussurrando e piscando rapidamente. — É você?

— Sim, mãe. Sou eu — respondi o mais gentilmente que pude, mantendo a minha expressão o mais serena possível. Eu nem tinha percebido que eu estava engatinhando pelo tapete na direção da minha mãe até estar ajoelhada diante dela, olhando para dentro daqueles olhos amorosos e familiares.

— Minha menina. É você realmente — afirmou ela, se atirando da cadeira de joelhos para ficar de frente para mim. Ela me puxou para um abraço e eu não consegui controlar as lágrimas depois que elas começaram a cair. Nem minha mãe. Nós ficamos ali, abraçando e chorando uma nos braços da outra.

— Você está viva. Ele me disse que você estava, mas eu não acreditei. Eu precisava vê-la. Você conseguiu. Sinto muito — desculpou-se ela, com o rosto no meu cabelo, me bombardeando com beijos por toda a minha cabeça. — Por tudo.

— Eu consegui, mãe. Por sua causa. Por causa da sua carta e da caixa e das suas instruções. Você me trouxe até aqui. Você me tirou de lá — contei a ela. Enquanto eu falava, senti parte do ressentimento que eu vinha sentindo em relação a ela começar a se dissipar.

— Desculpe não ter contado nada para você — lamentou ela. — Eu não podia. Eu tinha que te manter em segurança. Você precisa me perdoar, meu docinho. Eu fiz o que achei que era o melhor, mas eu estraguei tudo. Tenho tanta coisa para contar para você... — anunciou ela, soluçando com o rosto encostado em mim. — Tem mais coisa que você precisa saber.

— Você não precisa me contar tudo agora — respondi com o rosto em seu ombro enquanto ela me apertava repetidamente como se precisasse, assim como eu, ser constantemente relembrada de que eu realmente estava lá.

Depois de alguns instantes, os braços da minha mãe enrijeceram e, antes mesmo de ela se afastar, eu já sabia que o nosso momento, juntas, tinha passado. Quando ela olhou para mim novamente, a aparência vítrea de seus olhos estava de volta.

— É melhor eu sair do chão. Critter não quer que eu me esforce na minha

condição. Diz que não é bom para o bebê.

Ela se levantou e se sentou de volta na cadeira, pegando o tricô outra vez. Os indícios das lágrimas parcialmente enxugadas em seu rosto eram as únicas evidências do nosso reencontro roubado.

Eu me levantei para sair quando Maddy entrou no quarto e acenou com a cabeça de maneira austera para mim.

— É melhor eu ir. Obrigada por me receber, e obrigada por me contar a história de como você conheceu o seu marido.

Ela sorriu para mim com doçura.

— Não foi incômodo algum. Eu adoro contar essa história. Metade das pessoas dessa cidade já está cansada dela. Obrigada pela visita. Faço questão de que venha outra vez. Domingo talvez? Aos domingos eu faço uma torta de pêssego deliciosa. É a favorita do Critter.

Enxuguei meu rosto molhado com a palma da mão.

— Se não for problema para você, vou adorar.

— Claro. Vai ser um prazer. Até domingo — despediu-se ela com alegria. — E não se preocupe com aquele seu menininho adorável. Sempre que Finn quiser vir até aqui para pegar girassóis, ele será bem-vindo. Nós temos muitos.

Finn.

Acenei sutilmente, me despedindo e esperei até estar quase na porta da frente para sussurrar:

— Tchau, Mamãe.

Eu não sabia como eu me sentiria ao vê-la daquele jeito, mas jamais imaginaria que quando eu a visse voltar para um lugar em que eu nunca tinha existido, eu me sentiria como se ela tivesse morrido outra vez.



Corri para os braços de Finn no segundo em que voltei para a varanda. Enterrei o rosto no algodão macio de sua camiseta e não me afastei até ouvir a voz de Critter.

— Sawyer?

Eu me virei para ficar de frente para Critter, que se levantou da cadeira de balanço com uma expressão de quem já sabia estampada nas linhas do seu rosto.

O rosto do meu pai.

Ficamos ali, olhando um para o outro, por um tempo que pareceu a eternidade.

— Critter? — perguntei como se eu o estivesse vendo pela primeira vez.

Ele balançou o corpo sutilmente para frente, apoiado na ponta dos pés, e cruzou as mãos atrás das costas. Para um homem alto e forte como aquele, o meu coração balançou ao ver como ele parecia vulnerável.

— Nós escutamos a conversa de vocês — avisou Finn atrás de mim.

Critter balançou a cabeça.

— Você se saiu bem, garota. Mas se você não se importar, eu... Por que é que isso é tão difícil, porra? — resmungou ele antes de respirar fundo. — Eu gostaria que você me chamasse de pai. — A voz dele falhou na última palavra.

Meu coração se abriu com uma explosão, libertando um poderoso fluxo de emoções acompanhado de lágrimas incontroláveis. Eu caí de joelhos. Sem que eu tivesse me dado conta, Critter tinha diminuído a distância entre nós. Ele me levantou e me envolveu com seus braços fortes contra o seu peito. Ele tinha cheiro de fumaça de charuto e colônia. Era aquele o cheiro do meu pai e eu ia me lembrar daquilo para sempre.

Eu estava soluçando tão alto, que não conseguia falar, mas Critter estava me observando quando ergui o olhar e movi os lábios e falei baixinho:

— Oi, pai.

Ele me ergueu e me balançou para frente e para trás enquanto os meus pés balançavam pendurados para fora da varanda.

— Ei, garota. — Minhas lágrimas encharcaram a sua camisa enquanto nós nos abraçávamos com força, e ele encheu de beijos o topo da minha cabeça. — Seja bem-vinda à sua casa, filha — disse ele com um soluço engasgado. — Finalmente. Seja bem-vinda à sua casa.

Ficamos assim por um longo tempo, grudados, unidos novamente. Pai e filha.

E choramos.

Choramos porque nós dois finalmente sabíamos a verdade. Choramos pelo tempo perdido entre nós. E apesar de nenhum de nós ter dito em voz alta, eu sabia que em algum momento entre aquelas primeiras lágrimas e o sol que mergulhava no horizonte, nós dois tínhamos chorado por ela.



O sol tinha acabado de se pôr. O céu negro repleto de estrelas tinha assumido oficialmente a sua vez de guardar a terra.

Finn, Critter e eu ainda estávamos sentados na varanda. Eles bebiam cerveja e eu me contentei com um chá gelado, tendo chegado à conclusão de que cerveja era realmente uma bebida que a gente precisa de tempo para aprender a gostar, e eu ainda não tinha tido o tempo necessário.

— Você... você precisa que eu ajude a cuidar dela? — perguntei a Critter.

— É minha mãe. Não é justo você ter que fazer tudo sozinho.

Ele meneou a cabeça e deu um gole na cerveja.

— Ouça, filha, você passou a vida inteira cuidando da sua mãe. Você fez um bom trabalho. Fez mais do que a maioria faria na sua situação. Porra, você ficou quando a maioria teria desistido e ido embora. — Ele inclinou o corpo para frente apoiado nos cotovelos. — Que tal deixar que eu faça isso para variar? Além do mais, eu não pude tomar conta daquela mulher por duas décadas. Tenho que compensar o tempo perdido.

— Eu não perguntei como você está lidando com isso tudo. Então, como é que você está lindando?

— Eu estou aguentando firme. Ela está de volta, mas não completamente de volta. Vai levar um tempinho para ela voltar ao normal, mas não vou desistir até o meu girassol estar de volta cem por cento.

— Foi você que deu a ela esse pingente? — perguntei erguendo o girassol pendurado na correntinha no meu pescoço.

— Foi sim — respondeu ele, olhando saudosamente para o campo de girassóis iluminado pela lua que tinha se levantado recentemente. — Eu pedi a sua mãe em casamento naquele campo. Nós nos apaixonamos naquele campo. Nós... bem… Tem coisa que é melhor não dizer.

Eu ri e tomei um gole no meu chá.

— Existem coisas sobre o meu passado que você deveria saber — declarou Critter. — Coisas sobre as quais eu não falo abertamente. Mas você é minha filha e deve saber essas coisas sobre seu velho. Quem eu sou e o que eu fiz no meu passado.

— Tipo o quê? — perguntei hesitante, mordendo nervosa a minha bochecha por dentro.

— Nem sempre fui o melhor cidadão modelo dessa cidade. Eu fiz coisas. Muitas coisas. Algumas delas ruins, realmente ruins. Passei alguns anos na prisão estadual quando eu tinha vinte e poucos anos.

— Então, você se envolveu com más companhias na juventude? — sugeri.

Critter meneou a cabeça e olhou para mim por cima da sua garrafa de cerveja.

— Não, eu era a pessoa com a qual os outros se envolviam. Eu era a má companhia ou, pelo menos, comandava as más companhias.

— Minha mãe sabe? — perguntei.

— Sua mãe sabe tudo sobre mim. — Critter deu risada. — Cada detalhe feio e sujo. E ela me ama apesar disso e, às vezes, por causa disso.

— Se isso não teve importância para ela, então não tem importância para

mim.

— Eu não entendo por que ela está assim agora se antes ela não era desse jeito. — Finn entrou na conversa.

Critter balançou a cabeça.

— O psicólogo daqui acha que ela carregou tanta coisa nas costas ao longo dos anos que o peso de tudo foi ficando cada vez maior. Quando a trouxemos de volta para cá e ela soube que você estava bem, foi como se os joelhos dela dobrassem, fazendo com que tudo finalmente desabasse em volta dela.

— Você acha que algum dia ela vai voltar... ao normal? Seja lá o que isso signifique?

— Normal. — Critter deu risada ao ouvir a palavra. — Sua mãe é uma força maior do que qualquer droga de furacão que eu já encontrei. Ela só precisa de um pouco de descanso. De um pouco de tempo. Existe um limite que um corpo e uma mente podem processar. Ela vai voltar para nós no devido tempo. Estou certo disso.

— Posso perguntar uma coisa?

Critter assentiu.

— Ela passou duas décadas longe. Por que você não se casou outra vez ou teve filhos?

Critter suspirou e olhou para as suas mãos por um momento antes de responder.

— Porque o tipo de amor que sua mãe e eu temos não é do tipo que você se recupera. Não é um resfriado. Não é temporário. É do tipo que se torna parte de você. Assim como o sangue nas suas veias. Esquecer a sua mãe era simplesmente impossível.

— Você realmente a ama — lamentei.

— Sim, com todas as minhas forças e mais um pouco. E você… — Critter acrescentou com os olhos cheios de lágrimas. — Eu não posso compensar por todos os anos que não fui o seu pai, mas, eu com certeza, gostaria de tentar, filha.

Filha. Eu estava adorando todas as expressões de afeto que Critter usava para se dirigir a mim.

Elas faziam com que eu me sentisse especial.

Segura.

AMADA.

Richard nunca tinha me chamado de outra coisa que não fosse Sawyer.

Ou garota. Como se fosse um palavrão.

— Acho que vou gostar disso.

— Quero que você saiba que, eu nunca acreditei que ela tinha me deixado por vontade própria. Em nenhum momento. Ninguém se levanta e sai andando simplesmente deixando para trás o que a gente tinha. Impossível. Eu procurei por vocês duas todo dia depois que ela me deixou aquela carta. Todo dia, caralho. E quando eu vi que não conseguia encontrar vocês, achei que estavam mortas.

— Por quê?

— Porque eu nunca achei que ele ia deixar sua mãe ou você viverem quando descobrisse que ela estava grávida de mim. — explicou Critter, apertando com força a garrafa de cerveja que estava em sua mão.

— Ele provavelmente não deixaria — concordei. — Mas com o rumo que as coisas tomaram, eu me tornei o lembrete que ele precisava.

— Eu não sabia que vocês estavam vivas até alguns meses atrás quando isso chegou. Critter colocou a mão no bolso de trás e me entregou um envelope sem endereço de remetente.

— Vou deixar que ela conte o que aconteceu.

Tirei a carta do envelope e, apesar de saber que ela estava dentro da casa, eu podia ouvir a sua voz na minha cabeça lendo a carta para mim como se ainda fosse um fantasma.

C-

Estou arriscando tudo ao enviar isso, mas é algo que eu tenho que fazer porque não me resta muito tempo. É tarde demais para mim, mas não é tarde demais para salvarmos a nossa filha.

Ajude-a antes que também seja tarde demais para ela.

Eu amo você. Sempre amei. Sempre vou amar. Para sempre o seu girassol,
-Caroline

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Olhei da carta para Critter.

— Eu ainda não entendo por que ela não ficou. Ela poderia ter se defendido dele ou escapado e voltado para você. Em vez disso ela ficou com ele. Por... mais de vinte anos. Por quê?

O Critter ergueu a mão.

— Richard ameaçou matar a filha dela. Você. Ameaçou me matar. Ele disse a ela que, se ela tentasse fugir, ele não ia descansar até que ele nos matasse na frente dela. Eu sei o que você deve estar pensando, mas a sua mãe não era covarde. Ela fez o que tinha que fazer, e ela ficou porque achou que aquele era o melhor jeito de nos manter vivos. Ela não é covarde. Longe disso. Aquela mulher andou nas águas do inferno com o próprio diabo para nos manter em

segurança. — Critter mudou de posição na cadeira e olhou para a casa. — Ela é a mulher mais corajosa desse mundo.

Finn colocou a mão no meu ombro e apertou. Eu adorava como ele sempre parecia saber quando eu precisava ser reconfortada e, naquele momento, eu precisava daquilo mais do que nunca. Eu estava errada. Minha intuição e minha cabeça e meu coração tinham pensado no pior.

Eu estava errada. Muito, muito errada.

— Eu nunca... Uau… — disse eu, sentindo-me instantaneamente angustiada e envergonhada por ter sugerido em algum momento que a minha mãe era egoísta.

— Existem apenas duas coisas das quais eu me arrependo nessa vida. Não ter encontrado vocês duas, não ter resgatado vocês antes é uma delas.

— E qual é a outra? — indagou Finn, girando a cerveja na mão.

Critter não hesitou quando ergueu o olhar para nós com frieza e ódio em seus olhos.

— Não ter matado aquele filho da puta do Richard vinte e dois anos atrás.

CAPÍTULO 6



FINN

Quando meu celular tocou, deixei Sawyer e Critter na varanda conversando para atender.

— Oi, mãe.

— Querido, como você está? Já faz dias que você não liga.

— Eu falei com você ontem, mãe — lembrei.

— Tem certeza? Parece que faz mais tempo.

— Tenho certeza — afirmei, sorrindo no telefone.

— Você anda muito diferente. Isso tem alguma coisa a ver com a garota sobre a qual eu já ouvi tudo de todo mundo dessa cidade exceto do meu próprio filho?

Olhei para onde Sawyer estava conversando com Critter e senti um calor no coração.

— Sim, algo do tipo.

— Finn Hollis, você traga essa garota aqui para uma visita assim que tiver uma chance. Nós iríamos até aí, mas a asma do seu pai tem sido um problema. Essa época do ano é muito úmida.

— Pare de me fazer parecer um velho — resmungou meu pai ao fundo.

— Então pare de fazer coisas de velho como chupar os dentes depois do café da manhã — repreendeu minha mãe.

— Vocês dois continuam os mesmos — comentei.

O tom de voz da minha mãe ficou sério.

— Finn, já faz muito tempo que a gente não se vê. Ora, desde que...

Ela interrompeu como se estivesse esperando por alguma coisa. Por algum tipo de reação.

— Pode falar o nome dela, mãe. Está tudo bem. Jackie. O nome dela era Jackie.

Eu estava absolutamente orgulhoso do quão longe eu tinha chegado. Dizer o nome dela costumava ser muito doloroso. Agora era um nome associado a uma garota que eu amara e perdera.

E estava tudo bem.

Ela deu um suspiro de alívio.

— Graças a Deus. Até pouco tempo você tratava o nome dela como um palavrão. E dos bem pesados. Como aquele com o qual você costumava se

referir à sua professora de inglês na terceira série. Que criança de nove anos de idade chama a professora de va... — meu pai interrompeu.

— Filho, você vai vir até aqui ou a gente vai ter que te subornar? Estamos pedindo isso há dois anos — gritou meu pai no telefone.

As conversas por telefone com os meus pais costumavam ser estressantes. Eu costumava ficar o tempo todo tentando convencê-los de que eu estava bem quando não estava. Nos últimos tempos, eu não sentia mais aquela vontade de desligar ou de jogar o celular no pântano.

Cruzei os braços.

— Depende. O que é que vocês têm para me subornar?

— Torta de fruta e seus sanduíches favoritos de frango frito? — Minha mãe ofereceu e meu estômago roncou quando pensei no frango delicioso que ela fazia.

— Eu peço para Ethan pegá-lo, aí você não precisa dirigir. E traga essa sua namorada para a gente conhecer — pediu ela, cheia de esperança.

Olhei para Sawyer e os nossos olhares se encontraram. Ela sorriu.

— Com certeza.

CAPÍTULO 7



SAWYER

Desde que Critter e eu conversamos alguns dias atrás, eu me sentia melhor. Mais leve. Mas o medo persistente em torno de um futuro incerto estava começando a pesar. Eu me sentia esgotada. Meus olhos estavam tão cansados quanto minha mente. O pensamento que mais persistia, que sussurrava nos meus ouvidos, como uma névoa que não se vê, era aquele em que Richard ainda estava por perto. Havia uma possibilidade de que ele viesse atrás de mim. Afinal de contas, eu tinha roubado dele e ele me odiava porque me culpava pela morte da minha mãe. Qualquer outro homem no mundo não teria razão alguma para vir me procurar, mas Richard Dixon não era qualquer outro homem. Eu sabia que cedo ou tarde ele viria. Eu sempre soube disso. Mas uma coisa tinha mudado.

Minha mãe.

Se Richard viesse atrás de mim e acabasse a encontrando... eu odiava pensar no que poderia acontecer. Se saíssemos de Outskirts, só por um tempo, só até o culto itinerante arrumar tudo e ir embora, talvez pudéssemos evitar que ele descobrisse que ela estava viva.

Eu estava prestes a verbalizar minha ideia para Finn quando ele se sentou ao meu lado no embarcadouro e me distraiu com seu peito nu e seus músculos que formavam ondas. Quando ele sorriu para mim, a minha barriga e algo um pouco mais abaixo deram um pequeno salto de alegria.

— Que olhar é esse no seu rosto? O livro não é bom? — perguntou ele, apontando para o livro aberto no meu colo.

RELIGIÕES MODERNAS PARA UM MUNDO MODERNO

Livro? Que livro?

Ele apontou novamente para o meu colo sorrindo porque ele sabia que tipo de efeito ele exercia em mim.

— Ah. Sim. Esse livro. Não é que ele não seja bom. Só acho que não é exatamente o que eu estava procurando — respondi, olhando para o título do capítulo e lendo-o novamente para o caso de ter lido errado da primeira vez.

Não. Eu tinha lido certo.

— O quê? — perguntou Finn, inclinando o corpo para ver o que eu estava lendo. Inalei seu perfume fresco e recostei nele levemente para sentir melhor o calor do seu peito através da minha regata fina.

Passei os olhos rapidamente no artigo e dividi com ele os pontos que

chamavam atenção.

— Existe uma religião chamada Igreja do Monstro do Espaguete Voador. A base dela é que os seguidores dessa religião acreditam que um ser que eles chamam de o Monstro do Espaguete Voador criou o mundo e tudo que existe nele. Ele é literalmente um macarrão com almondegas que voa — expliquei, apontando para a figura abaixo da legenda. Então fechei o livro e o coloquei de lado, balançando a cabeça sem conseguir acreditar naquilo.

— Você acha isso mais estranho do que acreditar que um homem caminhou sobre a água ou que ele se levantou dos mortos? — perguntou Finn, recostando-se apoiado nas mãos. — Ou que vacas são animais sagrados? Ou que existem pessoas que guardam uma torrada por décadas porque juram que podem ver a imagem de Jesus Cristo queimada nela pela torradeira?

— Bom, agora que você colocou dessa maneira, o Monstro do Espaguete Voador não parece assim tão estranho — respondi achando graça.

Finn pegou minha mão.

— Faz sentido, mas a questão é que tudo isso pode parecer maluquice para nós, mas para muitas pessoas esse tipo de coisa traz paz, faz com que elas se sintam completas. Dá propósito a elas. Não cabe a ninguém decidir o que é maluquice e o que não é. Se uma coisa faz com que alguém se sinta completo, ela acaba dando mais poder a essa pessoa.

— Em qual religião você cresceu? — perguntei me dando conta de que eu não fazia ideia se a família de Finn era de pessoas de fé ou não.

Finn fez uma careta.

— Uh, minha família era do tipo que ia à igreja na Páscoa e no Natal, mas só se o estacionamento não estivesse cheio demais e não tivéssemos que estacionar na lama do outro lado da rua. — Ele se sentou e tirou o cabelo do meu ombro, contornando minha clavícula com o dedo. — O que está acontecendo de verdade com essa coisa de religião, Say? Quer conversar a respeito?

Decidi dizer a verdade já que qualquer outra coisa soaria ainda mais estranho.

— Eu não sei mais no que acreditar. É estranho não ter uma fé, mas é libertador ao mesmo tempo. É como se com essa chance de viver a minha vida do meu próprio jeito, eu precisasse saber de tudo que tem para saber para não me sentir como se um pedacinho de mim estivesse faltando — confessei. — Mas não tenho cem por cento de certeza. Acho que eu pensei que se lesse mais —, se estudasse as religiões do mundo, de repente tudo fosse fazer sentido. Mas não. Nenhuma delas na verdade faz sentido para mim.

— As pessoas dessas religiões acham que elas fazem todo sentido — rebateu ele.

— Sim, é essa a questão. Todas elas têm fé no que acreditam e todas acham que estão certas e chamam isso de fé. Eu conheço a fé. O dicionário a define como confiança e crença em algo baseadas em entendimento espiritual mais do que em provas. Mas com tantas religiões no mundo, algumas delas têm que estar erradas. Estou certa? Quer dizer, se existe uma que é absoluta, então a maioria delas tem que estar errada.

Finn deu de ombros e descansou o seu queixo barbudo no meu ombro nu.

— Mas e se todas estiverem certas?

Ele beijou o espaço entre meu pescoço e meu ombro e eu relaxei com o seu toque.

Eu sorri.

— Que o Monstro do Espaguete abençoe a todos nós, então.

Finn deu risada antes de seu sorriso desaparecer e seu tom de voz ficar mais sério.

— Você sente falta? Pelo menos de parte daquilo tudo? Do seu passado, eu quero dizer?

— Não! — confessei com muito mais veemência do que pretendia. — Quer dizer, eu me sentia como uma intrusa na igreja porque eu realmente era uma intrusa. Eu não conseguia me adequar e simplesmente acreditar cegamente. E aqui fora, por mais que eu ame esse lugar, eu ainda me sinto como uma intrusa. Toda vez que Miller menciona um programa de TV ou faz alguma referência a alguma coisa que não entendo é só um lembrete de que eu não vim desse mundo — expliquei.

Finn ficou em silêncio por um momento, olhando para o chão.

— O quê? — perguntei, imaginando o que estaria passando em sua cabeça.

Ele piscou e olhou para mim.

— Acabei de ter uma ideia…

— E…

Ele balançou a mão desconsiderando aquilo.

— Eu conto mais tarde. Enquanto isso, por favor, não se baseie no Miller ou no que ele diz para nada. Uma vez ele ligou para o serviço dizendo que estava muito doente e que não tinha condições de trabalhar só para poder assistir três dias de um reality show sobre esposas em Mississippi.

Ele entrelaçou os dedos com os meus. Eu adorava como sua mão era grande comparada com a minha. Seu bronzeado em contraste com minha palidez.

— Eu só... eu quero conhecer as coisas — declarei. — Armar-me com conhecimento. Descobrir de onde foi que tudo isso veio e tomar a minha própria

decisão sobre o que eu quero acreditar. Isso se eu quiser acreditar em alguma coisa.

Finn balançou a cabeça e havia agora outro olhar em seu rosto. Orgulho?

— Eu acho que essa é uma ótima ideia. Pesquise tudo e me diga quando começa o culto do Monstro do Macarrão Voador.

Ele deu um beijo rápido nos meus lábios.

— Monstro do Espaguete Voador — corrigi.

— Isso é muito específico. — Finn deu risada me puxando para o seu colo.

— Eu estava pensando em escrever tudo em um tipo de diário. Assim eu poderia me lembrar de tudo que aprendi e fazer anotações.

— Que tal um blog? — sugeriu Finn.

— Um blog? — Torci o nariz diante do termo desconhecido para mim.

— Sim, é como escrever em um diário, exceto pelo fato de que você posta on-line, assim mais pessoas podem ter acesso. Elas podem aprender com ele, assim como você. Eu acho que você se sairia muito bem e posso te ajudar com a organização se você quiser.

— Você faria isso? Por mim? — perguntei com o meu coração palpitando e com a pele esquentando com seu toque.

— Você ainda não sabe? — Finn deu um suspiro e seu olhar grudou no meu. — Eu faria qualquer coisa por você.

Meu corpo inteiro estremeceu contra o dele quando ele beijou meu pescoço. Então, sempre muito lentamente, ele contornou minha orelha com a ponta da língua. Tudo dentro de mim ganhou vida.

— O que você está fazendo? — perguntei sem conseguir respirar direito.

— Eu estou ajudando — insistiu ele. — Você quer religião? — Ele empurrou para trás um cacho do meu cabelo. — Então eu vou ficar de joelhos e adorá-la pelo resto da minha vida. Você quer salvar alguém? Já fez isso. Você me salvou. Quer o paraíso? — Sua mão subiu deslizando pela parte de trás da minha saia. Estremeci. Sua voz grave murmurou no meu ouvido:— Vou levá-la agora mesmo.

Eu estava ansiosa para que ele me tocasse. Para que me desse mais do que apenas suas palavras deliciosas.

— Sim. Paraíso. Por favor. — Suspirei quando ele enroscou os dedos na minha calcinha e a puxou para o lado.

— Toda molhadinha para mim. — Ele gemeu antes de abrir a calça jeans e erguer o quadril para abaixá-la. Ele me colocou de costas me fazendo apoiar na beirada do embarcadouro, não tirando os olhos dos meus quando investiu para dentro de mim, fazendo a minha espinha arcar e sair do embarcadouro como se

fosse um raio de prazer me atingindo.

— Caralho, isso é tão bom. Você é tão gostosa. Toda vez. Toda vez, porra — murmurou Finn, gemendo.

Eu respondia às investidas dele enquanto ele me tomava rápido e com força. Não levou muito tempo para o prazer explodir dentro de mim. Vi estrelas. Depois de alguns golpes furiosos, Finn me seguiu até o limite e eu saboreei a sensação do seu gozo quente me preenchendo.

Desabamos em cima da figura do Monstro do Espaguete Voador. Finn descansou o peito nas minhas costas sem sair de dentro de mim.

— Sabe de uma coisa? Agora eu sou uma pecadora. Provavelmente, vou para o inferno — sussurrei, chamando a atenção de Finn para a Bíblia contra a qual a minha mão ainda estava pressionada.

— Isso não é verdade — discordou ele, ainda tentando recuperar o fôlego.

— Como você pode ter tanta certeza?

Ele balançou para frente e eu fui lembrada instantaneamente de que ele ainda estava dentro de mim.

— Porque você é o meu paraíso.



— Conte-me mais sobre sua infância. Como era diferente daqui — pediu Finn enquanto traçava círculos preguiçosos em minhas costas e sobre as minhas nádegas redondas.

— Você já sabe quase tudo — respondi me virando para ele.

Estávamos na cama da casa dele, tínhamos saído do embarcadouro e ido para lá, e logo percebemos que estávamos longe de terminar o que tínhamos começado.

— Sim, mas eu quero saber tudo. O que faz você ser VOCÊ. Bom ou mau, o seu passado fez de você quem você é e eu amo quem você é.

— Ama? — perguntei. Apesar de ele já ter dito aquilo, eu nunca me cansava de ouvir. Com Finn, eu me sentia quente de dentro para fora. O meu ser inteiro reagia a ele. Desde meu nariz até as pontas dos meus pés. Desde meu coração até minha alma.

— Amo. Eu amo você. Intensamente. Possessivamente. Loucamente. Sempre.

— Isso foi lindo.

— Você é linda. — Exclamou ele, inclinando para beijar meu ombro. Ele continuou a contornar cada sarda e cada pinta do meu corpo.

— Se você for contornar todas elas, vamos ficar aqui por um bom tempo

— ressaltei.

A covinha de Finn apareceu com o seu sorriso.

— Estou contando com isso. Agora fala.

Pensei por um instante. Eu me sentia vulnerável me abrindo com ele. Eu tinha deixado de fora a maioria dos detalhes sobre a minha vida apesar de ele já conhecer a versão curta. Era quase como se eu os estivesse guardando para mim porque eram a cruz que eu tinha que carregar e não queria sobrecarregar mais ninguém com ela.

— Acho que foi como viver em um universo diferente. Em que todos os dias eram iguais. A gente não fazia festa em datas comemorativas nem em aniversários. Eu não entendia se minha casa que era diferente por conta da rigidez e do temperamento do meu pai ou se todas as famílias da igreja eram daquele jeito. Todo dia a gente vivia a mesma mentira de novo e de novo. A mentira de que a igreja girava em torno da família. De que a família estava acima de todas as outras pessoas. De que era a coisa mais importante no mundo depois de Deus. E quem sabe, talvez, nas outras casas, nas outras famílias, eles fossem diferentes por trás das portas fechadas. Amáveis. Gentis. Talvez eles deixassem as mulheres comerem na mesma mesa ou olhá-los nos olhos.

Finn parou com o contorno e então recomeçou.

Eu continuei.

— Talvez as filhas pudessem falar sem precisar da permissão do homem da casa primeiro. Talvez eles não usassem a força física para disciplinar as coitadas das mulheres imbecis, que tinham como único propósito na vida, ter e criar os bebês e servir seus maridos. — Estremeci.

— Deve ter sido difícil.

— Fiquei insensível a tudo isso depois de um tempo. Era a única vida que eu conhecia. Havia dias em que eu sentava no meu quarto e me sentia culpada por querer ir embora. Por querer uma vida diferente. Eu achava que aquilo era egoísmo e que, por não colocar os outros à minha frente, eu era a maior pecadora de todas. E agora eu sei como ela foi corajosa e altruísta. Vai ver eu era realmente a maior das pecadoras no final das contas.

Finn deitou ao meu lado, olhando de lado com a cabeça no travesseiro e a mão na minha cintura.

— Mas você colocou os outros à sua frente. Você ficou, não ficou? Pela sua mãe? Ela ficou por você e você ficou por ela. Ela não foi a única corajosa. Vocês duas foram. Uma pela outra.

— Você acha?

— Say, todos nós somos egoístas de certa maneira. É da natureza humana. Eu sou egoísta porque eu quis você para mim antes que você tivesse a

chance de conhecer esse mundo e encontrar alguém melhor. Pense nisso dessa maneira. Se eu não fosse o idiota egoísta que sou, nós nem estaríamos juntos. — Ele envolveu o meu rosto com a mão. — Mas não importa. Porque eu nunca vou te deixar ir embora.

Finn subiu em cima de mim, deixando um rastro de beijos enquanto descia pelo meu corpo, passando pelo meu umbigo e descendo cada vez mais. O tempo inteiro, entre beijos e mordidas, ele repetia as suas palavras anteriores.

— Eu amo você. Intensamente. Possessivamente. Loucamente. Sempre.

CAPÍTULO 8



SAWYER

— Não vá a lugar algum sozinha. Prometa para mim — pediu Finn, com a mão sobre a minha perna de maneira possessiva. Não havia nada no seu comportamento que sugerisse que ele estava brincando, e eu tinha a sensação de que ele não me deixaria sair do carro até que eu concordasse.

— Eu não vou — concordei, querendo tranquilizá-lo. — Eu prometo.

Finn inclinou o corpo na minha direção e deu um beijo na minha têmpora.

— Obrigado.

Fiquei corada.

— Vou subir até o apartamento da Josh e ela vai me levar para a biblioteca. — Saí do carro e fechei a porta.

— Eu vou te pegar. Assim tenho tempo para deixar tudo pronto para nossa viagem — declarou Finn, enquanto dava marcha à ré, lançando casualmente a ideia a respeito da qual eu nunca o tinha ouvido falar.

— Que viagem? — gritei por causa do som do motor barulhento e dos pneus que rodavam sobre as pedras e sobre o cascalho.

— O quê? — gritou ele de volta, levando a mão à orelha e sorrindo de uma orelha a outra. — Não consigo ouvir!

— Que viagem? — gritei mais alto.

Ele começou a dirigir e piscou para mim antes de ir embora.



— Ai merda! — gritou Josh. Eu me virei e a vi apoiada na sacada do terceiro andar do seu prédio. Eu achei que ela estava lá porque, caso contrário, Finn não teria saído dirigindo. — Parece que Finn está com más intenções.

Fazia alguns dias desde a última vez que eu tinha falado com Josh. Apesar de Finn ter contado para ela tudo que estava acontecendo, eu sentia como se houvesse um vazio na minha vida que precisava ser preenchido com alguns minutos na companhia dela.

— Por que seu rosto está estranho e você não pisca? Seus globos oculares vão saltar para fora? Porque um aviso seria bom. Ou... merda. Você vai ter um derrame? Porque eu acho que meu seguro residencial não cobre isso, então, se você vai, sugiro que dê um passo para fora do prédio — brincou Josh,

apesar de o seu olhar de preocupação ser genuíno. Ela abriu a porta e deu um passo para o lado para me deixar entrar. Entreguei a ela a sacola com a sopa da padaria que ela tinha me pedido para pegar no caminho.

— Acho que não? — disse eu, mas a frase saiu como uma pergunta. Coloquei minha bolsa no balcão.

— Com toda a merda pela qual você tem passado? Eu não ficaria surpresa. Como você está lidando com isso tudo?

— Eu estou... bem. É difícil ficar feliz por ter descoberto que minha mãe está viva e que Critter é meu pai porque eu ainda não sei se ela vai ficar bem e porque a ameaça do Richard ainda existe — expliquei, olhando para o balcão. — Ela sempre vai existir.

— Não. Vamos colocar nossas cabeças para funcionarem juntas e vamos pensar em alguma coisa. Eu vou colocar os meus neurônios para funcionarem até sair fumaça da minha cabeça pensando em algum jeito de te ajudar. — Ela ergueu meu queixo com a mão. — Agora cabeça erguida, docinho.

Josh veio até a mim e me abraçou forte. Ela estava com cheiro de loção de coco e a sua pele estava quente como se ela estivesse no sol até então.

— Eu estou aqui se precisar de mim. Sempre — lembrou-me ela, olhando em meus olhos para tentar me entender.

Assenti e desviei o olhar antes que as lágrimas caíssem. Eu já havia chorado o suficiente, mas sabia que assim que eu abrisse a torneira, ia ser difícil fechá-la novamente.

— Que história é essa de Finn levar você para viajar hoje à noite? — perguntou Josh.

— Você sabe tanto quanto eu. Nada.

— Típico do Finn — comentou Josh, virando os olhos. Ela tirou a sopa da sacola e a colocou sobre o balcão, tirando a tampa cuidadosamente para liberar o vapor. Abriu uma gaveta e pegou uma colher.

— Aliás, para quem é isso? — perguntei.

Josh apontou para a porta fechada do quarto e gesticulou para que eu a seguisse até lá dentro.

Alguma coisa debaixo das cobertas na cama se mexeu e eu levei um tempo para perceber que tinha uma cabeça com cabelos escuros saindo pela parte de cima do monte de travesseiros brancos e fofos.

Não era uma cabeça qualquer.

Era a cabeça de Miller.

— Eu estou tãããããão doente — gemeu ele, rolando com o cobertor preso em suas mãos e o puxando para cobrir a cabeça.

Josh debruçou sobre ele e gritou na direção das cobertas.

— A única coisa que você tem é um caso de frescura típica de homem! Não é mortal, só é irritante demais. — Ela olhou para mim. — Especialmente para a população feminina.

Miller abaixou o cobertor novamente, revelando um nariz levemente avermelhado. Ele fungou.

— Não grita comigo. Não estou me sentindo bem. Acho que é a peste negra. — Ele abaixou a voz até que fosse um sussurro. — Quem sabe quanto tempo eu ainda tenho... — lamentou ele antes de uma sequência dramática de tosses em sua mão fechada.

— Está aqui sua canja — informou Josh, irritada, antes de colocar a tigela sem o menor cuidado no criado-mudo, derramando um pouco pelo lado.

— Estrelinhas ou macarrão? — indagou Miller, sem nem mesmo olhar para a tigela ou para o que estava dentro. Ele puxou as cobertas para cima, outra vez, cobrindo o nariz e espiando Josh por cima.

Josh virou os olhos e colocou a mão no seu quadril projetado.

— A essa altura, você deveria agradecer por não ser arsênico. — Ela virou e me levou para fora do quarto.

— Está longe demais — reclamou Miller, choramingando e estendendo a mão na direção da sopa como se estivesse tentando pegá-la. Ela estava ao alcance do seu braço se ele realmente tentasse pegá-la. — Eu não consigo... Eu não consigo alcançaaaaaaaaaar. Não me deixe desse jeito, mulher!

— Ele nem está com febre — informou Josh, ignorando Miller e fechando a porta.

— Sawyer, por que você a está deixando ser tão crueeeeel!!!!

Josh espirrou cobrindo o nariz com o cotovelo e pegou um lenço da caixa que estava próxima ao balcão para assoar rapidamente o nariz.

— Estou exatamente com o mesmo resfriado — disse ela, arremessando o lenço dentro do lixo e lavando as mãos na pia da cozinha. — E você vê como a gente está lidando de maneira diferente?

— Só um pouco diferente — concordei.

Ela olhou para a porta fechada.

— Ele precisa parar de se fazer de vítima porque eu juro por Deus que se ele pedir mais alguma coisa eu vou jogá-lo na caminhonete e jogá-lo na cela dos bêbados. Ele pode se recuperar lá como o Sr. Ward tem que fazer toda vez que os Panthers perdem e ele decide afogar as mágoas nas bebidas do avô.

— Você não faria isso! — gritou Miller do outro lado da porta.

— Ah é? Experimente! — respondeu ela, também gritando.

Depois de alguns segundos, como não houve nenhuma resposta, ela se virou para mim.

— Desculpe por isso. Você está bem? Quer dizer, você está REALMENTE bem? Parece que nunca temos tempo para conversar e eu ando tão ocupada lidando com o Sr. Louco e Possessivo.

Intensamente. Possessivamente. Loucamente.

— Josh, posso perguntar uma coisa? Você não precisa responder, mas eu estou curiosa.

— Miller pediu para eu usar minha unha para alcançar uma coisa no nariz dele que ele não estava alcançando. Eu disse para ele que se ele me pedisse de novo, eu ia dar um chute no saco dele, mas o que eu quero dizer é que nenhuma pergunta depois dessa vai me ofender a esse ponto.

— Nojento, e anotado. Estou curiosa. — Apontei para o quarto. — Você o ama?

Josh praticamente fechou os olhos, deixando apenas duas fendas.

— Hoje pode não ser o melhor dia para me perguntar isso.

Josh e Miller eram o oposto um do outro, a impressão que dava era que eles se odiavam. Mas assim que descobri que eles eram um casal, e já há muito tempo, pude ver o amor que eles não queriam que mais ninguém visse. Consigo relembrar todas as nossas interações e identificar as trocas de olhares. A maneira como Miller sabia onde ela estava no cômodo em todos os momentos. O jeito que eles pareciam estar sempre se tocando quando achavam que ninguém estava prestando atenção. Era tão evidentemente óbvio que não sei como não percebi logo de cara.

— A última vez que vi vocês dois, vocês estavam brigando feio. Vocês conversaram? — perguntei dando um gole na garrafa de água que ela tinha tirado da geladeira e dado para mim.

Josh meneou a cabeça.

— Se você acha que, aparecer na minha porta, espirrar na minha cara e dizer, antes de se jogar na minha cama, que me ama e que precisa dos meus cuidados é a mesma coisa que conversar, então sim. Acho que conversamos.

— A última vez que vi vocês, foi a primeira vez que eu vi você realmente brava com ele. Não de brincadeira, mas verdadeiramente brava.

Josh foi até o sofá e se jogou nele, colocando um pé debaixo de si. Eu me sentei na extremidade oposta, na mesma posição que ela.

— Sim, aquilo — disse ela, mordendo o lábio inferior e balançando a cabeça antes de ficar com o olhar perdido na direção da parede. — Eu ainda não sei exatamente o que foi aquilo. Quando se trata do Miller, acho que tento tanto segurar todos os meus sentimentos que quando eles conseguem sair, é um estouro.

— Vai ver que conversar com ele a respeito pode ajudar — sugeri, apesar

de não ser uma pessoa apropriada para dar conselhos. Eu só tinha tido um relacionamento amoroso e seguia tateando.

— Sabe de uma coisa? — perguntou Josh, estreitando os olhos. — Para alguém que se diz inocente a respeito de uma porção de coisas, você com certeza poderia dar uma de Dr. Phil sem fazer feio.

Eu não sabia quem era Dr. Phil, mas do jeito que Josh falou, parecia que era uma coisa boa.

— Ou então… — Ela cutucou o meu braço. — Você só é uma grande amiga.

Senti meu peito inflar.

— Antes de vir para cá, nunca tive uma amiga de verdade. Você é oficialmente a minha primeira. E obrigada. Por ouvir. Por tudo. Eu não sei o que eu faria sem você.

Ou Josh não estava surpresa ou escondeu bem.

— E não se esqueça que você também tem a Senhorita Miller ali dentro. — Ela apontou o polegar na direção do quarto. — Mas nós somos mais do que amigos, Say. Somos uma família.

Família.

Quando cheguei a Outskirts, eu não tinha ninguém, e agora parecia que eu incluía gente na minha família diariamente.

— Eu sinto muito. Sei que deve estar sendo bem difícil lidar com essa história da sua mãe e tudo mais — comentou Josh, pegando e apertando a minha mão. — Você quer falar sobre isso?

— Não. Eu tive uma boa conversa com minha mãe quando ela ficou lúcida por um tempo e depois com Critter e depois com Finn. Acho que, por ora, já conversei bastante sobre isso.

E já chorei bastante. A ponto de estar emocionalmente exausta.

— Ótimo porque depois de lidar com a Mocinha Afetada, um pouco de tranquilidade cairia bem — argumentou Josh.

— Eu ouvi isso! — gritou Miller. — Você tem que me salvar, Sawyer. Ela é muuuuuuuito perversa.

— Essa droga dessa parede é fina demais — comentou Josh, antes de apertar minha mão. — Bem, você sabe que eu estou aqui para o que você precisar, Sawyer. Seja o que for. Eu estou aqui. Finn também.

Tudo que eu pude fazer foi balançar a cabeça em resposta. Josh era realmente uma grande amiga e eu tinha muita sorte de tê-la. Eu estava me preparando para levantar quando ouvi a caminhonete de Finn parando no estacionamento, mas cambaleei e me sentei de novo, me sentindo repentinamente tonta.

— Você está bem? — indagou Josh. Ela colocou as costas da mão na minha testa e então sentiu os batimentos no meu pescoço.

— Nada de febre. O pulso está um pouco acelerado.

— Eu estou bem. Acho que levantei rápido demais. Ou vai ver eu peguei o mesmo resfriado que você e Miller.

Ela moveu os dedos em volta da minha garganta apertando para cima e para baixo em vários pontos.

— Também não tem nenhuma glândula inchada. Vou fazer algumas perguntas. Você tem vontade de reclamar de um simples espirro ou de uma simples tosse? Você sente a necessidade de ser acalentada enquanto lamenta incessantemente sem nenhuma razão?

Meneei a cabeça.

— Não. Nenhuma dessas coisas.

Josh olhou para a porta do quarto e resmungou.

— Então você definitivamente não tem a mesma coisa que Miller.

— Eu também ouvi isso!

Josh o ignorou.

— Enfim, para onde você acha que Finn vai levá-la?

Eu estava queimando meus neurônios.

— Não faço a menor ideia.

— Estou ansiosa para saber. Ligue depois para contar assim que souber. Você não adora surpresas? — Josh bateu na almofada empolgada.

Eu adorava a ideia de que Finn estava planejando uma viagem para nós, mas eu vim de um lugar onde as surpresas acabavam em olhos roxos, hematomas e sangramento. Então, não, com toda honestidade, eu não podia dizer que gostava de surpresas.

Nem um pouco.

Principalmente do tipo que a gente não está esperando.

CAPÍTULO 9



FINN

Quando o pequeno avião bimotor subiu, o olhar no rosto de Sawyer se transformou de uma maneira que eu jamais me esqueceria na minha vida. Ela ficou pálida quando ganhamos altitude, com a cabeça colada no encosto do acento.

— Você vai ficar bem? — perguntei.

— Eu nunca andei de avião antes — respondeu ela, com uma voz mais aguda do que a de costume.

Ethan, vizinho dos meus pais, que eles conheciam há três anos, estava no assento da frente do avião e virou para trás. Ele olhou para o rosto de Sawyer e disse:

— Primeira vez em um avião?

— Como você sabe? — perguntou ela, trêmula. A mão dela apertava a minha cada vez mais forte a cada batida e sacudida do avião. Mas eu nem me importava com o fato de que estava perdendo circulação. Eu estava empolgado demais por estar junto com Sawyer em sua primeira viagem de avião.

— Só um palpite — respondeu Ethan com um sorriso. — Você está se saindo muito bem! — Ele virou novamente para os controles.

Entramos em uma nuvem branca e fofa. O avião começou a chacoalhar como um ônibus em uma estrada de pedra.

— Isso é normal? — perguntou ela. Seu joelho pulava intensamente e coloquei a minha mão sobre ele antes que ela pulasse para fora do avião.

— Você está se saindo muito bem, amor — tranquilizei-a. — E sim, isso tudo é normal.

— Você se lembra de quando me contou todas aquelas coisas durante a tempestade para me distrair?

— Claro — respondi. Como eu poderia me esquecer? Foi uma das melhores noites da minha vida. Foi a primeira vez que eu tive Sawyer nos meus braços. Na minha cama.

— Você tem mais para contar? Elas poderiam ser bem úteis para mim nesse momento.

O avião mergulhou para a esquerda. Uma curva suave. Sawyer deu um pulo como se alguém tivesse dado um susto nela por trás.

Eu não sentia mais minha mão, mas continuava não me importando.

— Você sabia que na história da aviação uma turbulência nunca derrubou um avião?

Ela negou com a cabeça em resposta, fechando os olhos com força.

— É verdade. Turbulências são perfeitamente normais. Não são uma indicação de problema no motor. Pense que um avião passando por turbulências é como um carro passando em uma estrada acidentada. Estes aviões foram feitos para viajar em estradas acidentadas. Ou no ar acidentado, melhor dizendo.

O avião se estabilizou e Sawyer agarrou o próprio tronco.

— Você está enjoada? — perguntei.

Sawyer meneou a cabeça com intensidade de um lado para outro.

Os solavancos diminuíram e o voo ficou suave.

— Olhe — disse eu para Sawyer. — Abra os olhos.

— Não! — exclamou ela, colocando as mãos sobre os olhos que já estavam fechado.

— Você está sentindo? Os solavancos pararam. É bonito lá embaixo. Você tem que ver. — Como aquilo não funcionou, tentei outra tática. — Onde é que está minha namorada corajosa? Onde está a garota que jamais permitiria que alguma coisa a fizesse parar? Que era destemida quando deveria sentir medo? Eu preciso que aquela garota abra os olhos porque eu sei que ela ficaria chateada se descobrisse o que está perdendo. Porque exatamente agora de onde eu estou sentado a vista está incrível.

Puxei com suavidade o pulso dela, afastando sua mão de cima dos olhos. Lenta e relutantemente, ela os abriu, entrecerrando-os por causa do sol. Assim que sua visão se ajustou, eu me inclinei em cima dela na direção do vidro, forçando-a a se aproximar para que pudesse ver o chão lá embaixo.

— Não é incrível?

Sawyer apenas balançou a cabeça. Os lábios dela se separaram. O deslumbramento tomou o lugar do medo em seus olhos. Os joelhos pararam de pular. A mão soltou a minha para tocar o vidro da janela, tentando conseguir uma visão melhor da terra abaixo de nós.

— É muuuuuuito. Uau.

Durante o resto do voo, Sawyer não conseguiu desgrudar os olhos da janela. E instantes antes de aterrissarmos, ela se virou para mim e disse:

— Isso faz a gente pensar, não faz?

— Sobre o quê?

— Sobre como nada disso é importante. E, ao mesmo tempo, sobre como tudo isso é tão importante.

Eu não entendi exatamente o que ela quis dizer. Tudo que eu sabia era que a coisa mais importante do mundo para mim estava sentada bem ao meu

lado, dando gritos de alegria enquanto as rodas tocavam a pista.

CAPÍTULO 10



SAWYER

— Onde estamos exatamente? — perguntei quando Ethan nos deixou na entrada de um chalé, construído na lateral da montanha.

Finn agradeceu a Ethan, que apontou para a casa do outro lado da estradinha estreita.

— Minha casa fica ali se precisarem de alguma coisa.

Ethan deu marcha à ré e parou o carro na entrada da sua propriedade.

— Estamos nas montanhas da Geórgia.

— De quem é essa casa? — perguntei no mesmo instante em que um grito de empolgação rompeu o ar da noite.

— O meu bebê está em casa!

A porta da frente se abriu de repente e uma mulher pequena desceu da varanda com um pulo, correndo na direção de Finn com os braços abertos e colidindo com ele com tamanha força que o fez dar um passo para trás.

— Ei, mãe. Também é bom te ver. — Finn deu risada com o rosto colado na cabeça dela, retribuindo o abraço.

Mãe.

A gente está na casa dos pais de Finn.

Comecei a entrar em pânico mais do que quando estava no avião. Minhas mãos começaram a suar. Minha boca ficou seca. Sobre o voo, ele tinha comentado algumas horas antes pelo menos. Mas não tinha me dado aviso algum a respeito disso.

A mãe de Finn se afastou, mas manteve as mãos nos braços dele.

— Deixe eu dar uma olhada em você — disse ela, examinando o filho. Seus olhos eram castanhos escuros e repletos de simpatia. Seu cabelo curto tinha um tom avermelhado claro. Ela não parecia nem um pouco com Finn e era pelo menos trinta centímetros mais baixa que ele.

— Você está ótimo, meu bem. — Seus olhos se encheram de lágrimas de alegria.

— Pare com isso, mãe. Mas você também está ótima — elogiou Finn. Ele colocou um braço em volta do meu ombro e me puxou para perto dele. — Mãe, essa é…

— É ela! — gritou a mãe de Finn, me puxando para um abraço. — É tão maravilhoso conhecê-la finalmente. Você é absolutamente deslumbrante. Finn,

você não me disse que ela era bonita desse jeito. — Ela sussurrou a seguinte palavra no meu ouvido: — Obrigada.

Quando eu me afastei para perguntar o motivo pelo qual ela estava me agradecendo, percebi que eu tinha me enganado. Ela tinha sim certa semelhança com Finn. A covinha que aparecia em sua bochecha quando ela sorria.

— Vocês vão ficar aí fora se abraçando a noite inteira ou vão entrar? — Outra voz alta, porém muito mais grave, ressoou vindo da porta.

Finn e a sua mãe me conduziram até os degraus da frente para que eu conhecesse o homem que era Finn, só que mais velho. Ele tinha o cabelo branco, enquanto o cabelo de Finn era loiro acinzentado. Ele tinha algumas linhas de expressão a mais em seu rosto levemente avermelhado. Mas a sua altura, a sua estrutura e até mesmo o jeito com o qual ele ficava em pé com os braços cruzados sobre o peito eram os mesmos de Finn.

— É assustador, não é querida? — sussurrou a mãe de Finn quando me viu olhando para um e para o outro.

Eu consegui apenas balançar a cabeça. Eu não sabia se assustador era a palavra certa, mas era certamente interessante como parecia que o molde usado para fazer o pai de Finn tinha sido reutilizado para fazer Finn.

— É bom ver você de novo, filho — exclamou o pai de Finn. — Já faz muito tempo. — Ele estendeu a mão, mas no segundo em que Finn estendeu a dele, seu pai a pegou e o puxou para um abraço de um braço só. — Vem aqui.

— Também é ótimo ver você de novo, velho — afirmou Finn, parecendo genuíno. Não pude deixar de sorrir. A felicidade dele era totalmente contagiosa.

— Velho? Eu não pareço nem um dia mais velho do que cinquenta e dois — argumentou seu pai, estufando o peito.

— Isso porque você TEM cinquenta e dois — disse a mãe de Finn, com um empurrão de brincadeira no ombro do pai.

— Essa deve ser a Sawyer — supôs o pai, direcionando para mim a atenção e o sorriso matador igual ao do filho.

Não pude evitar sorrir de volta.

— É ótimo conhecer vocês dois, Sr. e Sra. Hollis. Obrigada por me receberem na sua casa. — Na mesma hora, eu me dei conta de que ainda estávamos na varanda. — Ou… no lado de fora da sua casa? — corrigi.

Finn colocou a mão na minha lombar. Um gesto tranquilizador que eu precisava desesperadamente. Não sei por que motivo eu estava repentinamente nervosa por estar conhecendo gente nova. Eu vinha fazendo isso praticamente todos os dias há meses.

Mas essa é a primeira vez que você vê os pais do homem que você ama.

— Não precisamos de formalidades, querida. — O Sr. Hollis deu risada.

— Pode me chamar de Joe e essa linda senhora aqui é a minha Josie.

— Joe e Josie? — Ergui as sobrancelhas diante dos nomes parecidos, porém adoravelmente adequados.

Josie colocou um braço em volta do meu ombro, me afastando de Finn e me levando para dentro da casa. Joe e Finn entraram logo atrás. — Você acha estranho? — sussurrou ela. — Você deveria conhecer os nossos vizinhos. Sam e Samantha.

Dei uma risada.

— Mas eu acho que esses dois aqui ganham de nós em questão de nomes engraçados, hein? — Joe entrou na conversa.

— Como é… — A mãe de Finn diminuiu o passo e parou para girar o corpo quando caiu a ficha para ela.

— Eu sabia que você ia gostar — comentou Finn com um sorriso orgulhoso, — já que é o seu livro favorito.

Josie bateu palmas e parecia que ia derreter no chão de madeira olhando para nós com um sorriso que tomava conta do seu rosto inteiro.

— Finn e Sawyer!

CAPÍTULO 11



FINN

Comemos o delicioso frango assado da minha mãe no jantar. O gosto era melhor do que eu me lembrava. A conversa foi leve e cheia de risadas. Eu me vi apertando várias vezes a mão de Sawyer ou esfregando o meu pé na batata da perna dela por baixo da mesa para deixá-la tranquila. Mas depois de um tempo, ficou nítido que o nervosismo dela tinha desaparecido e que ela era simplesmente outra Hollis sentada à mesa do jantar.

Simplesmente outra Hollis.

Tinha algo naquilo que me fazia querer levá-la dali para uma caverna em algum lugar. Eu não achava que as duas camas de solteiro no meu quarto antigo seriam tão masculinas, mas teriam que dar para o gasto.

Os meus desejos de homem das cavernas teriam que esperar. Depois do jantar, meu pai e eu fomos nos sentar no deque nos fundos da casa e minha mãe insistiu que Sawyer ficasse para ajudá-la com a sua famosa torta de frutas.

— Desde quando mamãe precisa de ajuda com a sobremesa? — perguntei enquanto pegava o charuto que meu pai me oferecia e arrancava com os dentes a ponta para acendê-lo. Charuto não era bem o meu lance, mas aquilo era quase uma tradição. Sempre que eu os visitava, fumávamos um e jogávamos conversa fora.

— Ela não precisa. Aquela mulher consegue fazer uma sobremesa de olhos fechados e com as mãos amarradas para trás. — Ele ergueu o charuto que tinha na mão. — Já faz muito tempo que fumamos um desse — comentou ele, acendendo o próprio charuto e tragando até a ponta ficar vermelha antes de entregá-lo para mim para que eu fizesse o mesmo. Eu traguei e soprei.

— É verdade, Pai — concordei. — Tempo demais.

— Agora você está melhor, filho? Porque você parece melhor do que da última vez que nos vimos, quando você praticamente dispensou a sua mãe e a mim com um pé na bunda quando fomos ver como você estava, depois que Jackie faleceu. Eu sei que você disse que estava bem quando na verdade não estava nada bem. Ficamos com o coração partido quando vimos que não tinha nada que pudéssemos fazer por você a não ser deixá-lo resolver aquilo sozinho. E eu sei que foi difícil, mas fico feliz que tenha continuado a atender as ligações da sua mãe. Significava muito para ela saber que você ainda estava se arrastando na bagunça que você tinha feito da sua vida ao invés de desistir dela.

Eu odiava ser o responsável pela dor dos dois enquanto eu enfrentava a minha.

— Eu sinto muito — desculpei-me. — Eu realmente sinto. Eu não conseguia enxergar nada além da minha própria mer… — Meu pai olhou para mim. Eu dei uma risada. — Situação, e eu não tinha condições de entender o que eu estava fazendo vocês passarem.

Senti um aperto no peito imaginando os meus pais sofrendo por minha causa.

— Sim, você nos magoou. Mas sim, você está perdoado. Sempre — declarou meu pai, afagando o topo da minha cabeça.

— Que tal mudarmos de assunto? — sugeri, brincando.

Meu pai respondeu com humor.

— A vida é curta demais para fugirmos dela quando podemos construir nosso caminho na metade do tempo e sentar com uma cerveja e com um charuto na outra metade.

— Não tinha nada que vocês pudessem fazer para me ajudar a enxergar meu caminho livre de toda a merda naquela época. Mas sim. Eu estou melhor agora. E peço desculpa por ter feito vocês passarem por tudo aquilo.

Meu pai olhou para o charuto dele enquanto o girava em seus dedos como se ele, de alguma maneira, tivesse todas as respostas.

— Parece que Sawyer teve um papel importante na sua volta para nós. — Ele apontou na direção da janela onde minha mãe estava conversando entusiasmada, balançando no ar um rolo de macarrão, enquanto Sawyer ria de alguma história embaraçosa que ela provavelmente estava contando sobre minha infância. Era muito importante para mim tê-la ali. Como parte da minha família. As três pessoas com as quais eu mais me importava no mundo estavam debaixo do mesmo teto, e aquilo me fazia sentir completo, de uma maneira que eu nunca achei que poderia me sentir.

Meu pai não poderia estar mais certo.

— Ela foi a primeira pessoa que apareceu e que me fez sentir falta de viver. Eu não estava esperando por ela. Ou pelo modo com o qual ela me fez sentir. Me pegou completamente de surpresa.

— As boas sempre nos pegam de surpresa. — Meu pai assentiu como se entendesse exatamente o que eu estava dizendo, apesar de nem eu entender direito. — Eu vejo o jeito que você olha para aquela garota. É o que eu costumo chamar de fator ‘para sempre’. Eu o tinha nos meus olhos quando vi sua mãe pela primeira vez.

Ele soltou o ar dos pulmões como se nem ele conseguisse acreditar naquilo, e olhou de novo pela janela.

— Você ainda o tem quando olha para ela agora — afirmei.

— É isso que PARA SEMPRE significa, filho.

Eu ri e dei outro trago no meu charuto. Para sempre era exatamente o que eu queria com Sawyer. Mas eu já tinha tirado muita coisa dela. Como eu poderia pedir o ‘para sempre’ quando ela tinha experimentado tão pouco da vida?

— Sawyer sabe como você se sente? O quão profundo isso é para você? — perguntou ele, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Dei de ombros.

— Acho que sim, mas a vida dela é… complicada. Tudo isso é novo para ela. — Eu olhei para o céu. — Novo para mim também.

— Eu consigo ver isso. Você nunca olhou para Jackie desse jeito. Ela era uma boa menina e tudo mais. Eu sinto falta dela como se fosse uma filha minha, mas ela não era o seu fator ‘para sempre’.

— Não, ela não era. — Esperei a pontada de culpa já familiar acontecer depois daquelas palavras, mas ela não veio.

— Então, você não quer espantar Sawyer com a enormidade dos seus sentimentos. Agora me conta, filho, como você a tem cortejado?

— Como eu tenho o quê? — perguntei engasgando com a fumaça e estendi a mão para pegar a cerveja no deque perto da minha cadeira e dar um gole generoso.

Meu pai levantou uma sobrancelha e lançou para mim um olhar tão fulminante que seria capaz de derreter metal. Ele mudou de posição na cadeira e se virou para mim.

— Você é um Hollis, filho. Por favor, diga que você tem cortejado a garota e não apenas praticado uma relação conjugal. Diga para mim que você sabe como cortejar uma garota.

— Você realmente tem jeito com as palavras — comentei, dando uma risada. E ele tinha razão.

Meu pai revirou os olhos.

— Você quer tê-la ‘para sempre’, mas não a está cortejando? Você a levou pelo menos para sair em um encontro apropriado?

— Eu… merda — disse eu, recostando na cadeira e dando outro trago no meu charuto. — Não. Não, não levei.

Meu pai zombou de mim.

— É melhor você fazer isso. Se você não quer despejar seus sentimentos na sua garota ‘para sempre’ correndo o risco de espantar as abelhas para fora da colmeia, então, filho, você vai ter que cortejá-la primeiro. — Meu pai soprou um anel perfeito de fumaça.

Eu olhei de novo na direção da casa. Meus olhos encontraram os de

Sawyer rapidamente pela janela. Ela ficou corada e continuou a ouvir a história que minha mãe estava contando.

Eu adorava quando ela ficava corada. Adorava como o corpo inteiro dela ficava rosado quando ela ficava com tesão.

Eu não adorava o fato de que meu pai estava certo.

— Eu odeio quando você tem razão — resmunguei sem conseguir acreditar que eu vinha sendo tão ingênuo. Entre a minha volta à sociedade e toda a merda que vinha acontecendo com os pais de Sawyer, eu tinha esquecido de namorar.

Senti uma pancada brusca na parte de trás da minha cabeça e, quando me virei, vi meu pai colocando um jornal enrolado no deque.

— Para que isso?

— Ela nunca teve um encontro, não é? — perguntou ele. — Vocês se envolveram. Estão praticamente morando juntos e você nunca a levou para um único encontro. — Meu pai revirou os olhos e assobiou desapontado. — Nem um filme, nem um jantar. Nada. Você é mesmo meu filho ou eu deveria fazer um daqueles testes de DNA?

— Merda — murmurei, passando minha mão no rosto e coçando a barba por fazer no meu queixo.

— Caso ainda esteja se perguntando... — meu pai continuou. — Aquele tapa foi por colher a maçã antes que ela tivesse tempo de cair da árvore. Não foi isso que eu ensinei pra você, filho.

— Não, não foi — concordei.

Meu pai ergueu o rosto e olhou para as estrelas, reclinando na sua cadeira de praia que ficava rangendo. Eu fiz o mesmo.

— De que lado você está afinal de contas? — perguntei depois de alguns instantes de silêncio.

Meu pai deu risada e eu sabia exatamente o que ele ia dizer porque todas as vezes que eu tinha falado com ele no passado sobre minha mãe ou até mesmo sobre Jackie, ele havia respondido àquela pergunta da mesma maneira.

— Do lado dela, filho. Sempre do lado dela.



Eu tinha sido um babaca egoísta.

O que era apropriado, já que quando se tratava de Sawyer, eu pensava com a minha cabeça de baixo e não com o cérebro. Meu pai estava certo. Eu tinha colocado a maçã na frente da árvore caindo, ou o bláblábláblá confuso que ele dissera e que mexera comigo.

Ela nunca teve um encontro.

Eu estava entrando nela sem nunca a ter levado para um encontro.

Claro, eu tinha dormido com uma porção de mulheres que nem tinham sido minhas namoradas, mas Sawyer era diferente de todas que eu conhecera, e era por isso que o namoro que eu planejara estava longe de ser tradicional.

Com tudo que vinha acontecendo, eu não tinha me dado conta de que nós tínhamos pulado completamente uma etapa. Na verdade, tínhamos pulado várias etapas. Fomos do beijo ocasional para que ela não entrasse em pânico para a rotina de tê-la na minha cama todas as noites. Eu estava superfeliz, mas não tinha parado nem por um segundo para pensar em todas as coisas que ela nunca tinha vivido. Todas as coisas que ela tinha perdido.

Sawyer sequer tinha vivido o ensino médio ou o baile de formatura ou um jogo de futebol e, assim que foi possível, eu a peguei para mim, e em algum ponto em todo o lindo caos de me apaixonar por ela, eu havia me esquecido de namorá-la.

Eu tinha merecido o tapa que meu pai me dera.

E precisei de outro quando um pensamento impuro típico dos homens passou pela minha cabeça quando Sawyer saiu do quarto usando um vestido de verão branco que abraçava cada curva de seu corpo.

— Você cortou o cabelo? — perguntou ela, quando me encontrou na varanda da frente da casa dos meus pais. Ela tinha cheiro de lavanda e baunilha. Meu aroma favorito desde que a conheci e agora a fragrância que eu associava exclusivamente a todas as coisas relacionadas à Sawyer.

Eu precisava agradecer à minha mãe por ter levado Sawyer para fazer compras na cidade hoje. O vestido dela era do tipo que amarrava atrás do pescoço e levantava aqueles peitos fantásticos com apenas uma insinuação de decote. Eu já estava flexionando os dedos tentando me segurar e não o desamarrar para que ele caísse. O vestido delineava aquela cintura fininha e aquela bunda empinada, então abria apenas o suficiente para gentilmente roçar o meio da coxa dela, onde ele terminava.

Eu engoli com dificuldade.

Nervosa, Sawyer colocou um lado do seu cabelo ruivo atrás da orelha e caminhou lentamente sob a análise do meu olhar enquanto eu absorvia a criatura magnífica diante de mim.

— Você está deslumbrante — eu finalmente consegui falar. Limpando a garganta e tentando focar. Por debaixo das sardas, ela ficou corada e eu tossi porque meu coração tinha literalmente pulado uma batida. — A coisa mais bonita que eu já vi na minha vida.

— Sabe... Quando nos conhecemos, você costumava ser meio…

— Cruel?

Ela balançou a cabeça.

— Não, que palavra é aquela que a Josh usaria? — perguntou ela. — Um babaca. Você era um grande babaca.

Eu morri de rir.

— É errado eu achar que você falando palavrão é hilário, adorável e um verdadeiro tesão?

— Acho aceitável. — Ela ergueu o olhar para mim por debaixo dos seus longos cílios pretos. — Obrigada. E… e o seu cabelo? Você cortou? — Sawyer pressionou os seus lindos lábios cor-de-rosa. —

Eu não conseguia acreditar que aquela garota era minha.

— Finn? — chamou ela, me arrastando para o presente.

— Ah. Sim. O meu cabelo. Minha mãe deu uma aparada. Ela disse que parecia que eu tinha me rastejado para fora do pântano, e não que eu morava ao lado dele. — Dei tapinhas no topo da minha cabeça como um macaco dançarino em uma atração de circo. — Ela estava certa. Estava precisando. E já fazia um tempo.

Eu sempre fui muito confiante com a minha aparência e eu adorava o jeito que Sawyer olhava e apreciava meu corpo, mas aquela era a primeira vez na minha vida que eu estava preocupado em ter a aprovação de uma garota. Era como se eu precisasse que ela acreditasse que eu era bom o bastante para ela.

Não era. Nunca seria.

Mas ainda assim, eu queria que ela acreditasse.

Foi quando percebi como eu estava nervoso. O que era uma idiotice porque nós estávamos praticamente morando juntos. Mas aquilo era diferente. Mais profundo de alguma maneira. Mais significativo.

— Ficou lindo — elogiou ela, avaliando a camisa de manga curta que abraçava os meus bíceps, a calça jeans escura e justa e as botas pretas.

— VOCÊ está linda.

Aquele rosto corado, a maneira como a cor das bochechas combinava com aqueles lábios carnudos. A vontade de tocá-la chegava a doer, mas eu disse a mim mesmo que me comportaria. Ela merecia aquela noite e muito mais.

Mas não significava que a noite não seria longa.

— Você realmente não tem noção que está sexy para caralho — comentei.

Eu tinha parado de fumar, mas acendi um para não jogá-la no deque e fazê-la gritar tão alto que acordaria meus pais, que tinham caído no sono na sala enquanto assistiam Jeopardy mais de uma hora antes de o sol se pôr.

— Você realmente tem jeito com as palavras, Finn Hollis. — Os olhos dourados de Sawyer estavam iluminados com perguntas e deslumbramento. As

pupilas dela estavam ansiosas e enormes. — Você tem certeza que é o mesmo cara que eu conheci na clareira?

— Não. Eu não sou o mesmo — admiti. — Desde que você apareceu.

Ela olhou para mim como se estivesse deslumbrada com as minhas palavras até eu dar um trago no cigarro e ela piscar rapidamente.

— Então, para onde exatamente você vai me levar?

— É… uma surpresa.

Soprei a fumaça e apaguei o cigarro. Eu a peguei pela cintura e a puxei para perto de mim. Inalando seu perfume.

Só um pouquinho dela para eu conseguir me segurar por um pouco mais de tempo.

— Você acabou de me cheirar? — perguntou ela, com uma risada nervosa.

— Com certeza. — Eu não tinha motivos para negar.

— Então, como é o meu cheiro?

— Delicioso — gemi. — Sempre delicioso.

Durante todo o percurso na caminhonete do meu pai, fiquei tentando controlar a minha ereção. Eu me sentia como um garoto de treze anos de idade que não conseguia se controlar direito. Eu nunca tinha ficado daquele jeito antes, mas era impossível não pensar no que estava acontecendo dentro das minhas calças quando tudo que Sawyer fazia parecia dar um choque bem no meio das minhas pernas. Como quando notei que o vestido tinha subido em suas coxas. Quando ela cruzou e descruzou as pernas e eu consegui ver um pedacinho branco de algodão no meio de suas pernas. Quando ela, diante do espelho retrovisor, deslizou a ponta do indicador sobre o brilho sutil do gloss que cobria aquele lábio inferior carnudo.

Sim. Vai ser uma noite longa para caralho.

Você poderia achar que depois que eu tivesse Sawyer, o meu desejo por ela diminuiria, como tinha acontecido no passado com todas as outras garotas que tivera, mas aquele definitivamente não era o caso. Eu sentia que toda vez que Sawyer ficava perto de mim, eu era ainda mais infectado por aquela doença que me fazia precisar dela.

Uma doença da qual eu nunca queria ser curado.

Uma doença com a qual eu morreria com satisfação, agradecendo ao universo, com o meu último suspiro, por tê-la concedido a mim.

— Você está bem? — perguntou Sawyer, descansando a mão na minha coxa e me dando um apertão gentil.

Reprimi um gemido.

— Nunca estive melhor — respondi, meio engasgado.

— Parece que você está pensando em alguma coisa.

— Eu? Não. Nadica de nada.

Parei o carro no campo vazio ao lado da montanha e coloquei em ponto morto.

— Tem certeza? A gente pode fazer isso outra hora se você não...

— Não — respondi. — Você realmente quer saber no que eu estou pensando? — perguntei dando risada.

— Sim. Claro — respondeu ela, de maneira inocente, sem fazer ideia de como me afetava.

— Ok, o caminho todo até aqui eu vim pensando no quanto de você eu ainda não explorei. Em como eu gostaria de deslizar a minha língua por cada centímetro de sensualidade e sarda do seu corpo. No jeito que você fica corada antes de gozar. Em como você puxa meu cabelo quando estou beijando entre as su...

— Ooohh. — Ela deu um gritinho colocando a mão na boca. Ficou corada outra vez e seus mamilos cresceram por trás do tecido do vestido.

— Mas eu estou tentando ser um cavalheiro antes que o meu pai me dê um chute no traseiro por eu nunca a ter levado para um encontro apropriado.

— É tudo por causa disso? — perguntou ela, se aproximando para me dar um beijo na bochecha.

Fechei os meus olhos para me recompor e, quando os abri, fixei nos dela.

— Sim. E se você não se importa, você poderia, por favor, parar de ser tão incrivelmente sexy para que eu possa fazer isso de maneira apropriada?

Ela recostou no banco e pressionou os lábios.

— Bem, e para onde estamos indo? — perguntou ela, olhando para a escuridão ao redor.

Eu dei a volta na caminhonete e a ajudei a descer, pegando a mochila e a cesta de piquenique que eu deixara no banco de trás mais cedo depois de ter embalado as coisas, com uma pequena ajuda da minha mãe.

— Estávamos vindo exatamente para cá — respondi estendendo o cobertor no chão. — Sente-se.

Ela se sentou e ficou esperando enquanto eu pegava o resto das coisas que eu precisava. Coloquei o projetor portátil sobre o capô da caminhonete, apontando-o na direção da lateral da montanha. Peguei o controle e me juntei a ela no cobertor, pegando outro cobertor da bolsa para se ela ficasse com frio.

— Não existem muitas opções de encontro em Outskirts, e a mesma coisa acontece nas montanhas. Pesquisei e o cinema mais próximo da casa dos meus pais não é tão próximo assim. Uma hora dirigindo. E está passando um filme que eu acho que vi no ensino médio.

— Eu gosto mais disso — comentou Sawyer. — É mais… a gente.

— Você ainda não viu nada.

Coloquei a comida e os petiscos sobre o cobertor e entreguei a ela um pacote de pipoca. Fiz questão de ficar olhando para o rosto dela e não para a lateral da montanha que acendeu quando apertei o play no controle.

— Uau! — exclamou ela, erguendo o pescoço na direção da tela de cinema de seis metros agora projetada no topo da pedra na nossa frente. — O que é isso?

— Jantar e cinema — expliquei antes de jogar uma pipoca dela na minha boca.

— Isso é muito legal — disse ela, colocando um punhado de pipoca na boca. — E isso é tãããããão gostoso — exclamou ela com a boca cheia e, quando uma pipoca pulou de sua boca, ela riu com as bochechas cheias como as de um esquilo.

Eu ia apertar o play quando Sawyer falou uma coisa que me fez parar.

— Eu adorei conhecer seus pais. Muito obrigada por me trazer aqui. Foi tudo como eu achei que deveria ser.

— Tudo o quê?

Ela deu um suspiro como se estivesse contente.

— Família.

Eu sempre soube que meus pais eram ótimos. Eles tinham tolerado uma porção de merda na minha infância e mais ainda quando cresci. Mas, de repente, eu estava vendo os dois pelo olhar de Sawyer.

— Sabe, nem passou pela minha cabeça que isso talvez pudesse deixá-la triste. Desculpa.

Ela meneou a cabeça.

— Não. Foi maravilhoso. Eles foram tão gentis e cordiais. Eles riram e sorriram e riram um pouco mais quando eu derramei água na mesa inteira. — Ela riu e eu dei um beijo na sua cabeça. — Eles foram incríveis.

— Eles são ótimos. E adoraram você.

— Porque você me ama — afirmou ela como se estivesse finalmente entendendo aquilo.

Eu balancei a cabeça.

— Não, porque VOCÊ é incrível.

Apertei o play no controle antes de me esquecer completamente de tudo exceto de deixar Sawyer nua e de transar com ela no meio campo. Música começou a tocar no alto-falante ligado ao projetor. Os olhos de Sawyer se iluminaram quando ela seguiu a luz acima das nossas cabeças até a árvore larga à nossa frente onde rodavam os créditos de abertura do filme.

— Que filme é esse? — perguntou ela, pulando sentada sobre o quadril e batendo palmas. — Sobre o que é?

— Tinha só alguns filmes no porão dos meus pais que funcionavam com esse projetor. Um era sobre tubarões, outro sobre guerra e um era um documentário feito nos anos setenta sobre pornografia.

— O que é pornografia?

— Uh… bom... — Senti o meu rosto ficar vermelho.

Sawyer continuou inexpressiva enquanto eu tropeçava procurando uma explicação, até que ela explodiu em uma crise de riso.

— Eu só estava brincando. Eu sei o que é. Mas adorei ver que foi você que ficou corado agora.

Eu joguei pipoca no cabelo dela, e ela desviou com bastante habilidade.

— *Enfim*, respondendo à sua pergunta anterior, o nome desse aqui é Juno. É para ser uma comédia. Fora isso, eu não sei muita coisa.

— Eu tenho certeza que vou adorar — assegurou ela, com o seu sorriso largo iluminado no meio da escuridão quase tão brilhante quanto a luz do projetor.

— Vem aqui — chamei, puxando Sawyer para meus braços. Ela ficou aconchegada em mim enquanto beliscamos e assistimos ao filme, que não era tão engraçado quanto eu tinha imaginado que seria, considerando que no fim era sobre gravidez na adolescência e sobre entregar um bebê para adoção. Alerta de spoiler: acaba com a mãe e com o pai adolescentes chorando em um quarto de hospital por terem perdido o bebê.

Quando subiram os créditos de encerramento, olhei para Sawyer, que tinha um olhar confuso no rosto.

— O que foi? — perguntei.

Ela levantou a cabeça para olhar para mim.

— Nada, isso foi simplesmente… isso foi tudo, Finn. Eu estou feliz. VOCÊ me faz feliz. Obrigada.

Ela recostou a cabeça no meu peito e eu pude sentir sua respiração na minha pele atravessando o vão entre os botões da minha camisa. Ela beijou meu peito por cima do tecido.

— Você pode… — Ela começou a falar, mas então parou. — Quer dizer, a gente pode…

— Sawyer, tudo que você tem que fazer é pedir. É só pedir que é seu. Eu já falei isso — disse eu, sentindo o calor da pele dela através das nossas roupas.

Ela mexeu com os botões da minha camisa. Coloquei minha mão entre seus dedos e deslizei o botão para fora do buraco.

— Era isso que você queria? — perguntei com a voz rouca.

Ela assentiu.

— Pode me falar — sussurrei. — Pode me falar o que você quer.

Ela ergueu o olhar para mim. Seus olhos dourados estavam escuros. As pupilas, grandes e brilhantes.

— Eu quero você.

— Obrigado, Jesus! — blasfemei a derrubando de costas e tirando minha camisa em tempo recorde.

Pressionei os lábios contra os dela. Ela abriu a boca imediatamente para que as nossas línguas pudessem se encontrar e dançar juntas. Gememos e sussurramos juntos, um dentro do outro, enquanto ela procurava a fivela do meu cinto. Depois que ela o tirou dos passadores, soltei o botão e coloquei a mão debaixo do seu vestido, puxando aquela calcinha branca provocante pelas pernas. Ela usou os pés para empurrar a minha calça jeans para baixo. Meu pau duro saltou livre e eu gemi quando a ponta dele tocou o calor do cerne dela. Comecei a balançar para cima e para baixo tocando sua boceta, revestindo o meu pau com seu calor molhado. Provocando nós dois.

— Enfie em mim, por favor — implorou ela, com uma voz rasgada, roçando contra meu corpo e erguendo o quadril para sentir mais de mim.

— Finalmente — exclamei, projetando meu quadril para frente e entrando nela com um movimento longo e forte. Ela jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Sua vagina apertou em volta de mim e fui esmagado por todos os lados, cercado pelo lugar mais macio, mais molhado e mais quente, de onde eu nunca mais queria sair.

Ficamos ali em cima daquele cobertor naquele campo por horas, e ficamos alternando, ora fazendo sexo, ora fazendo amor. Às vezes só ficávamos olhando um para o outro enquanto eu ainda estava rígido dentro do corpo dela, enquanto recuperávamos o fôlego. Em alguns momentos, falávamos sobre tudo, em outros, sobre absolutamente nada.

Gozamos, rimos e começamos tudo de novo.

Quando já era mais de meia-noite, chequei o celular e me dei conta de que eu tinha várias ligações perdidas do Critter. Cliquei no meu ícone de mensagens e gelei. O mundo ao meu redor parou. Éramos apenas eu, Sawyer e o texto que, da tela na minha mão, olhava para mim com ódio.

— O que foi? — perguntou ela, me virando pelo ombro para que eu olhasse em seu rosto.

— É o Critter. — Tudo que eu não queria nesse mundo era pronunciar as palavras que eu tinha que dizer em seguida. Ergui o olhar, tirando-o do meu celular. — A sua mãe. Ela desapareceu.

Sawyer respirou com dificuldade.

— Onde ela…

Não precisei que ela concluísse a frase.

Balancei a cabeça lentamente.

Eu queria poupá-la do que eu estava prestes a dizer, mas eu não podia. Meu coração se partiu por ela antes mesmo de dizer as palavras.

— Não sabemos.

CAPÍTULO 12



SAWYER

Assim que aterrissamos, entramos correndo na caminhonete de Finn e fomos o mais rápido possível para a casa de Critter, que saiu para nos encontrar no quintal.

— O que aconteceu? — perguntei, sentindo o pânico invadir meu corpo inteiro como um inimigo contra o qual eu tinha lutado e perdido no passado.

— Ela estava na varanda. Maddy entrou para pegar um pouco de chá para ela. Quando voltou, sua mãe tinha sumido. À princípio, acharam que ela só tinha saído, perambulando por aí. Mas nós procuramos no campo de girassóis e não havia nem sinal dela.

Finn entrou na conversa.

— Podemos nos separar e cobrir um território maior.

Critter meneou a cabeça.

— Você não checou seu celular desde que aterrissaram, checou?

— Não, por quê? O que aconteceu? — perguntou Finn, parecendo tão inquieto quanto eu diante da pergunta.

— Porque a Caroline está aqui. Ela está em casa. Está segura. Ela ficou confusa e saiu sem rumo. Ficou desaparecida apenas por algumas horas. Voltou cheia de lama e cheia de picadas de pernilongo. Mas fora isso, ela está bem. Está descansando agora.

As minhas entranhas, que tinham se contraído com a notícia de que alguma coisa acontecera com a minha mãe, de repente se expandiram outra vez e eu finalmente consegui respirar. Era a primeira vez que eu respirava direito desde que Critter enviara as primeiras notícias sobre o desaparecimento da minha mãe. Aquilo tinha sido quase demais. Eu me senti tonta. Dei um passo trêmulo e, então, outro antes de braços fortes me pegarem quando caí. Ergui o olhar na direção do lindo rosto preocupado de Finn. Ele estava gritando alguma coisa para mim, mas eu não conseguia ouvir as palavras. Eu só via os seus lábios se movendo enquanto o seu belo rosto se dissipava completamente até eu estar sozinha na escuridão.



Finn ficava grudado em mim, mais que nunca. Não só porque eu desmaiara e ele entrara em pânico, mas porque não sabíamos onde o Richard

estava. Aparentemente, o amigo de Critter o perdera de vista quando ele entrou em um bar e nunca mais saiu.

Finn queria ir embora outra vez e eu prometi a ele que iríamos em alguns dias. Depois do susto com minha mãe, a única coisa que eu precisava era me sentir próxima a ela e ao Critter, e não podia nem imaginar ir embora de novo logo depois.

Enquanto não íamos, tentei levar minha vida como de costume e garantir que alguém do nosso círculo íntimo estivesse comigo a todo momento. Finn estava mais tenso do que nunca. Olhando pelas janelas de minuto em minuto. Andando de um lado para outro na frente da porta. Flexionando seus longos dedos e os estalando ocasionalmente.

— Você precisa se acalmar — disse eu, virando uma página do meu caderno.

— Eu vou. Assim que soubermos onde o canalha está.

— Ficar andando para lá e para cá não vai ajudar a encontrá-lo mais rápido — argumentei.

— Não — concordou ele. — Mas faz com que eu me sinta melhor. Se eu ficar parado sentado, é possível que eu seja arremessado pelo telhado.

— Então senta. Isso é uma coisa que eu gostaria de ver. — Eu o provoquei piscando.

Finn desviou a atenção da janela e virou os olhos.

— Espertinha — resmungou ele. Foi a primeira vez desde o nosso encontro que eu o vi sorrir.

Pude sentir seus passos pesados no chão quando ele se inclinou por cima do meu ombro.

— O que é isso? — perguntou ele, estendendo a mão por cima de mim na direção da mesa onde eu tinha deixado meu caderno aberto. — Isso é parte da sua pesquisa?

— Não. Isso… não é nada.

Tentei pegar o caderno, mas era tarde demais. Finn já estava movendo os lábios enquanto lia as palavras em silêncio.

Minhas palavras.

— Sawyer. — Havia uma admiração em sua voz que eu nunca tinha ouvido. Ele abaixou a folha e olhou para mim. Seus olhos estavam repletos de deslumbramento. *Orgulho*. Senti um frio na barriga. — Você escreveu isso?

Mordi o lábio e mexi inquieta a caneta na minha mão.

— Sim? — A resposta saiu como se fosse uma pergunta.

Finn colocou o caderno sobre a mesa respeitosamente. Deu um beijo firme nos meus lábios que eu senti até a parte mais profunda da minha alma.

— Eu não sabia que você escrevia desse jeito.

Eu dei de ombros.

— Nem eu.

— É muito bom. Tipo, muito bom. Você tem mais?

— Tenho, mas em geral são só um monte de rabiscos. Arte e religião estão estreitamente relacionadas. Eu nunca soube disso. Pinturas. Tapeçaria. Poesia. Eu amei tanto a poesia que comecei a ler todos os livros do gênero que temos aqui. Eles foram… inspiradores. Eu tenho brincado com algumas ideias e com as sensações que as palavras me dão quando eu as escrevo. Eu me sinto calma quando as leio para mim mesma. Sob controle, quando tudo que eu sentia estava fora de controle.

— É realmente incrível.

— Esse livro é o meu favorito.

Estendi a mão na direção do livro que eu tinha guardado fora de ordem no canto da prateleira. Eu o pegava pelo menos algumas vezes por dia. E não queria ficar tirando a banqueta com rodinhas do lugar toda vez que quisesse pegá-lo na prateleira de cima. Coloquei gentilmente sobre a mesa o livro com o título POESIA DO CORAÇÃO e abri no poema de Maya Angelou, obra pela qual eu tinha me apaixonado no primeiro capítulo.

— Eu li isso e senti alguma coisa. Acho que era isso que a autora estava tentando fazer. Provocar emoções. Retransmitir um sentimento. Desabafar e fazer com que as pessoas conseguissem ver dentro de sua mente. Eu achei... brilhante. De tirar o fôlego. Então achei que talvez eu também fosse capaz de fazer alguma coisa como aquela. Obviamente, não como ela, mas como… não sei. Eu.

— Eu nunca li algo como isso.

Finn ergueu o caderno outra vez e eu me senti envergonhada quando ele decidiu ler novamente a minha tentativa de criatividade, só que dessa vez, para o meu pavor, ele leu as palavras em voz alta.

Um pássaro caiu de uma árvore hoje e cantou sua última canção quando atingiu o solo.

Talvez não fosse uma canção.

Talvez eu estivesse errada. Ou não.

Poderia ter sido um grito ou um apelo.

Um pedido de ajuda. Uma súplica para não morrer.

Era impossível compreender e era impossível ajudar então chamei aquilo de canção poupando meu coração.

Um pássaro caiu de uma árvore hoje e gritou seu último grito quando atingiu o solo.

— Mórbido demais, não é? — perguntei, me encolhendo.

— Não. Pelo menos eu acho que não. É sobre percepção e sobre a impossibilidade de se mudar as coisas. O pássaro que está morrendo poderia ser qualquer coisa. Qualquer pessoa que você não pode ajudar ou qualquer situação que não pode mudar. É realmente… simplesmente uau. — Ele colocou os braços em volta de mim. — Eu estava começando a achar que você não tinha mais como me impressionar, e lá vem você de novo — murmurou ele.

O celular de Finn vibrou e ele me deu um beijo rápido antes de ir para os fundos da biblioteca, perto do depósito, para atender a ligação. Aquele era o único espaço onde suas palavras não ecoavam e nem eram amplificadas como se você estivesse berrando em um megafone.

O sino acima da porta da biblioteca sinalizou que tínhamos um visitante. Nós ainda não tínhamos muitos. Principalmente porque não estávamos oficialmente abertos. Mas eu queria que as pessoas se sentissem livres para vir dar uma olhada em nosso progresso. Eu adorava conhecer mais e mais gente daquela cidade que eu agora tinha como o meu lar.

— Ainda não estamos funcionando, mas fique à vontade para dar uma olhada — disse eu, quando uma moça que me era familiar entrou olhando ao redor como se estivesse perdida. Ela tinha o cabelo castanho como a cor de um rato e sem vida, penteado para trás em um coque simples na nuca. A blusa cinza de manga comprida e disforme e a saia preta na altura do tornozelo me fizeram lembrar de tempos dos quais eu queria me esquecer em breve.

Estou vendo coisas?

— Sawyer? — indagou a moça, como se ela que não conseguisse acreditar no que estava vendo. Caminhou hesitante até o centro do salão com os braços soltos e as mãos entrelaçadas diante do corpo. Ela me olhou de cima a baixo antes de abrir a boca aparentemente surpresa. Suas sobrancelhas arquearam.

— Você parece… você está tão diferente.

Foi só quando ela parou na minha frente, a pouco mais de um metro de distância, que a reconheci.

— Bridget?

Ela assentiu e sorriu. Se ela estivesse sorrindo quando se aproximou, eu provavelmente não a teria reconhecido.

— Achei que você não se lembraria de mim.

Bridget era o que mais se aproximava de uma amiga que eu tivera, mas isso não significava muita coisa. Sem permissão para falar em público ou a uma

distância que os adultos pudessem ouvir, e sem permissão para ficarmos sozinhas com outros da nossa idade, era difícil começar qualquer relacionamento. Bridget e eu conseguíamos nos comunicar olhando de rabo de olho ou erguendo o olhar, junto com os sussurros silenciosos ocasionais ou conversas às escondidas.

— É claro que eu me lembro de você. O que você está fazendo aqui? — perguntei, colocando meus braços em volta dela e puxando-a para um abraço. Eu estava feliz em vê-la, mas a minha felicidade logo se transformou em preocupação. Ela estava muito mais magra do que eu me lembrava. Eu podia sentir sua caixa torácica apertada contra mim.

Pelo canto do olho, vi Finn, que encerrou rapidamente a ligação, mas que manteve distância, assistindo à nossa interação atentamente. Acenei para que ele soubesse que estava tudo bem, mas mesmo assim ele não tirou os olhos de nós duas.

Bridget enrijeceu, surpresa, e percebi meu erro. O abraço.

— Sinto muito — desculpei-me, dando um passo para trás. — Eu não pensei direito.

Enquanto eu crescia, a única pessoa que abracei ou que me abraçou foi minha mãe. Eu imaginava que a vida da Bridget era bem parecida, se não fosse pior. Sua mãe não fazia contato visual com ninguém praticamente. Nem ela. Era incrível como eu tinha adotado o abraço tão rapidamente como forma de cumprimento.

— Tudo bem. Afeto sempre foi uma coisa natural em você. Eu sempre via quando você estendia a mão ou dava um passo para se aproximar de alguém antes de se corrigir.

Ela deu uma risada nervosa. Eu também.

— Você era muito observadora.

Ela olhou em volta do salão.

— Eu não tinha muita coisa para fazer a não ser olhar quando ninguém achava que eu estava olhando. Falando em olhar. Dá para ver que você mudou muito desde a última vez que eu a vi. No funeral da sua mãe — comentou Bridget, me olhando de cima a baixo outra vez.

Era mais curiosidade do que elogio, mas eu agradeci de qualquer maneira.

Repentinamente me sentindo exposta demais, puxei para baixo a bainha cortada do shorts jeans preto que não cobria quase nada da minha perna.

— Sim, as coisas com certeza mudaram para mim — afirmei. — Eu fui embora depois daquilo.

— Eu achei que você estivesse morta.

— Por quê?

— Porque seu pai nos disse que você estava morta. Disse que você tinha se matado assim como sua mãe. — Ela fixou os olhos em mim. — Eu não acreditei nele nem por um instante. Eu sabia que você era mais forte do que aquilo.

De repente me ocorreu que ela podia não estar sozinha.

— Bridget, eu estou feliz de ver você, mas o que você está fazendo aqui? — questionei, olhando para Finn, que já estava espiando por todas as janelas. — *Como* você pode estar aqui?

— Ah, não se preocupe. Eu estou sozinha. Eles acham que eu estou distribuindo panfletos para divulgar o culto na tenda — explicou ela, endireitando sutilmente a coluna. Seus olhos finalmente encontraram os meus, pelo menos por um segundo. — Você não é a única rebelde a sair da Luz Divina, sabia?

Eu sorri.

— Então onde é que estão os seus panfletos? — perguntei olhando para as suas mãos vazias.

Bridget sorriu timidamente e sussurrou:

— Eu os joguei na primeira caçamba de lixo que encontrei. — Uma pequena risada escapou da sua boca e ela imediatamente a cobriu se recompondo, apesar de estar nítido para mim o orgulho que ela estava sentindo de sua rebeldia.

Eu também estava orgulhosa dela.

— Você está certa. Talvez eu não seja a única rebelde a sair da igreja — comentei. — Mas por mais feliz que eu esteja por vê-la novamente, Bridget, por que é que você está aqui?

— Eu… vim encontrá-la. Eu ouvi alguns dos mais velhos conversando, inclusive o seu pai, e eles estavam falando de você. Ele disse para todos nós que você estava morta, mas eu o ouvi contando a verdade para o Pastor Dimitri, dizendo que você estava morta para ele. Que não estava morta de verdade. Então ele disse que você estava por perto e que…

Medo. Meu corpo foi preenchido com puro medo. Senti calafrios e, ao mesmo tempo, comecei a suar, e o meu ser registrou o medo que se instalava no meu coração e na minha mente.

— E o quê? — perguntei tentando encorajá-la a continuar e tentando me manter indiferente. — E que todos nós iríamos vê-la novamente em pouquíssimo tempo — sussurrou ela, olhando para o chão.

Finn enrijeceu o corpo, mas não fez movimento algum para se aproximar.

— O que… o que mais ele disse? — perguntei, tentando parecer o mais

calma possível.

Bridget se mexeu, mudando o apoio para o outro pé.

— Eu…

Uma voz masculina desconhecida gritou chamando por ela do lado de fora da janela.

— Bridget, para onde você foi? Bridget, onde você está? Temos trabalho a fazer!

— Eu tenho que ir — disse ela, seguindo com pressa na direção da porta já com a mão estendida para a maçaneta. — É o meu marido.

— Marido? Bridget, que marido? — perguntei. — Você não precisa ir. Eu posso ajudá-la. Você pode ficar. Eu vou protegê-la se você quiser ficar.

— Você sempre foi tola, Sawyer. Você, melhor que ninguém, deveria saber. — Bridget balançou a cabeça e correu até a porta sem nem olhar uma segunda vez para Finn, por quem ela passou no caminho. Seus ombros agora estavam curvados e seus olhos, voltados para o chão. O uniforme tradicional para as mulheres da Luz Divina. — Ninguém pode me proteger.

— Espere! Não vá embora. O que mais você tinha para me dizer? — perguntei, sentindo o pânico crescer no meu peito.

Bridget olhou para mim com compaixão nos olhos cansados.

— Sandy Bennett. Lembre-se de Sandy Bennett.

— Bridget, onde você está? — A voz do lado de fora ficou mais alta e mais irritada. Ela abriu a porta e a luz do lado de fora me cegou temporariamente.

— Espere, Bridget!! — gritei novamente. Mas era tarde demais.

Ela já tinha ido embora.

CAPÍTULO 13



FINN

Deixei Sawyer com Josh no bar porque Critter insistiu que precisávamos conversar. Maddy estava com a mãe de Sawyer e quando perguntei se a enfermeira podia mantê-la suficientemente segura, Critter me contou que ela era mais segurança do que realmente uma enfermeira e que ele e eu, nas palavras dele, “não íamos querer mexer com ela”.

— Para onde vamos? — perguntei para Critter, que chegou com o aerobarco atrás da minha casa e mal diminuiu a velocidade para que eu pudesse pular a bordo. — Achei que você quisesse falar alguma coisa?

— Eu estou mexendo a boca e tem som saindo dela, certo? Isso não é falar? — indagou Critter de maneira ríspida, virando o barco e seguindo na direção do pântano em uma velocidade que ninguém que não tivesse crescido aqui ousaria tentar.

— Aquela garota que apareceu. Bridget. Ela nos deu um nome. Josh está pesquisando e investigando. Vamos ver aonde isso vai dar antes de fazermos qualquer coisa que possa separar a sua família por outros vinte e dois anos.

Critter me lançou um olhar que quase abriu um buraco no meu crânio.

— Esperei por vinte e dois anos, caralho, para que esse bastardo aparecesse de novo no meu pântano, e é melhor você acreditar que eu vou garantir que ele nunca mais saia daqui.

— E qual é exatamente o seu plano?

— A boa e velha hospitalidade do sul — respondeu Critter, com uma voz rouca.

Merda.

— E isso significa o quê?

— Significa que eu vou arrancar aquela cabeça dos ombros dele com um tiro e, então, vou acender um charuto. Depois, talvez, eu comemore com uma torta.

— Tá certo. Vá em frente. Estoure os miolos dele. Entendi. Parece um plano e tanto.

— Não. Você não estava me ouvindo. Também tem a parte do charuto e da torta.

Apoiei a cabeça nas minhas mãos.

— Critter. Eu quero que esse babaca desapareça tanto quanto você.

Caroline acabou de voltar. Se nos pegarem, vamos voltar para onde você começou e aí vai ser você que vai pagar pelos crimes do Richard. *DE NOVO*. Não deixe que ele ganhe. Dessa vez não. Você não quer vê-la melhor? Conversar com ela? Então temos que ser espertos em relação a isso aqui. Não estou dizendo que a hospitalidade do sul está fora de cogitação. Só estou dizendo que talvez não seja uma boa ideia entrarmos em uma igreja e matar o pastor enquanto ele está pregando no púlpito como se fôssemos uma milícia idiota e caipira de duas pessoas.

Critter virou os olhos.

— Não seja tão dramática, *Karen* — zombou ele. — Você nunca matou um homem antes? Eu servi em duas ocasiões e vou dizer uma coisa, é preciso um pouco mais de sutileza do que simplesmente sair metendo bala nele, ou seja lá como vocês moleques dizem hoje em dia.

— Eu não conheço uma pessoa sequer que fale desse jeito — resmunguei. — Exceto Miller talvez.

Critter olhou para as águas escuras diante de nós.

— Conheci outros homens como Richard. Ele não vai parar até que elas voltem submissas ou mortas. E como sabemos que ele não vai conseguir a submissão delas… ele tem que desaparecer — declarou Critter, com uma mistura de raiva e tristeza. — Ele tem sorte de ainda não estar morto, mas ele foi um homem difícil de encontrar. Ele cobria bem os seus rastros se escondendo atrás daquela igreja dele. Coloquei vários investigadores particulares atrás dele ao longo dos anos. Eles não encontravam merda nenhuma, até que o último voltou e disse que o Richard e a Caroline estavam mortos. Acidente de carro. — Critter fechou os olhos brevemente como se estivesse lembrando da dor que tinha sido intensa demais para suportar. — Achei que ela estivesse morta. Achei que meu mundo tinha morrido. — As mãos dele apertaram com força o volante. — Agora eu acho que meu investigador deve ter encontrado Richard e aquele filho da puta deve ter molhado a mão dele para que ele me desse informações falsas. Tomara que aquele babaca do investigador nunca cruze o meu caminho.

Passamos por cima de um trecho de terra como se fosse água. Mas quando vi o próximo ao longe, levantei e semicerrei os olhos como se não conseguisse acreditar no que eu estava vendo.

— Merda! — praguejei. Tinha alguma coisa logo à frente do barco. — Pare, Critter! — gritei direcionando a atenção dele para um tufo de cabelo e um pedaço de tecido.

Critter desviou bruscamente e me derrubou. Caminhei na água até o mato e subi, vendo que aquilo que quase tínhamos atingido definitivamente não era uma coisa.

Era uma pessoa. Alguém que eu vira poucas horas antes. A mesma pessoa que dera o aviso de que o Richard estava aqui.

Bridget.

SAWYER

Brava. Eu estava muito mais do que brava.

Tudo que eu via era vermelho. Vermelho vivo, vermelho sangue.

Por dentro, eu era um carro derrapando e cantando pneu ao frear em uma estrada molhada. Por fora, eu era um suave sorriso falso e música de elevador.

— Quem fez isso com você? — perguntou Josh com gentileza. Havia muita solidariedade em sua voz enquanto ela pacientemente esperava Bridget, espancada e machucada, responder às perguntas que ela já tinha repetido várias vezes sem ter nem mesmo um murmúrio como resposta. — Estamos tentando te ajudar — Josh continuou. Sua postura era nitidamente a de uma policial, mas sua compaixão por aquela mulher deitada naquela cama de hospital entre nós me surpreendia.

— Bridget, eu falei para você. Podemos ajudá-la. Podemos protegê-la. Olhe para mim. Eu estou aqui, não estou? Eles estão me mantendo a salvo. Podem mantê-la a salvo também. — Eu a tranquilizei colocando minha mão no braço que não estava na tipoia. Bridget olhou para minha mão como se eu a estivesse queimando. Puxei minha mão e a esfreguei como se estivesse apagando a chama.

— Não por muito tempo — murmurou ela, com um olho roxo e fechado de tão inchado que estava. Ela tinha sido seriamente espancada e nós não fazíamos ideia de como ela tinha ido parar no meio do pântano e, ainda assim, sobrevivido.

Até agora.

— Bridget, se você voltar para lá... — Deixei a minha voz morrer, sabendo exatamente o que aconteceria. Aquele era um aviso para mim. Ela poderia ter morrido. Eles não teriam se importado.

Eram monstros que desfilavam por aí como Cristãos.

— E se eu pudesse... — Josh estava começando a falar quando dois homens entraram no quarto. Eu não fazia ideia de quem era o primeiro, mas tinha o broche da Igreja Luz Divina na camisa. O segundo ficou atrás da porta na sombra com o chapéu cobrindo o rosto.

— Não responda nada — ordenou o primeiro homem, se colocando em pé ao lado da Bridget. — Essa é a minha esposa.

— Que estranho… — disse Josh enquanto levantava para mostrar que estava usando o uniforme da polícia. Seu distintivo cintilou sob a luz

fluorescente. Ela pressionou os lábios. — Não ouvi nenhum ‘graças a Deus você está bem’. Eu nem mesmo ouvi um ‘eu estava morrendo de preocupação’. A única coisa que eu ouvi foi a sua declaração de que ela é sua esposa, como se o senhor estivesse vindo pegar seu cachorro no canil. — Josh apontou para o olho da Bridget. — É assim que o senhor trata o seu cachorro?

— Eu estou em choque. É só isso — explicou o homem, pegando a mão de Bridget de um modo desajeitado, como se ele nunca tivesse feito aquilo antes. — Como você se atreve a me acusar de tratá-la como um cachorro?

— Não, não foi bem isso. Acho que eu sugeri que o senhor a trata pior do que a um cachorro.

— Será que podemos conversar depois, *policial*? — A palavra saiu da boca daquele homem com desprezo. — Eu gostaria de um momento a sós com a minha esposa.

— Só se a *vítima* concordar — respondeu Josh, colocando ênfase na palavra vítima.

Bridget não olhou nos nossos olhos, mas balançou a cabeça.

— Tudo bem. Ele é meu marido.

— Bridget, você não precisa falar com eles! — gritei enquanto Josh seguia na direção da porta. — Podemos ficar. Você não precisa ficar sozinha com eles. Nunca mais. — Josh me virou pelos ombros e me tirou do quarto, fechando a porta depois que saímos. — Não podemos deixar Bridget ali dentro com eles! — exclamei. — Eles são monstros. Olha o que fizeram com ela!

— Eles não vão fazer nenhuma merda comigo aqui fora. — Ela colocou a mão no cinto. — Eu tenho uma arma e essa porra toda aqui. O que eles vão fazer? Lutar comigo com umas orações de merda? Sawyer, se eles tocarem em um fio de cabelo daquela garota, eu entro atirando como se estivéssemos no velho oeste.

O olhar da Josh era firme e sério.

— Obrigada — agradeci, satisfeita por não ser a única pessoa que estava tentando protegê-la.

— Mas tem uma coisa que você precisa saber — falou ela com os olhos grudados na porta.

— O quê? — indaguei.

Ela deu um suspiro e apontou para a janela por onde víamos o marido de Bridget curvado sobre a cama dela.

— Aquela garota ali vai sair desse hospital com esses caras ainda hoje.

— Não! — gritei, sentindo um enjoo só de imaginar.

— O que eles fizeram com ela foi um aviso e ela entendeu muito bem a mensagem. Nem mesmo um olhar ou um piscar de olhos ou um tremor na mão

dela me dizem o contrário.

— Não…! — exclamei, estendendo a mão na direção da maçaneta. — Minha mãe ficou com o homem que a torturava. Eu não vou recuar e ficar vendo esse tipo de coisa acontecer outra vez. Eu não posso, eu não vou!

Josh me puxou de volta e me colocou sentada na cadeira do corredor. Ela agachou para que apenas eu a ouvisse.

— Você precisa entender que nem todas elas são fortes como você.

A porta abriu e o sentimento familiar de medo começou a gotejar pela minha espinha quando aqueles homens passaram por mim. Eu não consegui olhar para eles. Estava indignada demais para dar tanto a eles.

— Nós voltaremos — informou o marido de Bridget falou quase alegremente, como se estivesse se gabando. — Para levá-la para *casa*.

Quando a campainha do elevador tocou e as portas deslizaram se abrindo, os dois homens entraram. Antes que elas deslizassem e fechassem novamente, o outro homem falou. Aquele que tinha permanecido nas sombras.

— Sim. Nós voltaremos. Para *levá-las* para casa.

CAPÍTULO 14



FINN

Eu gostaria de poder voltar no passado e nunca ter visto aquela garota deformada caída entre os juncos no pântano. Eu queria arrancar a imagem de Bridget do meu cérebro porque aquilo era tudo que eu via, só que toda vez que aquela imagem aparecia, não era Bridget que eu via caída ali com os ossos quebrados e coberta de sangue.

Era Sawyer.

Pensar naquilo chegava a me dar enjoo. Eu tive que encostar o carro duas vezes no caminho até o bar do Critter para expurgar aquele pensamento através de todo o conteúdo do meu estômago. Depois de vomitar na estrada, coloquei para fora as minhas frustrações batendo com os punhos no volante. Colocando minha raiva para fora através de gritos para absolutamente ninguém.

Critter nos fundos do bar, fumando o charuto dele e direcionando um caminhão de bebida que estava dando ré até a porta.

— Um pouco cedo essa manhã, não é? — perguntei para ele no momento em que o motorista do caminhão pulou para fora e entregou a ele uma prancheta antes de deslizar e abrir a porta de trás e puxar para fora a rampa de metal.

— É? Eu não tinha notado — respondeu Critter.

— Talvez notasse se dormisse um pouco.

— Ando ocupado demais para dormir. Ocupado demais com os meus pensamentos — explicou ele, dando um trago no charuto.

Eu conhecia aquele cara desde que me conhecia por gente. Eu costumava roubar os girassóis do campo em volta da casa dele quando ainda usava fraldas. E eu não me lembro de nenhuma vez tê-lo visto parecer cansado. Até aquela manhã. Eu era muito novo quando a mãe de Sawyer foi embora e seria impossível me lembrar de como ele lidou com aquilo. Apesar de ter certeza de que ele parecia tão cansado quanto agora.

— Quer me contar alguma coisa? — perguntei na esperança de que conversando talvez eu pudesse aliviar um pouco sua mente.

Critter subiu a rampa e inspecionou o carregamento. Rabiscou sua assinatura na papelada antes de devolvê-la ao motorista, que enfiou os papéis em qualquer lugar e começou a descarregar. Ele, que nunca foi de ficar sentado fazendo nada, pegou uma caixa e o seguiu para dentro do bar, colocando-a no depósito ao lado do escritório. Fui atrás deles e fiz o mesmo.

— Nada que você ia querer ouvir — resmungou ele.

— Por que não experimenta? — desafiei.

Critter pegou outra caixa do caminhão. Eu estava me curvando para pegar uma também quando ele virou para mim, largou a caixa no chão e colocou a mão no bolso para pegar o celular. Ele apertou alguns números e levantou a tela para que eu pudesse ver seus contatos indicando alguém listado apenas como 190-B.

— O que é isso? Ou *quem* é esse?

— Isso… — explicou ele, enfiando o celular no bolso da calça jeans de novo. — Isso aqui é um número para o qual eu poderia ligar e com um único toque eu poderia fazer Richard Dixon sumir da porra da face da terra agora que sei onde ele está.

— Então por que você ainda não fez isso? — perguntei curioso.

— Porque ela me pediu para não fazer — respondeu Critter, esfregando a mão no rosto.

— O quê?

Critter pegou outra caixa.

— Caroline. Ontem à noite, ela teve um momento de lucidez. Mais longo do que de costume. Ela disse que ter o sangue imundo dele nas minhas mãos não me faria melhor que ele. Ela me fez prometer que eu não faria aquilo e agora eu tenho que descobrir um jeito de dar um fim no reinado de horror daquele filho da puta de alguma outra maneira.

— Nós — corrigi. — NÒS temos que descobrir como dar um fim nisso tudo.

— E como está Sawyer depois de tê-lo visto no hospital? — quis saber ele.

— Ela fala o tempo todo que está bem, mas eu sei que não está. Eu não estaria se tivesse ficado no mesmo quarto que o homem que sequestrou minha mãe, ameaçou a vida das duas e as atormentou por anos! — Ao dizer aquelas palavras, eu mesmo senti vontade de derramar sangue, mas vi como Critter estava cambaleando na beira do precipício e eu não queria ser a pessoa que o empurraria, fazendo-o quebrar a promessa que tinha feito à esposa.

— Sim, eu conheço bem o currículo daquele cara — esbravejou Critter. — Mas valeu por me atualizar. É sempre bom ter um curso de reciclagem a respeito de todas as coisas horríveis relacionadas ao homem que eu me imaginei matando por mais de duas décadas.

— Ele não está na lista de pessoas que Sawyer e eu vamos convidar para o nosso casamento — comentei sem pensar.

Critter virou para mim e lançou um olhar como se eu fosse o inimigo.

Virei para trás para ter certeza de que Richard não estava em pé atrás de mim.

— O quê? — perguntei.

Ele semicerrou os olhos para mim.

— Você está falando sério? Está pensando em se casar com a *minha* filha?

Pensei cuidadosamente nas minhas próximas palavras, mas a resposta foi simples. Aquele não era um dia para mentir para o Critter.

— Sim. — Fiz uma careta. — Senhor?

— Filho…

— Agora eu sou seu *filho*?

— É sim. — Critter apontou para mim e ficou balançando o dedo enquanto falava. — *Filho,* se você machucar a minha menina de *alguma* maneira, juro que esfolo você vivo, dou a sua carcaça pros meus cães de caça comerem e exponho o que sobrar na minha porta da frente para que sirva de aviso para os outros.

Ele despenteou o meu cabelo como costumava fazer quando eu era moleque, e eu não gostei daquilo assim como não gostava naquela época. Eu o alisei para trás e Critter sorriu, limpando o balcão e os copos como se não tivesse acabado de ameaçar a minha vida de maneira bastante real e medonha.

— Uau, Critter. Já fazia um tempo que eu não tinha uma boa conversa de pai pra filho. Mas tenho que dizer que nunca esperei isso de você — disse eu, voltando a ajudar Critter e o cara da entrega a carregar as caixas para dentro.

— Bom, mas não vai ficar esperando que eu faça de novo porque isso foi um aviso de cortesia. E vai ser o único.

— Anotado.

— O que é isso? — perguntou Critter quando o motorista entregou a ele uma garrafa de uísque que não tinha sido tirada de nenhuma das caixas. Ele girou a garrafa transparente nas mãos e o motorista deu de ombros.

— O chefe disse para eu entregar pra você. É um presente. Uma amostra para você experimentar. Algo novo que ele vai tentar vender, imagino. Não tenho certeza. Eu só entrego a birita, engravido a minha esposa e pago a maldita escola das crianças. Não necessariamente nessa ordem.

— Obrigado, Pete. Fala pro Mike que é melhor que isso não seja uma merda ianque. A última garrafa que ele mandou para mim, acabei usando para treinar tiro ao alvo no meu campo.

Pete virou a garrafa na mão do Critter. Colado na parte de trás tinha um bilhete que dizia:

NÃO É UMA MERDA IANQUE.

Critter deu risada.

— Completamente sulista, Critter — comentou Pete, antes de correr sem muita pressa e subir no caminhão. Acompanhei Critter até o bar vazio.

Ele colocou um charuto na boca e abriu a garrafa de uísque, colocando dois copos sobre o balcão. Encheu os dois até a metade e empurrou um para mim.

— Hoje é uma daquelas manhãs que pede uísque.

— Eu nunca soube que você é do tipo de homem que bebe uísque no café da manhã.

— Você também nunca soube que eu era casado e tinha uma filha.

— Boa observação.

Critter bateu o copo dele no meu sem esperar que eu o pegasse e o esvaziou com duas goladas generosas, batendo com ele no balcão com tanta força que foi uma surpresa não ter quebrado.

Eu estava girando o copo no qual ainda ia dar um gole enquanto Critter já estava pegando mais.

— E o nome que aquela menina Bridget deu a Sawyer?

— Sandy Bennett — respondi.

— Josh está cuidando disso. Ela está investigando o nome em todas as agências às quais ela tem acesso.

Critter secou seu segundo copo e suspirou.

— Sabe, no instante em que eu descobri que Caroline e Sawyer estavam vivas, eu tive que colocar a minha necessidade de machucar aquele filho da puta em segundo plano em relação à minha necessidade de querer rachar o crânio dele ao meio. Sabe por quê? Porque a família vem em primeiro lugar. As minhas meninas vêm em primeiro lugar. E infelizmente Caroline estava certa. Você estava… bom, meio que certo. Eu não vou para cadeia agora que acabei de conseguir minha família de volta. Eu não vou viver sem as duas outra vez. — A expressão dele ficou mais suave. — Não consigo.

Eu olhei para ele.

— Eu entendo — disse eu, passando a mão pelo cabelo e soltando o ar dos pulmões, tomado pela frustração. Eu tinha pensado a mesma coisa umas mil vezes. Senti uma pontada no peito. E me lembrei da dor que carreguei comigo depois que Jackie morreu. Tinha sido suficiente para me atirar em anos de solidão. Critter sabia daquilo e tinha estendido a mão para mim, mas nem mesmo ele conseguiu me alcançar.

— No meu ponto de vista, você e eu estamos no mesmo barco. Nós dois sofremos perdas terríveis — revelou Critter, repetindo meus pensamentos.

— Eu acho que já está mais do que na hora de conseguirmos uma vitória.

Ou um descanso. *Ou alguma coisa.*

Assenti e contornei borda do copo com o dedo.

— É uma loucura como um único homem foi capaz de causar toda essa tristeza. Todo esse sofrimento. Daria para pensar que tem um exército dele lá fora. Ou que ele é o próprio diabo.

Critter colocou as duas mãos no balcão e fechou os olhos por um instante como se estivesse lutando com alguma coisa. Quando abriu os olhos novamente, falou com uma convicção que eu nunca tinha visto nele ao falar de qualquer outra coisa antes.

— Eu tenho notícias para você — disse ele antes de tossir e bater no peito com o punho fechado. — Richard Dixon *é* o próprio diabo.

O rosto do Critter ficou pálido e os olhos ficaram arregalados. Ele começou a tossir. Quando vi que aquilo não passava, levantei e dei a volta no balcão. Ele estava batendo no peito com o punho fechado. Agarrou no balcão para se apoiar, mas não conseguiu se segurar, e eu o peguei quando estava caindo, colocando-o no chão enquanto ele tentava respirar. O olhar dele se apagou. Eu peguei meu celular em pânico. Minha mente não conseguia entender o que estava acontecendo.

— Fique comigo, Critter. Você já resistiu a tanta coisa, não vai desistir agora, velho.

Critter olhou para o teto sem parecer focar em nada. Seus olhos começaram a se fechar.

Os tinidos no alto esvoaçaram por todo o teto, indicando que a porta tinha sido aberta. Com meu celular no ouvido, ergui o olhar e vi Sawyer em pé ao meu lado olhando para Critter.

Ela reprimiu um soluço.

— Nãããããão! — gritou.

Meu coração ficou apertado. Por ele. Por ela.

E ele parou de respirar.

CAPÍTULO 15



SAWYER

O hospital era o último lugar onde eu queria estar outra vez.

Visitando Critter.

Critter era forte. Saudável. O homem mais teimoso que eu conhecia. Mas também era o mais afetuoso. O mais amável. Eu adorava tudo nele, desde sua voz grave de barítono até seu bigode ridículo, que apenas ele poderia tirar.

Quando eu tinha ido até lá para ver Bridget, eu queria que ela se salvasse. E eu queria ajudá-la a conseguir aquilo.

Com Critter deitado ali, preso a tubos e máquinas, eu não queria apenas salvá-lo, queria respirar vida nele. Queria bater em seu peito com meus punhos fechados e gritar com ele até que ele acordasse e me dissesse que ficaria bem.

Ele *tinha* que ficar bem.

TINHA. QUE. FICAR. BEM.

Finn estava em pé no canto, conversando com a médica do Critter enquanto eu estava sentada ao lado da cama, segurando sua mão com a minha cabeça apoiada em seu peito.

— Então é disso que se trata — disse a médica. Eu estava tão envolvida com a minha própria desolação que não tinha ouvido uma única palavra do que ela tinha dito a Finn.

— Desculpe, eu não entendi, o que exatamente você está dizendo? — perguntei. — Foi um ataque cardíaco? — Levantei a cabeça do peito do Critter, mas continuei com os dedos entrelaçados nos dele.

A médica olhou para mim por cima da armação dos óculos e colocou a prancheta debaixo do braço. Eu sabia que o que quer que fosse que ela me diria não seria bom, já que Finn estava agora apoiado na parede em busca de amparo. Seu rosto estava vários tons mais pálido do que quando chegamos ali.

Eu fiquei imóvel. Eu podia ouvir meu coração batendo quando ela falou.

— Versão resumida? — perguntou ela, como se estivesse com pressa. — Assenti e prendi a respiração. — Seu pai foi envenenado.

CAPÍTULO 16



SAWYER

ENVENENADO.

Finn e eu passamos dois dias no hospital. Dormíamos sentados em cadeiras, encostados um no outro. Um dando apoio ao outro, não apenas física, mas emocionalmente também. Estávamos para lá de cansados e eu via que o estresse estava pesando para ele, assim como estava pesando para mim. Ele amava Critter como se fosse seu próprio pai, e eu já amava Critter antes mesmo de saber que ele era meu pai.

Eu me via entoando mentalmente ‘por favor acorda, por favor acorda, por favor acorda.’ Toda vez que a máquina apitava, minhas esperanças ressurgiam me fazendo acreditar que era um sinal de que ele estava acordando.

E toda vez, elas eram esmagadas quando ele não acordava.

— Aconteça o que acontecer, vamos enfrentar isso juntos — disse Finn. Eu adorava como ele tentava me consolar quando ele próprio estava sentindo o mesmo desespero.

— Você quer comer alguma coisa? Já faz um tempo que comeu.

Balancei a cabeça.

— Não. Eu só vou ficar aqui. Com ele.

Ergui os joelhos contra o peito e coloquei os braços em volta das minhas pernas.

— Sabe, ficar olhando para ele como se fosse uma linha de pesca na água, esperando que alguma coisa aconteça, não vai fazer com que ele melhore mais rápido — disse ele, tentando arrancar um sorriso de mim.

Continuei com os olhos em Critter.

— Eu só quero que ele acorde.

— Você ouviu a médica. Eles deram uma injeção para que ele reaja. Ele é forte. Ele vai conseguir. Eu sei que vai — assegurou Finn. Ele era um ótimo ator ou realmente acreditava no que estava dizendo.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntei sentindo meus olhos ficarem cada vez mais pesados. Sentindo o nó em minha garganta e no meu coração ficar ainda maior a cada segundo que se passava.

Finn deslizou da cadeira onde ele estava e se ajoelhou na minha frente.

— Você se lembra de quando tivemos aquela conversa sobre fé? Eu acho que você me disse que o dicionário a definia como “a crença em algo baseada

em entendimento espiritual mais do que em provas”.

Assenti. Tirar os olhos do corpo inerte de Critter me destruiu por dentro, mesmo que por um instante apenas, mas eu queria olhar para Finn. Eu não só precisava ouvir o que ele estava tentando me dizer, como também precisava sentir.

Ele juntou as nossas mãos.

— É por isso que tenho certeza que ele vai sobreviver. Eu não acredito em muita coisa. Mas tenho fé nele. Esse homem esperou muito tempo para ficar com a família. Confie em mim. Ele não vai deixar vocês duas agora.

— Ele sempre foi teimoso como uma mula.

Finn e eu olhamos para porta por onde minha mãe entrou em uma cadeira de rodas conduzida por Maddy.

— Mã… Oi — me corrigi. Havia certa lucidez nela, mas eu queria agir com cautela, então me contive quando quis chamá-la de mãe.

Maddy a conduziu até a cama do Critter e então saiu do quarto, ficando de guarda na frente da porta.

Com lágrimas nos olhos, minha mãe estendeu a mão para mim.

— Vem aqui, meu bem. Vem ficar um pouco com sua mãe.

Eu nunca tinha escutado minha mãe soando tão forte, falando tão claramente.

Aquilo era temporário? Ela estava de volta? Meus pensamentos, minha barriga e minha mente estavam uma confusão, fazendo com que meus batimentos cardíacos acelerassem.

Por um instante, só fiquei ali. Olhando. Pasma. Era como se ela nem fosse a mesma mulher. Minha mãe balançou os dedos estendidos.

— Agora eu vou cuidar de você. Prometo.

Foram aquelas palavras que romperam toda e qualquer barreira que ainda me afastava da minha mãe. Fui tomada imediatamente por uma onda imensa de alegria indescritível. De paz. A corrente invisível que nos ligava como mãe e filha estava sendo reparada, elo por elo, a cada passo que eu dava em sua direção. Eu podia sentir.

Em meu coração.

Finn deu um passo para o lado para que eu pudesse me ajoelhar ao lado da minha mãe, mas aquilo não era perto o suficiente para ela, que estendeu as mãos e puxou meu braço.

— Venha aqui — pediu ela, enquanto me puxava para seu colo. Ela ergueu os meus pés sobre a lateral da cadeira de rodas e me segurou como um bebê. Eu desabei. Fiquei ali soluçando na blusa branca da minha mãe enquanto ela afastava para trás o cabelo da minha testa. Soluçando, coloquei para fora

minhas questões. Minha frustração. Minha confusão. Meu amor. Ela sussurrou para mim o quanto me amava enquanto eu dava a ela todas as lágrimas que tinha reprimido ao longo da minha vida.

Depois que eu me acalmei, fiquei ali no colo da minha mãe e juntas ficamos vendo o peito do Critter subir e descer com a ajuda das máquinas.

— Vou deixar vocês duas a sós por um tempo — disse Finn, pedindo licença.

Minha mãe o fez parar antes que ele pudesse chegar à porta.

— É você o jovem por quem minha filha está tão desesperadamente apaixonada? — A pergunta me fez sorrir por dentro. Eu tinha sentido a mesma coisa durante a visita aos pais de Finn. Como se fosse daquele jeito que as coisas deveriam ter sido desde o início. Com apenas algumas palavras, minha mãe estava me dizendo que ela não só tinha voltado a ser a minha mãe, mas que agora ela era a mãe que sempre tinha desejado ser.

Eu me senti mais forte por causa dela. Eu queria SER mais forte por causa dela.

Finn sorriu. Ele não pareceu nem um pouco abalado com o comentário dela quando até por dentro eu estava vermelha.

— Sim, senhora. Sou eu — respondeu Finn. — É um prazer conhecê-la oficialmente, senhora. Apesar de achar que já nos conhecemos antes. Muitos anos atrás.

Minha mãe assentiu.

— Muitos anos. Você cresceu um pouco desde a última vez que eu o vi — comentou minha mãe brincando, mas sua voz ainda estava triste e pesada.

— Só um pouco, eu imagino.

Saí do colo da minha mãe e me sentei em uma cadeira ao seu lado. Ela juntou a sua mão na minha como tinha feito um milhão de vezes. Olhei para onde as nossas mãos estavam unidas e ainda não conseguia acreditar que aquilo era real.

— Você costumava roubar os girassóis dela — falei para Finn, me lembrando do que minha mãe tinha dito durante nossa primeira conversa.

— Ele fazia isso mesmo — confirmou ela.

— Acho que vocês descobriram todos os meus segredos agora — disse Finn, balançando o corpo para trás apoiado nos calcanhares.

— Critter está muito feliz que você e Sawyer encontraram um ao outro — revelou minha mãe, olhando para Finn e, então, para Critter.

Ele estava?

O sorriso de Finn era triste.

— É bom ouvir isso. A última conversa que tivemos a respeito de mim e

Sawyer acabou com ele dizendo que… bom, a gente não precisa entrar em detalhes aqui, digamos apenas que acaba comigo em pedaços.

— Ele te ameaçou? — perguntei em choque e secretamente feliz por saber que Critter queria tanto me proteger mesmo conhecendo Finn a vida inteira e só me conhecendo há alguns meses.

— Claro — respondeu Finn, apoiando na parede. — É isso que os bons pais fazem para proteger suas filhas. Eu não ia esperar nada menos que a ameaça de uma surra uma semana sim outra não, no mínimo.

Minha mãe olhou para Critter.

— Ele vai viver para ameaçá-lo de novo. Porque assim como você, Finn, eu tenho fé que ele vai sobreviver. Eu posso sentir.

Ela colocou a mão no peito.

Finn pediu licença outra vez para ir até a cafeteria, onde disse que pegaria alguma coisa eu comer, quisesse eu ou não.

— Duas décadas e isso ainda não acabou. — Minha mãe suspirou. — Mas tem que acabar. E tem que acabar agora. — Havia determinação em seus olhos quando ela disse em voz alta os pensamentos que eu tinha comigo desde o início.

Minha mãe continuou e eu me vi balançando a cabeça para tudo que ela estava dizendo. A cada frase que ela dizia, eu ficava mais e mais furiosa.

— Depois de todos esses anos, aquele homem ainda encontra uma maneira de aterrorizar essa família, mesmo com tudo que ele já nos fez passar. Ainda não é o bastante. Me manter com ele contra minha vontade não foi o bastante. Ameaçar minha família não foi bom o bastante. Envenenar o meu marido… — Ela parou e se recompôs. — Esse foi o golpe final. Estou cansada de ficar esperando sem fazer nada. Ele não vai parar. Nunca vai ser o bastante... — Sua voz foi ficando fraca. — Nunca vai ser o bastante até que todos nós estejamos mortos.

— E, pelo que parece, não existe nada que possamos fazer quanto a isso — desabafei, com as minhas frustrações vindo à tona outra vez.

— Ou talvez exista — sussurrou ela, e ergueu o canto da boca esboçando um meio sorriso.

Ela respirou fundo e, de repente, se levantou da cadeira de rodas. Eu dei um pulo, meio que esperando que talvez precisasse pegá-la no caso de uma queda. Mas ela não caiu. Ela endireitou os ombros e caminhou até o lado da cama do Critter, como uma rainha pronta para cuidar do reinado enquanto o rei estava temporariamente incapacitado. Ela ergueu a mão dele e a beijou antes de cobri-la com sua outra mão.

Aquela era uma mulher cuja vontade, cuja existência tinha sido queimada

e transformada em cinzas. E ainda assim lá estava ela, pronta para lutar por sua família. A determinação que irradiava dela era quase tangível. Eu senti orgulho. Senti minha própria determinação de lutar crescer dentro de mim outra vez.

Pela primeira vez depois de muito tempo, senti que tudo estava bem. Acho até que dava para dizer que o que eu estava sentindo era fé. E talvez tenha sido por causa daquela fé que uma voz grave berrou da cama atrás de mim.

— Que dramalhão todo é esse, diabo?

CAPÍTULO 17



FINN

Entrei no quarto e encontrei Critter acordado e alerta. Ele olhou para Caroline e depois para Sawyer e depois para Caroline de novo. Sorriu e seu bigode virou para cima.

— Já falei para não ficarem fazendo drama! — resmungou ele, ajustando a posição na cama, tentando sentar mais ereto.

Sawyer abaixou e colocou os braços em volta de Critter. Os ombros dela balançavam de alegria, fazendo meu coração pular algumas batidas e as lágrimas brotarem no fundo dos meus olhos.

Posso ter crescido cercado por aquelas pessoas, mas descobrir que Sawyer era parente de Critter tinha sido provavelmente a melhor notícia que eu tinha recebido na vida, apesar das ameaças dele direcionadas a mim.

Porque agora aquela não era apenas a minha família. Era a NOSSA família.

— Ei, Mãe. Ei, filha. — Critter colocou um braço em volta de Sawyer e outro em volta da Caroline.

— Isso é lindo demais, cara.

Olhei para Miller que estava soluçando ao ver aquela cena. Lágrimas escorriam pelo rosto dele. Fios de saliva conectavam seus dentes.

Eu ri porque não tinha como NÃO rir.

Josh virou os olhos e começou a arrastar Miller para fora do quarto.

— Vamos dar um tempo para eles. Você pode vir falar com ele mais tarde — disse ela para ele.

— Promete? — perguntou Miller, com uma voz aguda enquanto Josh o conduzia para fora do quarto acenando por cima do ombro.

A médica apareceu assim que eles saíram. A mesma que tinha visto Critter no primeiro dia, quando ele tinha sido trazido pela ambulância.

— Como está se sentindo? — perguntou a ele enquanto checava os números em uma máquina acima de sua cabeça.

Critter fez uma careta de dor enquanto Caroline ajustava seu travesseiro. E continuou com a careta até poder recostar outra vez.

— Como eu estou me sentindo? — Critter repetiu com as sobrancelhas cheias avançando para a testa. — Como se eu estivesse em um maldito hospital. Mas estou vivo. Então, é isso.

— Você está — comentou Caroline. — Você está aqui.

— E você também, amorzinho.

Os olhares que eles trocaram eram tão repletos de amor que me lembrei imediatamente das palavras do meu pai. Critter e Caroline tinham aquele fator ‘para sempre’ sobre o qual ele tinha falado. Olhei para Sawyer e pude ver nosso futuro juntos. Nossa vida aqui em Outskirts. Se eu não sabia daquilo até então, naquele momento eu soube. Sawyer tinha sido feita para ser minha para sempre. E eu tinha sido feito para ser dela.

— Achei que nunca mais falaria com você outra vez — admitiu Sawyer. — Quando eles estavam removendo… — Ela fez uma pausa.

— Desculpa ter assustado você... — disse Critter. — Não farei isso novamente. Eu prometo.

A médica começou a falar e falar sobre alguma coisa usando palavras como toxicidade, ingestão, contramedidas e na hora exata. E terminou com “O senhor tem sorte de estar vivo”.

— Obrigado, doutora — agradeceu Critter. — Mas que diabo aconteceu? Eu devo me preocupar de que possa acontecer de novo?

Todos ficamos tensos. Todos nós, é claro, exceto a médica, que simplesmente deu de ombros e manteve os olhos na prancheta.

— Não, a não ser que o senhor esteja planejando ser envenenado outra vez em breve.

O quarto ficou em completo silêncio enquanto os olhos de Critter se arregalaram lentamente. Os punhos dele se fecharam formando duas bolas sobre a cama. O único ruído naquele quarto era o eco dos saltos da médica enquanto ela atravessava o corredor.

E o som do sangue de Critter borbulhando.

CAPÍTULO 18



SAWYER

Fazia algumas semanas que Critter tinha recebido alta do hospital. Desde então, Josh estava ajudando minha mãe e ele a preparar um processo contra Richard. Eles não me envolveram. Disseram que era melhor que eu soubesse o mínimo possível sobre o que estavam tramando.

Finn ainda queria sair da cidade. Eu ainda queria ficar e me manter próxima da minha família — ainda precisando ter alguém comigo o tempo todo por medida de segurança.

Pelo menos Critter estava em casa agora. E com ele e minha mãe melhorando a cada dia (ela não tinha voltado a achar que estava vivendo duas décadas atrás desde o hospital), eu me sentia aliviada. Mas tinha mais alguma coisa me incomodando. Algo que eu não conseguia explicar.

Depois de todos os eventos dos últimos meses, eu me sentia completamente exausta.

Puxei uma cadeira de uma das mesas e me sentei, apoiando um pé sobre o outro. Quando Como Critter estava passeando com minha mãe, Josh se ofereceu para ajudar durante algumas horas depois do turno na polícia. Assim como Finn, que estava nos fundos lavando louça, e Miller, que estava nos fundos recebendo uma entrega.

E por falar nisso, o entregador que tinha dado a Critter o uísque que acreditavam tê-lo envenenado tinha desaparecido com a família, ele nunca mais tinha sido visto desde aquela manhã.

Covarde.

— Por que é preciso quatro pessoas para fazer o trabalho de um único homem? — perguntei para Josh, que estava completando os porta-guardanapos.

— Eu sabia que aquele homem era uma máquina, mas puxa vida! Ele realmente faz isso tudo.

Eu tentei rir, mas estava cansada demais para juntar energia.

— Você anda estranha ultimamente. É sua mãe? Critter? — perguntou Josh. Suas pulseiras douradas de argola bateram umas nas outras fazendo barulho quando ela estendeu o braço e colocou a mão em cima da minha. Seu sorriso era genuíno, porém, triste. Linhas de preocupação marcavam todo seu rosto, que, em geral, era liso e perfeito.

Meneei a cabeça no exato momento em que outra onda de náusea tomou

conta de mim. Revirando meu estômago, ameaçando colocar para fora tudo que eu tinha comido naquela manhã. Fechei os olhos e respirei fundo algumas vezes, até que, felizmente, a ameaça diminuiu.

Esperei um pouco para ter certeza de que aquela sensação tinha desaparecido por completo antes de falar.

— Não, não é minha mãe nem Critter. Eu só não tenho me sentido muito bem. Acho que comi alguma coisa que não me fez bem.

— De novo? Não tem como alguém comer alguma coisa que não fez bem com tanta frequência. — Josh deu a volta na mesa e colocou uma cadeira do meu lado. — Tipo COMO você não tem se sentido bem? — perguntou ela puxando a cadeira para mais perto até seus joelhos tocarem minha coxa.

— Não é nada — respondi, gesticulando e dispensando qualquer preocupação. — Só estou um pouco tonta. — Eu me sentia enjoada só de pensar em vomitar. — Mas não vomitei — acrescentei como se aquilo fosse fazer toda diferença no meu diagnóstico.

— Isso não é específico o bastante, Say. — Josh recostou e colocou os pés na mesma cadeira que a minha. — O que mais você tem sentido? — perguntou ela, dando de ombros de maneira casual e olhando para as próprias unhas. — Não deixa nada de fora.

Pensei por alguns instantes.

— Ahn… tem algumas outras coisas… — disse eu tranquilamente.

— Que tipo de coisa? — questionou Josh, dez vezes mais alto, como se gritar fosse fazer com que eu me abrisse.

Olhei em volta para ter certeza de que Miller e Finn não estavam por perto.

— Coisas… coisas que eu não me sinto à vontade para falar a respeito.

Josh balançou a cabeça como se tivesse entendido e tirou os pés da cadeira inclinando o corpo mais para perto.

— E se eu listar alguns sintomas comuns de algumas coisas e você simplesmente balançar a cabeça indicando sim ou não? — perguntou ela. — Seria mais fácil assim?

— Isso eu consigo fazer — respondi me sentindo muito mais confortável com o que ela tinha sugerido.

— Você está… dolorida em algum lugar? — perguntou ela enquanto completava o porta-guardanapo que estava na mesa à qual estávamos sentadas.

Acenei positivamente com a cabeça.

— Ok. Alguma dessas áreas inclui as suas áreas delicadas de mulher? Você sabe… Peitos? Vagina? As duas coisas?

Acenei positivamente outra vez.

— Você se sente mais cansada do que de costume? — perguntou ela. — Deixa pra lá. Eu já sei a resposta para essa pergunta. Sim. Essas bolsas debaixo dos seus olhos não apareceram de um dia para o outro.

Ela estava certa.

— Estou cansada demais para me sentir insultada.

— Você anda mais sensível a cheiros ultimamente?

— Não que eu saiba — respondi, mas acrescentei: — Apesar de que você borrifou desinfetante nessa mesa o suficiente para um hospital.

— Ok. Agora mais uma: você ficou menstruada no mês passado? — perguntou Josh.

Pensei na pergunta, mas eu não tinha como dar uma resposta definitiva.

— Eu não tenho certeza. Na verdade, eu nunca controlei isso. Mas não foi recente, então é possível que já tenha um tempo desde a última vez.

— Um tempo quanto?

— Bom, eu estou aqui há mais de três meses. Não lembro de ter ficado desde que cheguei aqui — respondi.

Josh olhou para mim, virando a cabeça e acenando com ela como se estivesse esperando que eu chegasse a alguma conclusão que eu não sabia qual era.

— E? O que é que você acha? — perguntei. — Gripe?

Josh inclinou o corpo para frente e colocou uma das mãos em cada um dos meus joelhos.

— Sawyer, você acha que existe alguma possibilidade de que você esteja grávida?

Eu quase ri enquanto balançava a cabeça.

— Não. Não é possível.

— O que você quer dizer com “não é possível”? Nem tente mentir e dizer que você e Finn não estão no rala e rola.

Josh cruzou os braços sobre o peito.

— Se rala e rola significa o que eu acho que significa, então sim. A gente está. Mas eu não posso engravidar.

— E por que não? — questionou Josh.

— Porque Finn e eu não estamos casados. — Assim que as palavras saíram da minha boca, me dei conta de como minha resposta tinha sido estúpida. Eu estava repetindo uma coisa que tinham me ensinado quando eu era criança. Algo que eu nunca nem tinha pensado em questionar. Mas se eu tivesse dedicado algum tempo para pensar naquilo, teria chegado à conclusão à qual eu tinha acabado de chegar em cerca de vinte segundos. Aquilo não era só uma mentira. Era completamente ridículo. — Eu sei, eu sei. — Suspirei. — Acabei de

perceber como isso soou ridículo.

Josh parecia estar contemplando as próprias palavras enquanto mordia o lado de dentro da própria bochecha. Ela falou lenta e cautelosamente.

— Sawyer, eu não sei o que você aprendeu, mas um homem pode sim engravidar uma mulher sem que eles sejam casados. Se você não acredita em mim, pergunte para minha prima Corinne. Ela tem filhos com homens de todas as cidades daqui até Miami.

Começou a se formar um nó no meu estômago. Coloquei as mãos onde eu tinha soltado o botão de cima do meu short naquela mesma manhã quando me preparava para trabalhar. Eu me lembro de ter achado que ele tinha encolhido por ter configurado errado a secadora.

— Você já assistiu a algum episódio do Teen Mom?

— Uh. Não.

— Deixe-me fazer outra pergutna. Você e Finn usam alguma coisa quando vão ao que interessa? — perguntou Josh.

Usam alguma coisa? Tipo o quê?

Eu dei um longo suspiro de frustração. Senti a minha pele formigar. Um aviso de sobrecarga emocional iminente.

— Eu não sei. Existem outras coisas para se usar além das… você sabe. Das partes íntimas?

Josh ajoelhou na minha frente, apertando os lábios para não rir, e bateu de leve na minha perna cada vez que incluía uma nova opção na lista.

— Eu estava falando sobre controle de natalidade. Preservativo? Pílula? Tirar?

— Não que eu saiba — respondi.

Josh deu um suspiro.

— Menina, a culpa é minha. Eu sabia que você e Finn estavam se aproximando. Eu devia ter contado para você a história da sementinha.

— Você usa sementes? — perguntei arregalando os olhos. — Como?

— Você só pode estar de brincadeira! — exclamou Josh.

— Ok, agora eu estava brincando — admiti. — Mas eu ainda não sei o que você quer dizer.

Eu estava tentando fingir que estava tudo bem. Tentando fazer piada daquilo tudo, mas a verdade era que eu nunca tinha me sentido tão envergonhada em toda minha vida.

— É só uma expressão. E uma bem idiota agora que eu parei para pensar.

Dei um suspiro, odiando ver como eu ainda era ingênua a respeito do mundo. Eu achava que estava me saindo bem para alguém que não tinha crescido dentro das convenções americanas, imersa na cultura pop.

Eu estava errada.

Acima de qualquer outra coisa, eu estava envergonhada.

É claro que se pode engravidar mesmo não sendo casada. O casamento não era um ritual mágico de fertilidade.

— Ai… — Eu sentei ereta. — É possível que eu esteja grávida.

É possível que eu esteja grávida.

— Isso só te ocorreu agora? — indagou Josh, dando um tapa no meu braço com um guardanapo dobrado.

— Parece que sou meio lenta para entender as coisas... — comentei.

Era possível que houvesse um bebê dentro de mim. O NOSSO bebê. Uma vida que dependia de mim. Uma fagulha do que eu poderia apenas descrever como amor incondicional surgiu no fundo do meu âmago e, a cada segundo que passava, ela crescia até eu estar praticamente cantarolando de amor por aquele bebê que eu ainda nem sabia se eu estava realmente carregando.

— Quando um não quer, dois não brigam, Sawyer. Finn também estava lá.

Sim, ele estava.

Oh oh. Finn. O que ele pensaria quando eu contasse que, por causa da minha estupidez, eu poderia estar esperando um filho dele?

Um tipo estranho de empolgação percorreu meu corpo e eu me vi lutando com um sorriso. Ele tinha dito que queria ter filhos um dia. Comigo. Respirei fundo para me acalmar. E fiz aquilo na hora certa porque a porta dos fundos se abriu e Finn entrou descontraído, pendurando a camisa encharcada de suor na nuca, sobre os ombros.

Assim que ele me viu, soube que tinha alguma coisa acontecendo. Eu estava provavelmente com a palavra pânico estampada na testa.

— Puta merda. O que foi que aconteceu? — perguntou Finn. — O que tem de errado, Say?

Ele atravessou o bar e agachou onde Josh estava até então. Ela tinha se levantado para dar espaço para ele e estava em pé, apoiada no balcão.

Cobri o rosto com as mãos, mas ele as afastou com gentileza e ergueu meu rosto para que nossos olhos se encontrassem. Balancei a cabeça. Envergonhada de que mesmo que eu pudesse encontrar as palavras, ainda assim eu não seria capaz de confiar nelas de maneira apropriada.

— Eu não consigo. Eu simplesmente não consigo.

— O que foi que aconteceu? — Finn repetiu a perguntou, só que dessa vez para a Josh e em um tom muito mais áspero.

Josh não fez piada, nem sorriu. Continuou séria, apesar de calma. Sua voz foi suavizada para um tom que eu nunca a tinha visto usar. Dava para ver

que ela estava se esforçando muito para não me fazer sentir ainda pior do que eu já estava me sentindo.

— Sawyer não tem se sentido bem.

— Ainda? — questionou Finn. — Gastroenterite? Resfriado? Vou até o armazém. O que você acha que eu compro pra você? Melhor ainda, podemos levá-la ao médico aqui descendo a rua. Ele atende sem hora marcada. Vamos lá. — Ele levantou e me puxou com ele, vendo em mim sinais óbvios de alguma doença.

Olhei para Josh, esperando alguma ajuda. Implorando com os olhos para que ela não fizesse de mim a pessoa que teria que contar a ele. Eu estava sendo covarde, mas eu tinha sido muito forte nas outras áreas. Eu podia falhar na bravura com aquela pequena coisinha.

— Espere — disse ela, puxando a camisa de Finn. — Sente aí.

Finn sentou-se relutante e eu fiz o mesmo.

— Alguém vai me dizer o que está acontecendo?

— Sawyer não lembra direito quando foi a última vez que o “Chico” deu as caras, mas ela não acha que foi esse mês — contou ela. — Nem depois de ter vindo para Outskirts.

Estremeci.

Finn ficou parado que nem uma estátua.

Eu me encolhi e fiquei esperando que ele tirasse as mãos das minhas, mas ele não tirou.

— Por que você não falou nada? — perguntou ele, com gentileza apertando as minhas mãos.

Eu senti o meu rosto ficando vermelho.

— Eu não sabia. Eu não achava que era possível. Eu me sinto tão estúpida.

— Por quê? — Finn passou a mão no meu cabelo. Quando eu ia abaixar a minha cabeça outra vez, ele me impediu. — Olhe para mim, Say. — Finn estava sorrindo, rindo da minha vontade de esconder o rosto dele. — Por que você se sente estúpida? Vamos lá. Olhe para mim.

Ergui o olhar lentamente. Nossos olhos se encontraram.

— Eu achei que eu só não estava me sentindo bem... — Apertei os lábios e parei. — E eu não achava que essa era uma possibilidade porque... eu achava… — Coloquei as últimas palavras para fora como fogo contínuo. A sentença mais rápida que eu tinha dito na minha vida. — Eu achava que a mulher tinha que estar casada para engravidar. — Até eu tive que rir dessa vez. — Está vendo? Eu sou estúpida. E por isso estou me sentindo muito, muito envergonhada nesse momento.

— Ei! — disse Finn, em tom um tanto bravo. — Você não é estúpida e eu nunca mais quero que fale isso de você mesma. — As narinas de Finn dilataram. Ele me puxou da cadeira para seu colo. — Josh, você faria um favor para a gente? Você iria até o armazém e…

— Já estou indo! — gritou Josh da porta da frente já com a bolsa pendurada no ombro. — Daqui a pouco eu estou de volta — avisou ela e saiu.

— Eu não sei muito bem o que dizer — confessei. — Mas isso explicaria porquê esse short não está mais cabendo em mim.

Olhei para o meu botão solto.

Finn sorriu.

— A gente compra um novo para você.

O sorriso de Finn se desfez conforme ele foi deslizando a mão na minha coxa. Subiu até a altura do meu estômago, levantou o tecido da minha camiseta e colocou a mão sobre a minha barriga.

— Tomara que você esteja aí — sussurrou ele.

Meu coração palpitou no peito como se tivesse criado asas e estivesse tentando escapar. Foi então que percebi. Eu também queria que tivesse alguém ali. Uma pessoinha que Finn e eu tivéssemos criado juntos.

— Mas desculpe por eu ter sido tão ingênua. Eu tinha que saber mais sobre essas coisas.

E Finn murmurou:

— Não. Você não precisa se desculpar. A culpa foi toda minha porque EU sei sobre essas coisas. Eu sei como isso tudo funciona. Eu poderia ter usado preservativo. Poderia ter falado com você sobre pílulas. Mas eu não fiz nada disso.

— Por quê? Você esqueceu? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não esqueci, Say. Desde o dia em que perdi minha virgindade aos dezesseis, eu nunca esqueci. Nem uma vez sequer.

— Não estou entendendo.

— Existe uma ligação entre nós, Say. Imaginar que você está esperando um filho meu é... tudo. Se eu soubesse que você não estava ciente do que poderia acontecer, eu teria falado a respeito. A culpa é minha. Mas, ainda assim, eu não me arrependo. Nem um pouco.

— Então, o que você está dizendo é que tudo isso é culpa sua? — perguntei, olhando para aquele rosto lindo antes de estender a mão para envolvê-lo e sentir a barba curta arranhando a minha palma.

Finn deu uma risada e me abraçou com força.

— Não. Isso não é culpa de ninguém. E eu não quero que nenhum de nós

pense dessa maneira. Se vamos ter um bebê, isso é uma coisa para celebrarmos. É o destino. Isso somos nós.

Soltei o ar e relaxei nos braços dele enquanto ele beijava minha testa.

— Eu amo você — declarei.

Finn murmurou com o rosto nos meus cabelos e suas palavras atingiram diretamente o meu âmago:

— Intensamente. Possessivamente. Loucamente. Sempre.

Josh voltou em tempo recorde com uma sacola cheia de marcas diferentes de teste de gravidez, mas logo recebeu um chamado a respeito de um veículo atolado e teve que sair.

Finn ficou no bar e eu fui até o banheiro. Segui cuidadosamente as instruções na parte de trás de cada uma das caixas.

Quando saí do banheiro, Finn programou o *timer* do fogão para três minutos. Ele me puxou para perto dele e ficou sussurrando palavras de conforto com os lábios colados na minha testa enquanto esperávamos.

Quando o timer tocou, ele olhou para mim.

— Você quer que eu veja?

Acenei positivamente com a cabeça. Ele ficou no banheiro por mais tempo do que precisaria para olhar e contar as linhas.

— E? — gritei.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Finn apareceu com um sorriso enorme naquele rosto lindo. E com lágrimas nos olhos azuis. Ele veio até a mim com passos firmes e me levantou no ar.

— Amor? — disse ele, beijando minhas pálpebras e minhas bochechas.

— E aí? — perguntei sem conseguir respirar direito.

O sorriso dele ficou ainda maior quando olhou no fundo dos meus olhos e sussurrou:

— Vamos ter um bebê.

— Sério?

A felicidade aqueceu meu corpo de dentro para fora. Meu corpo inteiro estava formigando.

Finn e eu criamos uma vida.

Juntos.

CAPÍTULO 19



SAWYER

Tem alguma coisa na maternidade iminente que provoca uma mudança dentro de você. Uma mudança voltada para o futuro. E ela também realça o seu lado mais protetor. O tempo todo em que eu estava acordada, ficava pensando em como proteger melhor meu bebê.

Fui ao médico com Finn logo depois de fazer todos os testes. O médico confirmou que eu estava com mais de dois meses e meio de gravidez, o que significava que eu provavelmente tinha engravidado logo depois que Finn e eu ficamos juntos. Se eu tivesse demorado um pouco mais para descobrir, minha barriga é que ia ter me alertado. Foi como se, no instante em que descobrimos que eu estava grávida, ela tivesse ficado saliente, como se o bebê tivesse descoberto que sabíamos e não era mais um problema mostrar para as pessoas.

Isso me fez lembrar de outra coisa que a maternidade iminente muda.

Ela pega o seu nível de paciência atual e rasga em pedacinhos

Eu estava no meu limite. Como jamais havia estado.

Eu estava na biblioteca tentando escrever para acalmar minha mente, mas só me vinham duas palavras. Proteger. Defender.

Eu não era uma poetiza de verdade, de maneira alguma, mas até mesmo eu sabia que duas ou três palavras não eram suficientes para formar alguma coisa que fizesse sentindo.

Frustrada com a escrita, desisti.

Decidi ler o poema *The Caged Bird* de Maya Angelou.

Todas as vezes que eu o tinha lido ao longo daqueles meses em Outskirts, tinha me sentido triste, brava ou poderosa, dependendo do meu humor.

Eu o li de novo e de novo.

Nada.

Dei um suspiro e fechei o livro. Peguei um pano e comecei a limpar a camada de pó da capa esfarrapada. Já que eu não conseguia me concentrar em mais nada, podia aproveitar o tempo para fazer algum tipo de trabalho.

Maddy estava de guarda do lado de fora. Já que minha mãe não precisava mais de cuidados em tempo integral, ela tinha se oferecido para ficar conosco, ajudando a nos proteger até que o assunto com Richard tivesse sido resolvido.

Se é que algum dia aquilo ia ser resolvido.

Eu realmente queria que aquilo fosse resolvido.

Os sinos acima da porta da biblioteca tocaram, me tirando dos meus pensamentos. Maddy colocou a cabeça para dentro.

— Josh ligou, disse que esse aqui estava a caminho.

— Obrigada — respondi, me sentindo grata por ela ter decidido continuar conosco, apesar de achar estranho ela continuar usando aquele uniforme cor-de-rosa com aquela cara sorridente.

Entrou, então, um jovem atarracado que eu nunca vira antes. Ele tinha uns trinta e poucos anos e não chegava a ter um metro e setenta. O brilho das luzes no alto reluzia na sua cabeça completamente desprovida de cabelo. Suas bochechas sem barba alguma eram tão redondas quanto o resto dele, dando-lhe um ar ainda mais jovem. As mangas da sua camisa branca mantida para fora da calça estavam enroladas até os cotovelos. O colarinho estava manchado de suor.

Ele olhou em volta do salão, das paredes aos livros, com curiosidade e deslumbramento no olhar. Ele era encantador de um jeito que nunca achei que um homem adulto poderia ser.

Esbocei um sorriso para esconder a preocupação.

— Olá. Na verdade, ainda não estamos funcionando. Mas... sinta-se à vontade para dar uma olhada. Posso ajudar com alguma coisa? — perguntei.

O homem olhou para mim e sorriu instantaneamente, exibindo dois dentes frontais brancos e brilhantes que eram levemente mais compridos que os demais. Sua voz era suave e aguda, quase feminina.

— Ora ora! Olá, docinho de coco. Ai-Meu-Deus. Amei seu cabelo. Tão feroz. Eu quero escalpar para poder fazer com ele uma peruca para mim. — Ele viu a confusão que eu podia sentir que estava estampada na minha testa. — E sim, isso foi um elogio.

— Obrigada? — agradeci para aquele homem ímpar, porém, maravilhosamente estranho.

— Eu sou o Wilfredo — apresentou-se ele, levando a mão ao peito e curvando o corpo na altura na cintura. — Meus amigos me chamam de… Wilfredo.

Não pude evitar a risada. Sua personalidade era imensa e ocupava a maior parte do espaço da minha pequena biblioteca.

— Eu sou...

— Sawyer, eu sei. Joshy-boo me falou. Ela contou que você reabriu a biblioteca, aí eu tive que vir até aqui e ver com os meus próprios olhos.

Ele olhou em volta, prateleira por prateleira, deslizando as mãos sobre as lombadas dos livros que costumavam ficar empoeirados e que, graças a Finn e a mim, estavam agora quase todos limpos, restaurados e em condições de serem emprestados outra vez.

— Bravo, minha querida. Ótimo trabalho. Isso aqui está longe de parecer o lugar condenado que costumava ser.

— Você é daqui?

Coloquei o livro de poesia na mesa.

Wilfredo balançou a cabeça.

— Nasci e cresci na lama, mas me mudei para Califórnia alguns anos atrás depois que conheci o homem dos meus sonhos pela internet.

Ele piscou rapidamente e olhou com melancolia para as luzes fluorescentes acima dele.

— Parece romântico — comentei terminando de limpar o livro e colocando-o no lugar habitual na prateleira.

— É… — Ele suspirou dramaticamente. — E foi. Até eu chegar lá e meu sósia do Justin Bieber parecer muito menos o Biebs e muito mais…o Lyle Lovett.

Ele franziu o nariz para que eu entendesse aquilo como algo ruim.

— É uma pena.

— Na verdade não. Posso não ter encontrado o homem dos meus sonhos, mas me apaixonei pela Califórnia. Estou lá desde então. E você? Josh falou que não faz muito tempo que está por aqui. O que está achando da nossa cidadezinha retrógrada no meio do nada dos Estados Unidos?

— Na verdade, eu amo esse lugar — respondi, mas não encontrei em lugar algum os sentimentos que costumavam acompanhar aquela fala. — Eu me sinto em casa.

— É, eu entendo. Eu quero odiar esse lugar, realmente quero. Mas é sem dúvida uma ótima cidade. — Wilfredo puxou uma cadeira e sentou enquanto se abanava com um panfleto amarelo. Ele deu uma risada. — Quer dizer, se a população homo aumentasse para mais de... digamos... um, e com um eu realmente quero dizer O ÚNICO, que no caso sou eu, então eu voltaria para cá em um piscar de olhos. Moraria com meu lindo e musculoso garoto do pântano de macacão. E ficaria assistindo ele limpar a lama das coisas ou pegar coisas pesadas, ou seja lá o que for que façam por aqui que possa parecer sexy e que eu possa imaginar se pensar com afinco. — Ele sorriu. — Eu estaria vivendo a minha própria fantasia gay caipira. Ah, isso sim seria vida.

Eu ri e me sentei de frente para ele.

— Eu acho que gosto de você, Wilfredo.

— Gosto de você também, Sawyer. E aí, qual é a sua história? Como veio parar em Outskirts?

— É uma história muito longa — respondi com um suspiro.

— Então, conte a versão curta da sua longa história. Eu tenho tempo.

Minha irmã ainda está no Dr. Maloy, ali descendo a rua, para fazer o último check-up antes do parto. É por isso que estou de volta à cidade. Para estragar a minha nova sobrinha e o meu novo sobrinho. Os mais novos membros da ninhada de filhotes que não para de crescer da minha irmã.

— Parabéns.

— Obrigado. Agora, voltemos para a sua história. Versão curta. Vai.

Ele estalou os dedos e fechou os olhos.

— Bom…

Pensei por um instante em como deixar a minha história mais curta e em como não arrastar meu novo amigo para o clima pesado da minha vida. Gostei de ter alguém novo perguntando sobre meu relacionamento com Finn, isso me fez lembrar de que ainda éramos novos um para o outro. Era como ter um segredo, e cabia apenas a mim decidir o quanto de nós eu ia querer dividir.

— Eu precisava de uma mudança e, quando descobri que a minha mãe tinha terras aqui, decidi vir para dar uma olhada. Peguei o trailer velho e a caminhonete velha dela e estou aqui desde então.

— Eu tenho a sensação de que sua versão curta é como resumo do resumo da sua história.

Wilfredo enxugou o suor que formava gotas em sua testa com um lenço que estava em seu bolso.

Inclinei o corpo para frente e sussurrei.

— Eu diria que está certo.

— Conseguiu um homem para você, Ruiva? — perguntou Wilfredo. — Eu sei que não se colhe muita coisa por aqui, mas…— Ele parou quando viu minha mão repousar sobre minha barriga de grávida que começava a crescer. Ele puxou o ar. — Desembucha, garota. Quem é ele?

— Se você é daqui, então provavelmente o conhece — respondi, mordendo o lábio. — Finn Hollis?

O queixo do Wilfredo caiu e seus olhos ficaram arregalados. Ele gritou tão alto que eu tive que cobrir os ouvidos. Então, apressadamente, ele fez um sinal da cruz de trás para frente.

— Jesus Santíssimo, você traçou o senhor do pântano?

— Uh, ele é... Bom, a gente…

— Ele te engravidou. Ai meu Deus! Eu MATARIA para poder ter aquele homem me engravidando. — Ele estendeu a mão com a palma virada para mim. — Não, minha ruivinha doce, nem mais uma palavra sequer. Eu só preciso ficar sentado aqui e deixar toda essa sensualidade ser absorvida por um instante. — Ele fechou os olhos e continuou se abanando com o papel transformado em leque em sua mão até o celular tocar. — É a minha irmã, tenho que ajudá-la a

entrar de novo no carro antes que ela caia. — Ele tirou as pernas da mesa e levantou. — Foi legal te conhecer, Sawyer. Espero te ver de novo antes de voltar para a Califórnia.

— Eu ia adorar — respondi com sinceridade. Wilfredo tinha trazido com ele uma luz irradiante que eu não me importaria de ter por perto com mais frequência.

— Você ainda está trabalhando no Critter? — perguntou ele. — Josh contou que vocês estavam dando uma ajuda para ele.

— Sim, com certeza. Turno do jantar amanhã se quiser dar uma passada.

— Estarei lá!

Wilfredo olhou para o papel que tinha nas mãos como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa e o colocou sobre a mesa.

— Aqui, eu já estava me esquecendo. Estava na sua porta quando cheguei, mas acabei usando para me abanar. Essa cidade está quente que nem o inferno. Acho que tem coisa que nunca muda. Até mais, Sexy, Sawyer! Cuide bem desse bebê! Até amanhã. E guarda um lugar para mim debaixo da Sandy Bennett.

Ele acabou de dizer o que eu acho que ele acabou de dizer?

Os sinos em cima da porta tocaram outra vez. Wilfredo tinha ido embora tão rápido quanto tinha aparecido. Partindo como uma bola de feno multicolorida de diversão.

Eu estava repetindo aquelas palavras na minha cabeça quando fui jogar fora o panfleto que Wilfredo tinha deixado comigo. Eu só percebi o que era quando estava dentro do lixo. E o meu coração quase parou.

Não era só um leque ou um panfleto. Era o panfleto. Da Luz Divina.

Um arrepio de medo atravessou meu corpo como uma onda. Uma alfinetada aguda de medo fisgou minha espinha, aquela que eu sempre sentia quando meu pai estava por perto.

Cobri a boca em um grito silencioso enquanto meu sangue corria frio. Minha cabeça começou a girar. Não foi o panfleto em si que me fez segurar na mesa em busca de apoio. Foi o recado escrito a mão com tinta vermelha grossa e brilhante por cima do texto impresso.

Tal mãe tal filha. - Ezequiel 16:44

CAPÍTULO 20



SAWYER

Depois de receber o que eu sabia que era uma ameaça do Richard, era de se imaginar que eu estaria em pânico. Com medo.

Eu não sentia nem um, nem outro.

Na verdade, uma sensação misteriosa de calma tomou conta de mim quando fui até o Bar do Critter e examinei os milhares de porta-retratos que cobriam as paredes. Quando vi que não encontrava o que estava procurando, arrastei uma escada do depósito e comecei a ler cada tinido pendurado no teto. Levei uma hora para achar o que eu estava procurando. Dois tinidos com barbantes um pouco mais curtos do que todos os outros, pendurados diretamente acima da mesa de canto dos fundos, próximo à janela.

EU TIVE UM ENCONTRO COM SANDY ESSA NOITE. EU ACHO QUE É ELA A MINHA OUTRA METADE.

-BENNETT

ESSE PODERIA SER CONSIDERADO O PIOR ENCONTRO DA HISTÓRIA.

-SANDY

Sem saber exatamente o que eu estava procurando, fiquei nas pontas dos pés e tateei em volta das vigas. Sem a menor dúvida, em cima da viga, entre os dois tinidos, havia um celular. Eu o liguei e quase caí da escada com o que apareceu na tela.

— O que você está fazendo aí em cima? — perguntou Finn, quando entrou pela porta. Ele me agarrou pelas pernas e me tirou da escada, me colocando em pé no chão com gentileza. — Você poderia ter se machucado.

Eu ergui o celular.

— O que é isso? — perguntou ele.

Sabendo que o que eu tinha acabado de ver poderia mudar tudo que dizia respeito ao Richard, eu o entreguei a Finn com cuidado, como se aquilo fosse uma pedra preciosa — apesar de para mim ser muito mais valioso.

— Acho que acabei de encontrar Sandy Bennett.

No reino animal, quando a mãe sente que seu filhote está em perigo, ela faz o que for preciso para mantê-lo fora de risco. Mesmo que pareça ridículo ou ilógico para quem vê de fora. Mesmo que signifique sacrificar a própria vida.

Uma girafa tenta afastar um grupo faminto de leões chutando e atacando.

Uma elefanta, geralmente dócil, parte repentina e agressivamente para cima de uma pessoa se ela se aproximar demais do seu bebê enquanto ele bebe

água de um rio.

Um jacaré fêmea carrega os filhotes na boca por até um ano para mantê-los em segurança e para garantir a todo custo que sobrevivam até a idade adulta.

Uma ursa parda cria seus filhotes perto de alguma população de humanos, seus maiores inimigos, para afastar ursos machos adultos, que são famosos por matarem filhotes que não são deles.

Mães humanas são bem parecidas. Somos animais, afinal de contas. Nossa natureza grita para que nós os protejamos a todo custo.

Pode chamar de hormônios.

Pode chamar de instinto.

É a natureza — escrita no nosso DNA. Ela vem à tona assim que nos tornamos mães. Fazemos coisas impossíveis, às vezes malucas, para mantermos nossos filhos em segurança.

Mas o que as pessoas de fora não entendem é que às vezes esse tipo de proteção vem com um monte de maluquice.

Porque se é necessário algum tipo de maluquice para proteger o meu filho.

Então que seja.

A ameaça escrita naquele panfleto foi meu limite e despertou dentro de mim meu instinto básico de proteção.

Eu não podia mais ficar sentada sem fazer nada, esperando que alguma coisa acontecesse. Eu não podia ficar ali como uma girafa em um campo aberto com aqueles que amo esperando os leões famintos nos cercarem e pularem em cima de nós.

Não, eu não podia. Não podia mais.

E era por isso que essa girafa estava indo direto para a toca do leão.

CAPÍTULO 21



FINN

Eu ia ser pai. Estava extremamente apaixonado por uma criança que ainda nem tinha conhecido porque ela era minha. Eu não conseguia nem imaginar abandonar aquela criança. Ou Sawyer.

Família era tudo que importava no mundo.

Família também era o motivo pelo qual eu estava ali parado no parque de eventos do condado de Brillhart, debaixo da elaborada tenda da igreja. Era ideia de Sawyer. Ideia que eu era contra. Que ainda era contra.

Não por ser uma ideia ruim, mas porque ia contra a minha maior necessidade e desejo de colocá-la no meu ombro e carregá-la de volta para a nossa caverna, onde eu sabia que podia mantê-la em segurança.

Lá estava eu, parado lado da entrada aberta de uma tenda, olhando diretamente para o homem que todos nós tínhamos passado tempo demais temendo. Odiando. Eu não podia dizer que estava nervoso. Era mais como se eu estivesse nervoso por ele. Ele estava a pouquíssimos metros de mim. Tudo que eu precisava era fechar a entrada da tenda e então eu estenderia os braços por cima da mesa e colocaria as minhas mãos em volta do...

— Posso ajudar? — perguntou Richard, quando percebeu minha presença. Ele perguntou da mesa onde ele estava e, para minha surpresa, ele parecia... normal na melhor das hipóteses. Cabelo castanho. Olhos castanhos. Óculos característicos dos anos 80. Armação preta e simples de tamanho médio. Ele também era mais baixo do que eu tinha imaginado. Muito mais baixo do que o personagem enorme que o precedia. Eu o imaginava enorme. Musculoso. Ameaçador. Aquele cara não chegava a ter nem um metro e oitenta. Não era largo. Eu poderia dizer até que ele era magricela e fora de forma.

Mas aquele não era um homem normal.

Aquele homem tinha batido em Sawyer.

Ele a tinha machucado. Ele a tinha ameaçado.

Meu sangue começou a ferver. Alonguei os dedos tentando não fechar os punhos e atingir a cara daquele homem.

Aquilo não era parte do plano.

Infelizmente.

— Sim, acho que o senhor pode... me ajudar — finalmente respondi, com a voz mais amigável que consegui. — Eu queria saber mais sobre a igreja. Eu vi

os panfletos.

— Estamos nos aprontando para o início do culto, mas o que gostaria de saber? — perguntou ele. — Você é de alguma igreja atualmente?

Balancei a cabeça negativamente e olhei o escritório, que parecia mais corporativo e menos cristão, principalmente por se tratar de uma tenda.

— Não, não sou. A não ser que o senhor considere ser arrastado para a missa de Páscoa e de Natal pelos pais todo ano quando criança a mesma coisa que ser de uma igreja.

— Não considero — disse Richard com rigor, tirando os óculos de leitura e limpando-os na manga da camisa branca. Ele me examinou rapidamente com aqueles pequenos olhos redondos e eu pude ver em sua cara que ele estava me dispensando. Ele colocou os óculos outra vez e pegou uma caneta, abaixando a cabeça e voltando para o trabalho. — O culto acontece três vezes por dia. Os horários estão anexados no quadro do lado de fora do meu escritório. Temos alguns panfletos também, caso queira pegar um. Estaremos aqui apenas durante o verão, mas temos nossa igreja principal fica na Carolina do Norte, caso queira voltar conosco e ver do que se trata.

Aquela era a propaganda dele? A igreja era a vida daquele cara e AQUILO era a propaganda que ele usava? Miller teria feito muito melhor.

— Eu já tenho um panfleto — informei, balançando o pedaço de papel amarelo que eu tinha na mão. — Mas sabe… eu preciso mais do que o culto simplesmente. Eu tenho me sentido um tanto perdido ultimamente. Estou procurando por alguma orientação na vida real através de Deus.

— Como assim? — perguntou Richard, parecendo aborrecido. Ele ficava olhando para o relógio. Em nenhum momento me convidou para sentar.

— Eu perdi uma pessoa próxima recentemente. Na verdade, não foi recentemente. Foi dois anos atrás. Mas parece que eu não consigo seguir adiante. Quando ouvi que vocês estavam vindo para a cidade, quis procurá-los. Preciso saber quais são os planos que Deus tem para mim.

Richard balançou a cabeça.

— Todos nós precisamos de Deus, filho. Se quiser, você pode se inscrever para receber orientações do Pastor Maryn. Ele está do outro lado, próximo à tenda, fazendo as inscrições para a tarde. Ele ficará mais do que feliz em poder ajudar — disse Richard, estendendo a mão na direção da saída e me dispensando. — Espero vê-lo durante o culto.

Merda.

A coisa não estava rolando do jeito que eu esperava. A segurança do meu mundo inteiro estava em jogo. Eu tinha que mantê-lo aqui o máximo possível. Pelo menos por mais alguns minutos.

Hora do Plano B.

Eu estava nervoso. Quase desesperado quando me virei novamente para Richard.

— Eu sinto muito se tomei seu tempo. É que tenho muito tempo agora que minhas terras e meus bens estão sendo gerenciados por nova equipe. Eu não tenho nada além de tempo para pensar e dinheiro para gastar, mas não tenho mais ninguém com quem gastar. Tudo parece barato. Carros, casas, coisas. Eu ia preferir muito mais gastar dinheiro com coisas que importam. Como a minha alma. — Abri a porta. — O Pastor Maryn também cuida das doações? Esqueça, pode deixar que eu mesmo falo com ele. Estou vendo que o senhor está ocupado. Tenha uma boa tarde, senhor.

— Filho, por que você não volta e se senta um pouco? — chamou Richard.

Segurei a risada antes de me virar.

— Desculpe, eu estava tão distraído antes… — desculpou-se ele, empurrando os papéis para o lado. — Que tal você falar e eu ouvir. Aí veremos então, talvez, se Deus pode nos orientar em relação ao grande plano que Ele tem para você.

Richard apontou para a cadeira na frente da mesa da mesma maneira que ele tinha apontado para a porta apenas segundos atrás.

Eu me sentei.

— Obrigado. Eu fico realmente grato — agradeci com a maior sinceridade possível, apesar de as palavras, "*eu vou matar você, seu filho da puta*" serem as que realmente passavam pela minha cabeça.

— Pode me contar de novo? Por que é que você tem todo esse tempo? — perguntou Richard, apoiando os cotovelos sobre a mesa com os indicadores pressionados juntos em forma de torre.

Era quase fácil demais. Dinheiro. Ele queria falar sobre o meu dinheiro.

Fiquei um tempo jogando um monte de merda em cima dele. Na maior parte do tempo, ele ficou ouvindo e balançando a cabeça. Ocasionalmente, ele citava alguma coisa da Bíblia que eu sabia que não significava o que ele achava que significava. Não era porque eu não tinha escolhido uma religião que eu era ignorante a respeito do tema. Depois de um tempo ele perguntou sobre minha família.

— Os meus pais se mudaram daqui um tempo atrás. Eu já não os vejo mais com tanta frequência. Na verdade, a gente não se dá muito bem.

Uma das muitas mentiras que contei a ele naquela tarde. Era difícil mentir sobre os meus pais quando acho que nunca houve uma época em que pensei coisas ruins deles. Acho que eles nunca perderam nenhum dos meus

jogos de beisebol ou treinos. Eles estavam lá. Física e emocionalmente. Em questão de pai e mãe, eu tinha ganhado na loteria.

Olhei para Richard.

Outros não tinham a mesma sorte.

— Por que você não se dava bem com os seus pais, filho? Depois de Deus, a família é a coisa mais importante.

Papo furado.

— Eu não consigo dizer em que momento exatamente as coisas começaram a dar errado... — comecei a falar abaixando a cabeça e escondendo-a nas minhas mãos para dar um pouco de efeito dramático à cena. Agradeci mentalmente à Sra. Doogan, minha conselheira escolar na época do ensino médio, por ter me convencido a escolher aquele semestre de teatro como uma das minhas eletivas. Ergui a cabeça. — O senhor tem uma família, Pastor?

Richard assentiu.

— Sou viúvo, mas tenho uma filha.

— Sinto muito por sua esposa — comentei.

Apesar de ela estar VIVA. O que eu tinha esperanças de que ele não soubesse.

— Todos nós temos a nossa parcela justa de problemas, filho. Minha esposa e eu nem sempre falávamos a mesma língua. E a minha filha está passando por uma fase rebelde. Mesmo com a minha orientação, ela se perdeu no caminho.

— Mais uma vez, sinto muito saber disso.

Richard gesticulou para que eu desconsiderasse aquilo.

— Não sinta. Eu tenho total certeza de que em breve ela encontrará seu caminho de volta até nós. — Ele cruzou uma das pernas sobre o joelho. — De um jeito ou de outro.

O caralho que ela vai.

— E se ela não encontrar? — indaguei.

— Essa não é uma opção — respondeu Richard respondeu com uma voz bastante séria, olhando para as próprias mãos. — Rebeldia nunca é uma opção. — Ele limpou a garganta, ergueu o olhar novamente para mim e sorriu. — Não quando se trata de Deus.

Richard levantou e caminhou para trás de mim. Olhou pela janela da tenda de plástico e, então, abaixou a aba para que a cobertura deixasse o ambiente com uma luz mais suave.

— Eu tenho um culto daqui a alguns instantes. Um dos nossos últimos desse verão. Peço que me desculpe por não poder dar-lhe mais tempo. Mas me diga uma coisa. Os seus problemas reais estão ligados à sua relação com sua

família ou estão ligados à sua relação com Deus? Ou…— Ele deu a volta na mesa outra vez e se debruçou sobre ela, apoiando as mãos abertas. As sobrancelhas dele fechavam em um cenho. E havia um sorriso torto e cruel naqueles lábios. — Ou… é uma mulher que está o levando a procurar pelo plano sagrado de Deus?

— Bom... — Eu comecei a falar e estava prestes a derramar um pouco mais de merda a respeito de algum problema inventado quando ele me interrompeu.

A voz dele assumiu um tom completamente diferente. Dessa vez o tom era grave. Implacável.

— Porque eu acho que o problema real pode ser consequência dos seus pecados. Especificamente da sua fornicação… com a minha *filha*.

Eu quase ri.

— Disseram que o senhor sabia de tudo. Eu estou surpreso de ver que o senhor levou tanto tempo para descobrir quem eu era.

Naquele exato momento, ouvi uma microfonia aguda que vinha dos alto-falantes da tenda grande ao lado. Pude ouvir a voz de Sawyer alta e claramente.

Sorri para Richard que estava ali em pé, ereto, e que parecia confuso quando correu na direção da porta. Eu me coloquei na frente dele, bloqueando a passagem.

— E, na verdade, fornicação com sua filha não é um problema de maneira alguma. Considerando que ela não é *sua filha*.

Richard estava furioso quando marchou passando por mim e entrando na tenda grande, mas parou quando viu Sawyer em pé na frente do salão se dirigindo à multidão enorme que tinha se reunido para o culto.

Ela ergueu o celular ‘Sandy Bennett’.

Ele tinha chegado na hora certa.

CAPÍTULO 22



SAWYER

Existe um certo medo que surge com qualquer tipo de situação em que se tenha que falar em público. Ainda assim, enquanto eu atravessava o corredor debaixo daquela tenda cercada por aquele tipo de gente que tinha feito parte do meu dia a dia por vinte e um anos. Eu não senti medo algum.

Nenhum. Talvez porque era aquilo que tinha feito parte da minha rotina por muito tempo.

As palmas das minhas mãos estavam secas. Minha respiração estava tranquila.

Eu estava me sentindo poderosa. Forte.

E pronta para encarar de frente meus demônios.

Talvez porque o bebê que crescia na minha barriga estava me trazendo um novo sentimento de coragem, um que eu nunca tinha experimentado. Talvez porque eu estivesse prestes a colocar para fora as palavras que eu tinha desejado dizer por muito tempo e para muitas pessoas, e por isso minha empolgação estava se sobrepondo ao meu medo.

Critter, Maddy e Miller estavam cuidando das entradas e das saídas. Josh estava em pé ao meu lado, vestindo o uniforme da polícia e assumindo completamente o papel de policial brava. O trabalho dela também era garantir que eu não fosse interrompida antes de ter dito tudo que tinha para dizer.

A tenda estava cheia. Todos os lugares disponibilizados tinham um corpo nele.

Quando chegamos ao púlpito, Josh esticou o corpo e pegou o microfone.

— Senhoras e senhores… — vociferou ela. — Teremos uma breve apresentação sobre segurança pública antes do início do culto de hoje. Pedimos desculpas pela interrupção. Por favor, ouçam cuidadosamente e logo terá acabado. Obrigada.

Josh acenou com a cabeça para mim. Era minha vez.

Olhei para um mar de rostos. Alguns familiares. Alguns não.

— Meu nome é Sawyer Dixon… — comecei a falar, mas parei quando vi meu pai em pé no canto do fundo da tenda, me encarando como se tivesse visto um fantasma. Achei que não seria capaz de encontrar as palavras para continuar porque meu coração estava batendo tão alto que eu não sabia se conseguiria ouvir minha própria voz.

Quando comecei a falar, Richard atravessou o corredor, empurrando o que encontrava pelo caminho, mas Josh o encontrou no meio do caminho e balançou a cabeça, impedindo que ele seguisse adiante.

— Assim como muitos de vocês, eu cresci nessa igreja. Assim como minha mãe também. Todos os dias da minha vida eu vivi com medo. Medo de que meu pai matasse minha mãe. Eu tinha medo que ele me matasse. Eu tinha medo que ele não nos matasse e que tivéssemos que continuar a viver aquela vida de tortura para sempre. Ele repetidamente batia, estuprava e deixava minha mãe passando fome, até que chegou num ponto em que ela não conseguia mais seguir adiante e decidiu se matar.

Respirei fundo para me acalmar.

— E, por um tempo, fiquei muito brava. Eu não sabia por que estava tão brava, até que percebi que eu não estava brava com ela. Eu estava com inveja. Com inveja porque ela tinha encontrado uma maneira de fugir e eu ainda estava ali. Eu tinha passado a ser a pessoa que apanhava ouvindo que estava sendo disciplinada. Eu era ameaçada e ouvia que aquelas eram as palavras de Deus, ou o plano de Deus. Fui privada de amor porque nessa igreja toda mulher, toda menina, é considerada indigna de amor. Nós somos privadas de carinho. Nós estamos tão abaixo dos homens, que não podemos comer na mesma mesa ou fazer contato visual. Ainda assim, enquanto meu pai sugava nossa força vital a cada segundo que se passava, ele continuava a pregar que a família vinha em primeiro lugar.

— Mentirosa! Você não tem provas! — esbravejou meu pai, sacudindo o punho fechado no ar.

— Fique calminho aí — avisou Josh, colocando a mão no coldre. — Ela está chegando nessa parte.

As pessoas na plateia começaram a sussurrar discretamente umas com as outras, e os meus olhos se depararam com uma moça que estava de pé no fundo.

Bridget.

Sorri para ela, que me olhou como se eu estivesse em uma missão suicida.

Endireitei os ombros e olhei para Finn, depois para Miller, e depois, então, para meu verdadeiro pai.

Critter.

Que parecia bravo, porém orgulhoso, dali onde estava. Na extremidade oposta da tenda em relação a Richard.

Era bom tê-lo como testemunha daquilo. Era bom estar ali dizendo as coisas que durante minha vida inteira eu tinha achado que precisavam ser ditas.

— Uma pessoa me disse recentemente que não importa o que sua religião

acredita, não importa se ela parece boba ou estúpida para os outros. O que importa é o que você tira dela. Como ela faz com que você se sinta. Nada relacionado a Richard ou relacionado a essa igreja fez com que eu me sentisse melhor ou amada ou mais sábia. Ou mais gentil. Fingindo se tratar de amor, Richard ensina o ódio.

— Isso tudo é mentira. Não deem ouvidos a ela. Ela se desviou do caminho. Ela deixou a igreja. Isso é trabalho do diabo. Tudo isso!

Richard gritou, seu rosto ficando vermelho de raiva. E exatamente como ele sempre tinha feito comigo…

Eu o desprezei.

No meu coração. Na minha mente.

Na minha vida.

Ele não era importante o suficiente para merecer minha atenção. Para me olhar nos olhos.

Então, segui adiante.

— Eu não vou avisar de novo — alertou Josh, se colocando bem na frente de Richard.

— Nunca o denunciei porque eu não tinha evidências, nada que provasse o que estou contando pra vocês hoje.

Peguei o celular do meu bolso de trás e olhei para Miller no fundo do salão. Ele fez um sinal com a cabeça para que eu seguisse adiante.

— Mas eu fui embora e encontrei um novo lar. Uma nova família. As coisas mudaram. — Pensei na criança que crescia na minha barriga. — Tudo mudou.

As pessoas começaram outra vez a sussurrar discretamente umas com as outras.

Apertei o play no celular.

A luz do projetor que Miller tinha instalado na noite anterior ganhou vida na parede da tenda atrás de mim. O público reagiu com surpresa quando o primeiro vídeo do celular mostrou o marido de Bridget empurrando a cabeça dela contra a mesa da sala de jantar enquanto gritava com ela por ter feito contato visual acidentalmente. O segundo vídeo era de Richard e parecia que tinha sido feito através da janela do segundo andar da nossa casa. Richard estava montado em cima da minha mãe na cama deles. Era difícil assistir. Eu me sentia impotente na época e assistir àquilo agora me fazia sentir da mesma maneira.

Eu me virei para encarar o público e analisar as reações ao invés de assistir ao vídeo. A maioria das pessoas tinha os olhos colados na tela e se encolhia ao ver aquelas mulheres tendo que enfrentar a força da ira.

Vídeo após vídeo, todos mostravam membros de alto escalão da igreja

fazendo o mesmo tipo de coisa. Quando a exibição chegou ao fim, Josh já tinha algemado Richard, e estava conduzindo-o para fora dali. Ele berrava por cima do ombro:

— O diabo venceu essa rodada, mas Deus PREVALECERÁ no final.

— É esse o ponto — afirmei. — Tudo isso foi feito tendo Deus e a disciplina como pretextos. Eu não sei que tipo de Deus assistiria a esses vídeos e julgaria que representam de maneira apropriada a sua vontade. E se é esse o tipo de deus no qual vocês escolhem acreditar, então ele certamente não é um deus que eu quero conhecer.

— Estou orgulhoso de você — revelou Finn, me levando para longe dali, na direção oposta da plateia, passando pela abertura na tenda atrás do púlpito.

Assim que chegamos do outro lado, alguém se colocou no nosso caminho. Dei um passo para trás assustada. Finn me protegeu com seu corpo, que ficou tenso quando se preparou para enfrentar o ataque.

— Sou só eu. Bridget.

Olhei por trás de Finn, que deu um passo para o lado. Eu me aproximei dela como faria com uma criança pequena que poderia facilmente se assustar.

— Obrigada por ter deixado o celular para nós.

Bridget chutou o chão empoeirado.

— Não, eu que agradeço a você por tê-lo usado. Eu o roubei anos atrás. Fiquei fazendo vídeos aqui e ali sem que ninguém soubesse. Eu nunca soube realmente o que ia fazer com eles ou como ia fazer com que as pessoas os vissem. Sou eu que tenho que agradecer.

— Você precisa de algum lugar para ir, Bridget? — perguntou Finn, usando o mesmo tom suave que o meu.

Ela negou com a cabeça.

— Meu marido também foi levado. Acho que vou ficar bem. Vou voltar para a Carolina do Norte e saquear a casa. Vou pegar tudo de valor e, seguindo seu exemplo… vou fugir.

Havia uma empolgação. Uma vida em sua voz que antes não estava lá. E Bridget, então, saiu saltitante, deixando meu coração saltitando também enquanto a via partir.

— Está vendo o que você fez, amor? — indagou Finn, me puxando para seu braço. — Ela vai ter a própria vida agora. Uma vida de verdade por sua causa.

Eu estava quase chorando. Não conseguia acreditar naquilo.

— Não. — Neguei com a cabeça. — Não por minha causa. Por causa *dela*.

— Tem razão — concordou Finn. — Acho que Bridget era muito mais

forte do que a gente achava.

Bridget provara ser mais do que aquilo que eu tinha julgado. Eu nunca mais cometeria aquele mesmo erro. Porque, como tínhamos acabado de testemunhar, Bridget era uma força que merecia ser reconhecida.

E o dia de reconhecimento havia chegado.

CAPÍTULO 23



SAWYER

Por conta da seriedade dos crimes de Richard, ele não teve direito à fiança. Estava esperando o julgando na prisão do condado de Brillhart. Fomos informados que as evidências eram fortes e que ele ficaria sem ver a luz do sol por um longo tempo.

Se algum dia isso viesse a acontecer.

Eu não sabia se algum dia eu ia me acostumar a não ter que olhar para trás por cima do ombro, apesar de os meus passos parecerem um pouco mais leves e o ânimo entre aqueles com os quais eu mais me importava ter melhorado consideravelmente.

Finn pediu que eu o encontrasse na biblioteca. Claro, enfrentaríamos um furacão naquela mesma noite. Meu primeiro.

Quando eu perguntara ao Miller como eu tinha que me preparar para o furacão, ele riu e falou:

— Esse é de categoria um. Você só precisa comprar um pouco mais de cerveja.

— O que vocês fazem quando um furacão é de categoria cinco? — perguntei.

Josh respondeu dizendo que a melhor maneira de se preparar para um furacão de categoria cinco era colocar a cabeça entre os joelhos e dar um beijo de adeus na própria bunda.

Eu ia fazer questão de me lembrar daquilo.

Cheguei na biblioteca na hora exata.

— O que é isso tudo? — perguntei, olhando em volta do salão escuro. A única luz vinha de um projetor no alto. Finn estava em pé no fundo da sala, mexendo com botões em várias caixinhas pretas. — Finn?

Ele pegou minha mão e me conduziu até o centro do salão, de onde ele tinha afastado todas as mesas e colocado um cobertor e travesseiros por todo o chão.

— Pode me chamar de Professor Hollis, e essa noite você é minha aluna. Sendo assim, sente-se, mocinha.

Ele foi até a frente da sala e ficou em pé na frente de uma tela larga pendurada no teto.

— O que está acontecendo? O que é isso? — indaguei enquanto me

acomodava entre os travesseiros macios. — Achei que estávamos aqui por causa do furacão, mas a tempestade só deve chegar mais tarde.

— Você está certa. Estamos aqui porque esse é o ponto mais alto da cidade e o mais distante da água em caso de alagamento. Mas achei que poderíamos vir para cá mais cedo. Eu queria passar um tempo instruindo essa sua mente preciosa e muito sexy a respeito do nosso mundo estranho. Em nome da nossa busca pelo conhecimento, eu queria ensinar algumas coisas pra você antes que a energia acabe.

— Ok — concordei desconfiada, sentando igual índio.

Finn sorriu e aquela covinha que eu tanto adoro apareceu.

— Seja bem-vinda a uma versão extremamente reduzida do nosso mundo. Sou o Professor Hollis e serei o responsável por moldar a sua mente essa noite — explicou Finn, estendendo os braços dramaticamente.

Dei risada ao ver como ele estava levando aquilo a sério e fiquei comovida com todo o trabalho que ele tivera.

— Vamos começar?

Finn ergueu os óculos falsos de armação preta de plástico até o dorso do seu nariz. Ele estava usando um jaleco branco comprido. Com um controle remoto na mão, ele se afastou para o lado do projetor e apertou um botão, fazendo aparecer na tela uma foto em preto e branco de um macaco.

— Você pode notar que há uma caneta e uma caderneta no chão à sua frente, Senhorita Dixon. Recomendo que faça anotações para se preparar pro teste.

Peguei o caderno e a caneta e acenei para que Finn continuasse.

— Muito bem. Primeira lição. Evolução.

Ele apertou o controle. Na tela estavam escritas exatamente as mesmas palavras que ele estava dizendo.

— As pessoas vieram dos macacos.

Ele apertou o controle outra vez. Era um desenho. O retrato de um homem usando uma peruca branca com a Bandeira Americana de fundo.

— Lição dois. Política Americana.

Ele balançou a cabeça e passou por mais dois slides.

— Tudo que você precisa saber é que a política moderna não está arraigada em nenhum tipo de domínio factual criado pelos seres humanos.

Ele apertou o controle outra vez e apareceu uma foto de um grupo de cerca de vinte adultos sentados em um sofá em um café.

— Agora, vamos falar sobre cultura pop. O que você sabe sobre a série ‘Friends’?

— Absolutamente nada.

— Ótimo, porque foi de lá que eu tirei o Professor Hollis.

Miller apareceu usando um jaleco igual e óculos de armação de plástico. Ele pegou o controle remoto de Finn e eles trocaram longos e firmes apertos de mão e olhares de seriedade falsa.

— Eu nem ouvi você entrar! — exclamei para Miller enquanto Finn se juntava a mim no chão.

Ele lustrou as unhas no jaleco.

— Eu fiz de propósito. A maioria das pessoas não escuta mesmo. Eu SOU parente distante do Batman. O que me leva ao nosso próximo assunto.

Ele apertou o botão no controle remoto e a tela mostrou dezenas de ilustrações de homens e mulheres todos vestidos com fantasias coladas e máscaras. Alguns eu reconheci, outros não. — Super-heróis e todas as razões pelas quais eles são incrivelmente impressionantes.

Eu ri durante uma hora inteira ouvindo as lições do Miller, que iam de ‘Por que as músicas do Nickelback não são tão ruins assim’ a ‘Por que Bruce Willis deveria ser indicado para a Canonização’.

Eu me recostei em Finn e fiquei rindo enquanto Miller mudava de um assunto para outro. Enquanto ele dava sua aula, Josh, Critter, Wilfredo e até mesmo minha mãe chegaram com coolers e outros suprimentos em mão. Quando minha mãe ficou cansada, Critter a levou para a área privativa nos fundos, onde ele tinha preparado uma cama dobrável para que ela descansasse.

— E a última lição que eu planejei para hoje, pessoal, é… — Miller apertou o controle e uma sementinha apareceu na tela. — A história da sementinha. Agora quando um homem e uma mulher amam muito um ao outro, eles... — Ele fez um gesto com as mãos, colocando o indicador para dentro e para fora de um buraco que ele tinha criado com a outra mão. Eu ri quando finalmente entendi o que ele estava sugerindo. Ri tanto que a minha barriga começou a doer. — Eles fazem isso. Então, a sementinha do homem laça aquele ovo da mulher e BUM. É assim que os bebês são feitos. E se você tiver muita, muita sorte e encontrar a pessoa certa... — Miller abriu um sorriso para Josh. — Ela vai até fazer um sanduíche pra você depois.

— Buuuuuuu!

— Já para a diretoria vocês dois! — gritou Miller.

Critter, que estava sentado a uma mesa perto dali, virava os olhos, mas estava rindo.

— Você faltou à aula nesse dia, filho?

Miller deu de ombros.

— Na verdade, eu recebi um prêmio de frequência no ensino médio.

— Aquilo não era um prêmio de frequência. — Finn deu risada. — Era

um aviso para seus pais dizendo que se você continuasse a faltar às aulas, ia acabar sendo expulso porque já tinha perdido mais aulas do que qualquer outro aluno.

— E? Que parte disso não é um gritante prêmio de frequência? — Miller pegou uma cerveja e Josh revirou os olhos. — Espera só até seus seios ficarem gordos e sua barriga ficar toda redonda com um bebê meu — murmurou ele, puxando-a para um beijo.

— Para minha sorte, eu só ia colocar minhas vísceras para fora e me sentir uma merda por nove meses — comentou Josh, empurrando-o para longe.

— Aposto que você ia ficar sexy vomitando até não aguentar mais. — Miller ergue as sobrancelhas.

— Você é nojento — repreendeu Josh, mas não o empurrou dessa vez quando ele se aproximou e a beijou na ponta do nariz.

— Por falar em enjoo… — comentei com a mão no estômago quando o cheiro de uma bala qualquer que Josh tinha acabado de abrir estava prestes a me fazer colocar o almoço para fora. Eu tinha lido que enjoos ocasionais eram comuns, mas aquilo era muito mais do que ocasional.

— Você está bem? — perguntou Finn, com uma preocupação crescente estampada em seu rosto. — Esse pequenininho aí está fazendo você passar por maus bocados?

— Eu estou bem. Esse menininho ou menininha provavelmente tem pernas compridas como o pai.

— Eu gostaria de poder engravidar alguém — comentou Wilfredo, com um suspiro, mergulhando em um dos coolers e fazendo sua cabeça desaparecer.

— Mas você pode engravidar alguém. Você é um cara. Presumidamente um cara com um pinto — argumentou Miller.

— É, mas, a não ser que sexo gay repentinamente comece a exigir o uso de pílulas, isso nunca vai acontecer. Pelo menos não no sentido bíblico. Porque apesar dessas criaturas serem fenomenais e ferozes, o máximo que eu posso fazer é querer ser uma delas. — Ele apontou para nós, girando o indicador em um pequeno círculo e fazendo careta.

Miller olhou para Josh e balançou a cabeça lentamente.

— Somos dois, amigo. — Ele balançou a cabeça. — Eu e você.

— Obrigada por isso tudo — agradeci, dando um beijo na boca de Finn.

— Obrigado — disse Finn,e meu coração começou a palpitar.

— Por quê? Eu não fiz nada. — Dei risada.

Finn colocou a mão na minha barriga.

— Você está fazendo tudo.

— Como assim você só trouxe três packs de cerveja. É um furacão! Acho

que nunca vou conseguir perdoar você! — gritou Miller para Wilfredo, que permaneceu calmo e tirou da sua mochila uma garrafa de vodca.

— Que tal uma dose? — disse Wilfredo, sacudindo a garrafa.

Miller a arrancou das mãos dele.

— Perdoado.

— Não esqueça que estou te devendo um pé na bunda por engravidar minha filha — disse Critter, semicerrando os olhos para Finn.

— Ah, não vou me esquecer — respondeu Finn. — Eu não poderia esperar menos que isso.

Critter balançou a cabeça.

— Ótimo. Então estamos falando a mesma língua.

Às vezes eu não sabia se eles estavam brincando ou não. Mas eu achava que era melhor ficar de fora e deixar que eles fizessem o que achavam que precisavam fazer para provar quem era mais homem.

— Vou dar uma olhada na mamãe — anunciei.

Finn me ajudou a levantar e eu passei cuidadosamente por cima dos travesseiros, colocando o pé no chão e passando por entre meus amigos e familiares até a área privada nos fundos.

Miller estava virando a garrafa de vodca direto na boca e o líquido transparente escorria pelo seu queixo até a camiseta preta.

— Acho que pode ser que eu queira tentar a sorte com o furacão — murmurou Josh quando passei por ela.

Quando cheguei à área privativa, abri lentamente a porta que dava para o local onde funcionava nosso depósito e entrei, fechando-a em seguida para que a voz alta do Miller não acordasse minha mãe caso ela estivesse dormindo. Caminhei nas pontas dos pés até a cama dobrável e a encontrei vazia.

Olhei rapidamente o resto da sala e não a encontrei. Alguma coisa estava estranha, como se tivesse ocorrido alguma mudança no ar que eu não conseguia explicar. Parecia mais denso. Mais pesado.

— Mãe?

Dei uma olhada no canto escuro onde eu estava guardando alguns livros que precisavam ser enviados para restauração. E vi uma movimentação.

— Você está aí. — Soltei o ar dos pulmões aliviada. — Você me assustou. O que está fazendo aí no fundo? Todos os livros mais novos estão nas prateleiras no salão principal. Tem alguma coisa em especial que você está procurando?

Ajoelhei para amarrar o cadarço que eu tinha acabado de notar que estava desamarrado quando ouvi passos.

Passos pesados.

Aqueles *não* eram os passos da minha mãe.

— Sim. VOCÊ — respondeu uma voz masculina grave e rouca.

Eu congelei por um instante e me dei conta, então, de que para escapar daquela vez eu ia ter que agir rápido. Dei um pulo na direção da porta, mas não fui rápida o bastante. Aquela mão grande surgiu em volta do meu peito e outra cobriu o meu nariz e a minha boca para abafar meu grito antes mesmo que ele tivesse chance de sair.

— Shhhh, eu estou com a vadia da sua mãe, e vai depender de você se ela continua viva ou não.

Richard sussurrou de maneira repreensiva no meu ouvido. Ele tinha exatamente o mesmo cheiro que eu me lembrava. Cheiro de uísque e arrogância.

— Tranquei todas as portas desse prédio pelo lado de fora. Se você tentar chamar a atenção para você, se der um gritinho mínimo que seja, eu coloco fogo nesse lugar todo com cada um daqueles pagãos presos do lado de dentro.

Ele me mostrou um isqueiro de metal e o abriu com o dedo, acendendo uma chama alta o bastante para que eu pudesse ver que ele estava falando sério e que levaria adiante a sua ameaça.

Eu me senti impotente. Em pânico.

Meu coração estava acelerado e tudo que eu conseguia pensar era em proteger Finn e meu bebê.

Não tinha nada que eu pudesse fazer a não ser obedecer. E quando ele me arrastou para fora, para debaixo do céu escuro daquela noite, achei que ele tinha tropeçado em alguma coisa, mas eu estava enganada. Ele tinha derrubado alguma coisa com um chute. E aquela coisa era um galão de gasolina.

Com um movimento do punho, ele atirou o isqueiro e a pequena chama para dentro do galão, fazendo-o explodir imediatamente em uma bola de fogo que era tudo menos pequena.

Tentei ir até eles. Mover as minhas pernas, mas elas não cooperavam. Minha respiração estava fora de controle e eu inalava cada vez mais o que quer que fosse que ele tinha pressionado na palma da mão enquanto cobria meu nariz e minha boca.

Eu me senti enjoada. O som da risada cruel de Richard me cercava enquanto ele me arrastava cada vez mais para longe da biblioteca. A tempestade ainda não tinha trazido a chuva, mas o vento espalhava as chamas rapidamente e, no momento em que minha visão começou a ficar turva, eu vi a última coisa que queria ver na vida.

O telhado da biblioteca afundou… e desabou.

CAPÍTULO 24



FINN

Tudo aconteceu muito rápido. Ouvimos um som que parecia uma explosão, então o teto do depósito começou a desabar.

Sawyer.

Corri para o depósito com Critter enquanto o Miller tentava abrir a porta da frente, que estava trancada pelo lado de fora. Juntos, Josh e Miller conseguiram forçá-la o suficiente para que todos pudessem sair. A chuva forte tinha apagado o fogo.

Critter e eu, com as palmas das mãos queimando, tínhamos empurrado para o lado o telhado que tinha caído, e procuramos em pânico por Sawyer e Caroline.

Foi só depois de empurrar a última viga caída que nos demos conta… elas não estavam lá. Dei um suspiro de alívio, mas logo senti uma forte pontada de medo atravessar meu peito como um raio.

Olhei para Critter, que chutava alguns destroços com um rugido de fúria.

— Não! De novo não, não! — berrava ele, puxando o cabelo.

Fechei os punhos e tentei respirar pelo nariz para acalmar meu coração, que batia acelerado.

Parecia que Critter e eu estávamos falando a mesma língua, e naquele momento ela tinha uma única palavra.

Richard.

CAPÍTULO 25



SAWYER

Tudo que eu ouvia eram grilos. O vento jogava folhas molhadas e lama no meu rosto. A chuva que caía era leve, mas o vento soprava com tanta força que cada gota que atingia a minha pele parecia uma ferroada. Eu sentia cheiro de enxofre e de coisa podre.

Tentei abrir os olhos, mas eles não colaboravam. Eu estava sentada em alguns centímetros de água. Meu short estava completamente encharcado.

Finn.

Minha família. Meus amigos.

A biblioteca. O telhado desabando.

Aquilo tudo me fez recuperar a sobriedade e me puxou para fora da névoa em que eu estava. Despertei. Meus olhos se abriram de repente e eu me vi no pântano presa a uma árvore com os pulsos amarrados para trás.

Eu estava aterrorizada, acreditando que tinha perdido todas as pessoas que, para mim, eram as mais importantes desse mundo. A única coisa que me ajudava a não tremer descontrolada de medo — a única coisa que me fazia continuar a respirar — era a vida que crescia dentro de mim.

Eu estava me sentindo enjoada. Tudo doía. Meu corpo pesava sobre meus ossos como se eu estivesse carregando carne e músculos que não era meus. Como se a gravidade estivesse fazendo hora extra para me puxar para o centro da terra.

Era difícil levantar os braços. Meus olhos não queriam abrir completamente e eu era forçada a olhar para a escuridão desse mundo através de pequenas fendas. Efeitos daquilo que Richard tinha usado para me sedar muito provavelmente.

Tudo doía. Meu corpo, meu coração, meu espírito.

Foi então que ouvi uma voz e, em um primeiro momento, achei que eu estava imaginando coisas, mas aquela voz não era apenas nítida, mas calma também.

E pertencia a minha mãe.

— Quando você estava crescendo, eu via muito de mim refletido nos seus olhos. Aquilo me assustava. Uma parte de mim queria que você fosse complacente. Obediente. Uma pessoa que ficasse em pé na fila e que esperasse a sua vez e que fizesse o que dissessem para fazer e que fosse feliz desse jeito.

Mas ocasionalmente eu via fogo nos seus olhos. Eu reconhecia a rebelde em você. Eu sabia que você tinha perguntas maiores do que as respostas que a igreja podia dar. Os seus olhos mostram quem você é, Sawyer. Sempre mostraram. Eles me disseram que você não tinha nascido para aquela vida, assim como eu. Eu tive medo por você, mas uma parte maior de mim sentia orgulho, alívio. Eu sabia que você não podia ficar lá. Aquele fogo em você contra a postura controladora e abusiva do Richard… não tinha como acabar bem.

Ela apertou os lábios e ergueu o olhar para o céu.

— Sempre foi uma surpresa para mim você não ter fugido antes. E uma decepção de certa maneira.

— Eu não podia deixar você — argumentei. — Eu jamais conseguiria.

Ela balançou a cabeça.

— O que torna tudo ainda pior. Você deveria sim ter me deixado.

— Não. Além do mais, você disse que se eu fizesse isso, Richard ia ameaçar mata-la.

Minha mãe assentiu.

— Ele teria me ameaçado sim. Mas nada disso importava. Você era tudo que importava. Você é tudo que importa agora.

Eu abaixei o olhar para a minha barriga.

— Não. Eu não sou tudo que importa agora.

Senti um aperto no peito quando vi o olhar de dor no rosto da minha mãe. Decidi me manter forte por ela. Vencer aquela agitação dentro de mim e ficar ali pelo meu bebê e pela minha mãe.

— Eu decepcionei você — disse ela. E o vento empurrou aquelas palavras que voaram na minha direção atingindo diretamente meu estômago.

— Não! Você foi colocada em uma situação que ninguém imagina ter que enfrentar. Eu nem consigo imaginar ter que fazer as escolhas com as quais você se deparou. Eu entendo agora. Eu entendo as razões pelas quais você fez tudo que fez, e sou eu que tenho que me desculpar. Por ter duvidado de você. E, além disso, você está certa. Nós somos muito parecidas.

— Talvez. Eu já te contei a história do seu nome? — perguntou minha mãe. Ela estava tentando tirar minha atenção da água que estava subindo. Eu precisava daquilo porque os puxões sem fim dos meus punhos não estavam me levando a lugar nenhum.

A água estava subindo cada vez mais rápido. Era só uma questão de tempo e ela estaria acima das nossas cabeças.

— Não — respondi, negando com a cabeça — Você pode me contar agora?

Meu sangue estava sendo bombeado intensamente por todo meu corpo.

Eu me sentia extremamente ciente do que se passava ao meu redor. Do meu corpo. Eu estava tensa como nunca tinha me sentido antes.

Além de estar completa e absolutamente aterrorizada.

Minha mãe conseguiu dar uma risada forçada.

— Richard queria colocar seu nome de Mara. Sendo que o significado bíblico era amargo ou amargura. Era como se tudo que ele fazia para você fosse uma punição pelos meus pecados contra ele e ele não queria que fosse diferente com seu nome.

— Provavelmente — resmunguei, roçando a coisa que mantinha as minhas mãos presas contra a casca da árvore para tentar partir as amarras.

Minha mãe olhou para o céu como se pudesse ver a história que ela estava me contando se desenrolar acima dela.

— Quando Critter e eu começamos a ficar juntos, costumávamos ficar deitados nos campos de girassol dele por horas assistindo ao pôr do sol e ouvindo apenas o barulho das folhas ao nosso redor. Conversávamos, bebíamos vinho e ficávamos com os nossos narizes queimados do sol.

Ela suspirou enquanto se lembrava de tempos mais felizes e de repente teve uma crise de tosse.

— Mãe! Mãe, você está bem? — gritei, odiando me sentir tão impotente.

Ela acenou com a cabeça. Quando se recuperou, dei um suspiro de alívio.

Ela continuou.

— Você já conhece parte da história. Mas um dia apareceu esse menininho de cabelo loiro quase branco. Ele não tinha mais do que seis ou sete anos de idade. Fiquei olhando enquanto dirigia o triciclo dele para dentro do campo e, com o canivetezinho enferrujado dele, ele cortou uma flor, acenou para Critter e foi embora. — Ela deu uma risada suave. — Quando perguntei ao Critter sobre aquilo, ele disse que o menino fazia a mesma coisa quase toda semana. Quando perguntei o que ele fazia com as flores, Critter disse que ele tinha encontrado o menino no campo um dia e ele estava triste porque estava enfrentando problemas com a mãe por falar palavrão.

Ela balançou a cabeça como se ainda não conseguisse acreditar naquilo.

— Critter cortou uma flor e a entregou ao menino. Ele disse para ele ir pedir desculpas para a mãe e entregar a flor a ela. Bom, deve ter funcionado porque toda semana depois daquilo, Critter disse que o menino estava lá com sua própria faca cortando uma flor. Uma para a professora porque ele tinha dito a ela que matemática era para pessoas que não têm calculadora. Outra para a senhora da padaria porque ele tinha derrubado a vitrine de bolos que ela tinha levado todo o final de semana para fazer.

— Isso até que é fofo — comentei, sentindo meu coração partir ao meio

enquanto a minha mente ficava relembrando repetidamente a cena do telhado desabando na biblioteca. Existia a possibilidade de que tivéssemos um menino que parecesse com Finn. Talvez ele nunca tivesse a chance de conhecer o pai.

Enquanto eu desmoronava por dentro, minha mãe falava como se estivéssemos na varanda tomando chá.

— Era fofo. Acontece que aquilo era tão frequente que eles vieram negociar e Critter cercou um canteiro só para o menino, onde ele podia pegar os girassóis quando quisesse.

A água estava subindo e agora cobria o meu short e as minhas coxas. Eu sabia que para ter alguma chance de cortar aquelas amarras eu tinha que ser mais rápida.

Minha mãe olhou para mim e ergueu a voz porque o vento agora estava mais forte.

— Você recebeu o nome de Sawyer por causa de Finn.

Ela suspirou feliz como se estivéssemos prestes a sair para pegar os vestidos das minhas madrinhas de casamento, e não prestes a ver o fim de nossas vidas em um pântano sombrio.

Minha barriga parecia dura. Eu queria fugir daquele pesadelo. Segurei o grito que ameaçava sair rasgando pela minha garganta.

— Mãe, por que você não está em pânico? — consegui perguntar, engolindo o medo com dificuldade.

Ela sorriu para mim.

— Eu estou apavorada por você e pela vida que você e a sua criança correm o risco de nunca terem. Mas eu? Eu aprendi a aceitar a minha própria morte anos atrás.

Minha mãe continuou falando e eu continuei tentando me soltar.

— Critter e eu até brincamos que se algum dia tivéssemos uma menina, ela poderia se casar com Finn porque ele já sabia o que a maioria dos homens jamais aprenderia: como pedir desculpas.

Foram meus olhos então que ficaram marejados quando imaginei uma pequena versão de Finn causando problemas por toda a cidade de Outskirts e consertando-os com uma flor e um sorriso brincalhão com covinha.

— Como você convenceu Richard a concordar com o nome?

Ela parecia quase orgulhosa quando me respondeu:

— Sawyer significa lenhador em celta. Tudo que eu fiz foi estender um pouco a verdade. E, como eu não podia sugerir o nome para ele de maneira direta porque ele simplesmente negaria de maneira agressiva, comentei com algumas das senhoras da igreja, mas eu disse a elas que Sawyer significava carpinteiro, a ocupação de Jesus. Claro que antes de eu dar à luz a você, o nome

já tinha chegado aos ouvidos do Richard. Um dia ele anunciou para mim que seu nome seria Sawyer, como se o nome tivesse sido dado a ele em uma visão do próprio Deus.

Ela começou a rir descontroladamente.

— Que ardiloso da sua parte, mãe. Eu não conhecia esse seu lado.

Ela deu um forte suspiro.

— Eu tinha esse lado.

Seus olhos perderam o foco e, de repente, era como se ela estivesse olhando através de mim sem que pudesse me ver. Sua cabeça começou a fazer um movimento orbital, com pequenos círculos.

— Mãe? — gritei.

Nenhuma resposta.

— Mamãe! — gritei mais alto.

Seus olhos se fecharam e ela começou a piscar rapidamente, como se estivesse tentando desobstruir a mente.

— Sawyer? — perguntou ela, então seus olhos se fecharam e seu queixo caiu contra o peito, revelando um ferimento cheio de sangue no topo da sua cabeça que parecia bastante sério. Ela precisava de ajuda.

Logo.

— Fique comigo, mãe! — gritei para ela.

A água agora estava acima das nossas cinturas e continuava a subir.

Seus olhos ainda estavam fechados, mas ela falou outra vez. Só que parecia que estava longe e não ali na minha frente.

— Mamãe... — disse ela. — Eu… Eu gosto quando você me chama assim. É muito melhor do que *Mãe*.

Então, silêncio.

— Mamãe, mamãe! — gritei, esperando por no mínimo outra resposta incoerente.

Ainda assim, nenhuma resposta.

— Mamãããããããe! — berrei, enquanto a água, que agora estava na altura do meu peito, subia. Se minha mãe continuasse na posição que estava, ela estaria respirando aquela água turva em poucos minutos. — Você precisa levantar a cabeça, mamãe. Levanta a cabeça!

Meus gritos viraram berros.

Puxei as amarras que mantinham minhas mãos presas e rugi quando mais uma vez não se romperam.

Eu tinha que ficar calma. Pensar. Limpar a minha mente.

Com a água subindo ao nosso redor e com o medo de perder as vidas da minha mãe e do meu bebê, que ainda nem tinha nascido, controlei meu pânico e

tentei encontrar alguma clareza em meio ao caos.

Eu tinha crescido em um lar onde a religião era rígida e onde a imposição tanto das leis de Deus como do meu pai era ainda mais rígidas. Eu tinha abaixado a cabeça milhares de vezes e repetido palavras de fé porque me diziam que elas precisavam ser ditas. Mas eu nunca tinha rezado de verdade. Eu não colocava significado naquelas palavras que eu dizia. Não acreditava nelas o suficiente para que fossem verdadeiras, eu não tinha aquele tipo de fé em que outras pessoas achavam fácil confiar cegamente.

Querido Deus, Universo, Senhora, Senhor, Monstro do Espaguete Voador,

Eu não sei mais como rezar. Na verdade, acho que nunca soube. Aprendi a sempre agradecer e a nunca pedir por nada porque o senhor me daria tudo que eu precisasse e pedir por mais seria a mesma coisa que questionar a sua vontade.

Um pecado.

Mas eu venho descobrindo que tanta coisa era mentira, que vou arriscar seguir minha intuição e assumir que pedir ao senhor por algo que eu preciso, e não simplesmente quero, é aceitável. Talvez, apenas dessa vez.

Eu começaria agradecendo por tudo que o senhor me deu, mas não há tempo. Vou direto ao assunto, oferecendo ao senhor uma barganha. Talvez seja errado, mas eu não quero pedir uma coisa tão grande sem oferecer algo em troca.

Preciso tentar porque não tenho simplesmente uma coisa a perder.

Eu tenho tudo a perder.

Por favor, eu imploro, poupe a vida da minha mãe, ela já passou por tanta coisa. Ela aguentou o impensável. Merece a chance de viver sua felicidade.

De ser feliz. Eu quero que ela saiba como é viver sem medo e como é ser amada incondicionalmente por alguém que não espera nada em troca. E pela sua generosidade em poupar a vida dela, eu ofereço a minha. Mas só depois que o bebê tiver nascido e estiver em segurança nos braços do pai. Então eu irei com o senhor. De bom grado e feliz no instante em que eu souber que estão todos em segurança e juntos.

Por favor, deixe minha família viver e eu farei tudo que o senhor quiser.

Absolutamente tudo.

Eu repeti minha oração de novo e de novo e, em algum momento, devo ter adormecido porque eu estava sonhando com uma mulher loira com um sorriso brilhante e um cachecol roxo de seda em volta do pescoço caminhando na minha direção. Mas seus pés não tocavam a água, ela caminhava por cima

dela. Talvez aquilo fosse apenas uma alucinação. Ou talvez eu já estivesse morta. Entrei em pânico. O verdadeiro pânico foi injetado nas minhas veias como uma injeção de adrenalina.

Se eu estava morta. Significava que o bebê também estava morto.

— Não! Eu não posso estar morta. Eu não posso estar morta.

A mulher agachou diante de mim e sorriu. Sua calça branca e sua blusa também branca não tinham nenhum amassado, nenhuma mancha. Ela tinha cheiro de roupa limpa. Parecia que eu a conhecia, mas eu não sabia de onde.

— Não se preocupe. Você não está morta. Pelo menos por enquanto. Seu bebê está a salvo, mas você tem que me ouvir com muita atenção.

— Você é… Deus?

A mulher deu risada e aquilo soou leve e brilhante. Angelical.

— Ah, querida, eles não iam me querer cuidando de nada. Seria tipo um *happy hour* vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Seria muito mais uma fraternidade colegial do que uma vida santa após a morte. Se é que você me entende...

— Acho que entendo... — respondi. — Então quem é você?

Ela juntou as mãos.

— Eu sou alguém que está aqui para ajudar.

— Como?

A mulher pensou por um instante enquanto batia com as suas unhas perfeitamente pintadas no queixo.

— Sabe como as pessoas tendem a dizer para sempre olharmos pra frente e nunca pra trás, ou algo assim, quando nos deparamos com uma situação ruim?

— Claro, minha mãe dizia isso o tempo todo.

— Bom, estou aqui para dizer que isso tudo é besteira. É o que está atrás de você que conta. É o que está atrás que vai salvar você. Não fique aí esperando o seu cavaleiro de armadura brilhante aparecer para resgatá-la, por mais sexy que eles possam ser às vezes. SEJA você seu próprio cavaleiro. Resgate a si mesma. Finn pode ter até resgatado seu coração, mas o resto depende de você agora.

Com a mesma velocidade que ela tinha aparecido, antes que eu tivesse a chance de perguntar o que exatamente ela queria dizer, a mulher de branco desapareceu.

Abri os olhos e senti a água no meu queixo. A água ficava agora espirrando nos meus olhos. Olhei de lado para minha mãe, cujo rosto estava agora a poucos centímetros da água que subia. Eu quis que meu sonho fosse real de alguma maneira e que o que estava atrás de mim fosse realmente me salvar. As únicas coisas atrás de mim eram a árvore onde eu estava amarrada e os

inúmeros animais do pântano que estavam me esperando passar da vida para a morte para que pudessem atacar minha carcaça.

Eu não desistiria.

Eu nunca desistiria.

Senti uma nova determinação crescendo dentro de mim. Um novo tipo de poder, bravura. Era exatamente do que eu precisava para seguir em frente.

Em uma última tentativa de soltar as minhas mãos, estiquei os dedos debaixo da água, procurando por alguma coisa que eu pudesse usar como faca para cortar a corda. A água corria em volta de nós mais como um rio do que um pântano, então era possível que as coisas ali debaixo já fossem outras.

Encostei em alguma coisa dura com o dedo onde instantes atrás não havia nada. Aquilo tinha pelo menos quinze centímetros e estava quebrado ou cortado em uma ponta. Eu não sabia se aquilo era um cano ou um pedaço quebrado de madeira ou pedra, mas tinha esperança de que servisse. Coloquei aquilo entre as cordas e comecei a serrar. Eu o derrubei uma vez e outra vez de novo antes de conseguir fazer algum estrago real na corda. Esbravejei, jogando minhas frustrações na água que subia e que agora já alcançava minha boca. Meus pensamentos estavam embaralhados e eu apertava os lábios com força.

Eu não ousava olhar para minha mãe, sabendo muito bem que ela provavelmente já estava submersa. Eu não podia deixar que nada me distraísse da tarefa que eu tinha em mãos.

As vidas de nós duas dependiam daquilo.

Eu tinha que ser rápida, mas eu sabia que fazer aquilo com pressa não me levaria a lugar nenhum. Comecei a cantarolar a canção de ninar que minha mãe costumava cantar para mim durante as tempestades para diminuir meu medo. Enquanto minha mente fugia para aquela época, ela me reconfortava. E enquanto ela mesma não tinha conforto algum, eu continuava a serrar.

Puxei todo o ar que pude no exato instante antes de ter a água cobrindo a minha boca e em seguida o meu nariz.

Depois de repetir três versos da cantiga de ninar na minha cabeça, meus pulmões começaram a queimar como se estivessem pegando fogo. Empurrando o objeto uma última vez contra as amarras e gritando uma última vez debaixo da água, alguma coisa se rompeu com um estalo e as minhas mãos se soltaram.

Eu emergi da água, buscando o ar desesperadamente depois do que parecia ter sido uma eternidade. Quando meus pulmões se encheram novamente, foi como se tudo parasse. O respingo de cada gota de chuva que caía na água. As folhas que caíam das árvores que farfalhavam com o vento. Eu conseguia ver tudo agora. O cheiro de tudo era mais forte.

O som de tudo era mais alto. Parecia mais nítido.

Minha mente estava completamente limpa. Eu estava calma. Em paz.

Era como se eu tivesse sido batizada na água suja. Batizada pelo próprio furacão e entregue ao pântano renascida.

Eu não era mais Sawyer, a garota que fugia do passado. Eu era Sawyer, a garota de Outskirts.

Uma verdadeira cidadã da cidade, assim como eles.

Lembro-me de ter lido um artigo para meus estudos de religião em que um pastor do Alabama dizia que quando Deus o coloca em meio a águas turbulentas, não é para afogá-lo, mas para purificá-lo dos pecados e da culpa.

De repente ficou claro para mim o que ele queria dizer.

Levantei e assoprei a água do meu nariz, pulando na direção da minha mãe e atravessando com dificuldade a água densa e a vegetação. Levantei a cabeça da minha mãe para tirá-la da água com uma das mãos e soltei as amarras com a outra. Eu quase caí de alívio quando ela puxou o ar com força para os pulmões. Coloquei o braço dela sobre meus ombros e tinha dado apenas um passo para subir o barranco quando perdi o meu ponto de apoio e juntas escorregamos e caímos ruidosamente dentro da água outra vez.

Levei um susto com o homem que apareceu de modo assustador acima de nós. Um homem que eu jamais queria ver outra vez. Meu coração batia contra minha caixa torácica como se fosse pular do meu peito na direção do Richard. O vento estava mais forte e uivava por entre as árvores.

Richard rosnou:

— Acho que vocês arranjaram um problema. Mas tenho que reconhecer. Eu meio que esperava estar me livrando de corpos nesse momento. Mas vocês duas sempre foram péssimas em ouvir e em seguir ordens. Não é um grande choque para mim que não queiram simplesmente calar a boca e morrer quando é essa a ordem.

As palavras do Richard provocavam medo, mas principalmente raiva. Acumulada ao longo de quase vinte e dois anos, ela crescia com força nas minhas veias, acendendo um fogo de revolta debaixo da minha pele.

— Ei, Richard? — chamei, olhando nos olhos dele pela primeira vez na minha vida. — VAI SE FODER!

A reação dele foi dar risada.

— Você se acha tão corajosa. Mas depois que a pessoa morre, nada disso importa, sua pecadora — ameaçou ele.

— *Pai*, não podemos escolher que pecados toleramos. Você critica publicamente os pecados, mas no fim você mesmo é uma contradição ambulante cheia deles. Cheia de maldade. Você pode ser acusado de luxúria, gula, ira, inveja, soberba e muito mais. Eu sei porque via como você bebe álcool como se

sua sede não tivesse fim. Eu via como você batia e estuprava minha mãe. Fui testemunha de como você fala da vontade de Deus como se fosse o único homem do mundo que a entende. — Ri de como aquele homem era realmente ridículo. — Bom, eu odeio dizer isso, mas você não entende. Você não entende nem um pouco.

— Blasfêmia! Blasfêmia! — esbravejou ele e apontou o dedo para baixo na minha direção. — Sua vadia! Como se atreve?

Encontrei uma liberdade repentina nas minhas palavras, mas eu precisava de tempo para descobrir como tirar a minha mãe e a mim mesma do pântano vivas.

— Dizem que a verdade liberta. Bom, Pai. Pelo seu próprio bem. Eu espero que ela faça exatamente isso. Porque a sua verdade é que você é um babaca egoísta que vai direto para o inferno.

Lá estávamos nós na lama, olhando nos olhos do louco que antigamente se atrevia a se chamar de meu pai quando não chegava nem aos pés do homem que meu verdadeiro pai era. Minha mãe escorregou dos meus braços. Ela caiu para o lado na lama produzindo um som abafado.

Richard apontou para ela.

— Eu falei para sua mãe muito tempo atrás que, se algum dia ela me traísse, eu ia matar você bem diante dos olhos dela. É uma pena que ela não esteja consciente para me ver cumprir a promessa. — Richard ajoelhou e colocou a mão para trás para pegar alguma coisa no bolso. — Adeus, Filha.

É de se imaginar que o momento em que você sabe que o fim está próximo é aquele em que você mais sente medo. Mas não. Conforme eu percebia que tudo estava acabado, não pude deixar de me sentir orgulhosa.

Orgulhosa da mulher que eu me tornara. Orgulhosa dos relacionamentos que eu construíra. E orgulhosa da maneira com a qual eu estava enfrentando Richard nos meus últimos instantes.

Finn também teria ficado orgulhoso.

Fiz questão de olhar para Richard diretamente nos olhos. Se ele ia me matar, teria que fazer aquilo enquanto eu desobedecia às suas regras estúpidas até o último instante. Até o bebê deu um primeiro chute desafiador na minha mão enquanto eu cobria minha barriga de maneira protetora.

Aquilo me fez rir. Eu estava literalmente rindo na cara da minha própria morte.

Richard não teve a chance de alcançar a arma que estava tentando pegar porque um objeto sem corte atingiu sua cabeça. Houve um ruído abafado seguido de outro que soaram como uma bisnaga de pão crocante sendo partida ao meio.

O olhar do Richard estava inexpressivo quando ele caiu de cara na água.

— Mamãe?

Olhei para cima e vi minha mãe ali em pé com algum tipo de pedra branca na mão.

— Você está certo — afirmou ela para o corpo inconsciente do Richard. — Nada disso importa. VOCÊ não importa.

Ela continuou encarando-o com ódio, segurando a pedra como um troféu.

— Durante os seus sermões, você frequentemente falava sobre os laços familiares. — Ela ria enquanto citava as palavras do Richard: — Acho que era alguma coisa do tipo, "Não existe laço maior nesse mundo do que aquele entre uma mãe e seu filho. E se alguém tentar destruir esse laço? Que Deus tenha piedade dessa alma".

De pé acima dele, ela endireitou os ombros.

— Que Deus tenha piedade da sua alma, Richard.

— Ele está...? — Eu comecei a perguntar, mas parei quando vi a movimentação fraca de uma respiração curta no peito dele.

Minha mãe meneou a cabeça negativamente.

— Não acredito que seja fácil assim. — Ela se virou para mim e, ajoelhando, me olhou de cima a baixo. — O bebê está bem?

— Está sim. Eu estou bem. Mas você está machucada.

Eu puxei com gentileza sua cabeça para olhar o ferimento mais de perto.

— Foi uma batida feia e mais nada — afirmou ela, fugindo do meu toque.

— É mais que isso... — ressaltei. — Você ficava apagando o tempo todo.

— Apaguei antes sim, mas acho que foi só efeito daquilo que ele ficou segurando no meu nariz. Mas devo dizer, nada ajuda mais a ficar acordado do que a possibilidade da morte iminente.

— Mas você acabou de desmaiar, agora há pouco — questionei.

Ela balançou a cabeça e recuou.

— Não. Aquilo foi o que chamam de atuação. Teve uma época em que eu fazia aula de teatro. Sabia disso? — perguntou ela enquanto me ajudava a subir. Eu estava impressionada, orgulhosa e completamente apaixonada pela minha mãe.

— Não, eu não sabia disso — respondi. — Mas talvez você possa me contar essa história em breve.

Deixamos Richard na água e prosseguimos com dificuldade até o barco que ele tinha deixado entre dois cepos. Passou pela minha cabeça que minha mãe provavelmente não tinha visto o telhado da biblioteca cair.

Tínhamos que voltar. Tínhamos que ver se eles conseguiram sair da

biblioteca. Mas primeiro, eu precisava alertar minha mãe sobre o que poderíamos encontrar quando voltássemos.

Ou do que poderíamos não encontrar.

Eu sentia como se o tempo tivesse parado a nossa volta, assim como o vento da tempestade. Os sons e cheiros do pântano que tinham parecido amplificados uns instantes atrás tinham desaparecido. Havia quase que um silêncio. Tenho certeza que se você ouvisse com a atenção suficiente conseguiria escutar a minha tristeza.

As palavras que eu sabia que precisava dizer cresciam na minha garganta e ficavam ainda maiores conforme criavam raízes e envolviam meu coração, apertando com tanta força a ponto de eu não saber mais como eu ia respirar de novo. Quem dirá falar...

— Mãe… — comecei com dificuldade. — Tem uma coisa que eu preciso contar.

Fechei os olhos levemente.

— O quê? — indagou ela, parecendo completamente assustada, como deveria.

Mas uma vibração alta e barulhenta atravessou o pântano, chacoalhando cada galho de cada árvore como o início de um terremoto. Um aerobarco surgiu, voando sobre uma camada grossa de vegetação como se ela não existisse. Mesmo com a chuva forte, eu pude enxergar os rostos naquele barco. Eu os reconheceria a quilômetros de distância. Minha alma os reconheceria em qualquer lugar.

Todos os sentimentos que achei que nunca mais experimentaria — felicidade, alegria, entusiasmo e amor — voltaram para mim de uma única vez. Um peso enorme tinha sido tirado das minhas costas e eu pude voltar a respirar. Eu estava tão leve que senti como se estivesse flutuando acima do meu próprio corpo.

Critter estava pilotando. Finn estava em pé na frente.

Os dois estavam inteiros.

Os dois estavam vivos.

CAPÍTULO 26



FINN

Eu ainda não fazia ideia de como Sawyer e a mãe dela tinham conseguido se livrar de um homem que não ia parar diante de nada até que ele tivesse o que queria. E o que ele queria era a vida das duas. Ou através da submissão, ou da morte. O que me deixava descontroladamente furioso.

Um nó se forma em estômago só de pensar no quão perto ele chegou de conseguir o que queria, só de lembrar do desespero que senti quando achei que o pior já tinha acontecido.

Tivemos sorte.

Mas não era porque eu não sabia como elas tinham conseguido se libertar que eu estava surpreso. Nunca tinham existido duas pessoas mais determinadas nesse planeta. Ninguém com uma força de vontade maior. Ninguém mais corajoso.

Elas podem não achar isso, mas estavam bem equipadas para lidar com gente como Richard Dixon.

— Eu nunca senti tanto medo na minha vida — confessei para Sawyer quando ela acordou de um cochilo de vinte horas. Ela rolou, deu uma olhada em mim e sorriu como se eu fosse a coisa mais importante desse mundo para ela. — Não consigo deixar de pensar no que poderia ter acontecido com você se…

— Psiu. Venha aqui — disse Sawyer, estendendo o braço. Ela rolou para que ficássemos deitados um de frente para o outro com nossos braços e pernas entrelaçados, do mesmo jeito que fizemos na primeira noite que ela passou na minha cama. Só que dessa vez uma das minhas mãos estava apoiada sobre nosso bebê que crescia.

Eu não dormira muito. Meu descanso foi assistir minha garota dormir, o peito e a barriga dela subiam e desciam toda vez que ela inspirava.

— Senti sua falta — revelou Sawyer, sonolenta. E apesar das palavras serem simples, os olhos dela diziam muito mais.

— Eu também — sussurrei.

Os olhos dela se arregalaram e encontraram os meus.

— Richard! — exclamou ela, parecendo repentinamente em pânico.

— Ele não vai machucá-la de novo.

Ela relaxou nos meus braços mais uma vez.

— O que aconteceu com ele?

Fiz uma careta. Eu imaginava o que tinha acontecido com ele, mas não era a mesma coisa que Critter tinha DITO que tinha acontecido.

— Critter disse que ia levar Richard de volta para a cadeia de onde ele tinha fugido.

Dizer em voz alta não fazia daquilo nem um pouco mais crível.

— Você acha que foi isso que ele fez? — questionou ela, conhecendo Critter tão bem quanto eu.

Puxei o ar por entre os dentes.

— Acho que é melhor a gente não saber.

— Essa parece uma frase que ele diria — disse ela, colocando a mão no meu rosto. Inclinei o corpo para frente e a beijei, precisando senti-la em mim, precisando, apesar de ela estar nos meus braços, lembrar que ela realmente estava ali. Que realmente estava bem.

— Eu estou aqui. — Ela me tranquilizou, sabendo exatamente o que eu precisava ouvir.

— Sim, você está.

Ela olhou acima da minha cabeça na direção do criado-mudo. Eu virei e vi que ela estava olhando para as roupas sujas dela que estavam empilhadas, assim como para a pedra que a mãe dela tinha ficado segurando contra o peito quando encontramos as duas.

— Aquilo foi real — sussurrou ela.

— O que foi real? — perguntei, virando para olhar seu rosto.

— Você está vendo aquele cachecol? — perguntou ela, apontando para o pedaço de pano roxo enlameado no topo da pilha. — Eu tive uma visão de uma mulher loira que me salvou. E ela estava usando esse cachecol. Sei que parece bobeira, mas foi o que me ajudou a sobreviver.

Dei um suspiro preferindo não pensar no quão assustada ela provavelmente tinha ficado, mas contente por ter encontrado conforto de alguma maneira, mesmo que tivesse sido em uma visão ou sonho.

— E por que essa pedra está aí? — indagou ela.

Eu não pude evitar o sorriso que cresceu no meu rosto.

— Era a pedra que sua mãe estava segurando. Foi com ela que sua mãe bateu na cabeça do Richard.

— Que pedra estranha — comentou ela.

Eu sentei para examinar mais de perto.

— Você tem razão. Nunca vi uma pedra redonda como essa por aqui.

Eu a peguei e virei. Quase a derrubei quando vi o que estava do outro lado.

— O que foi? — perguntou Sawyer, Sentando-se na cama.

Aquela pedra definitivamente não era uma pedra.

Era um crânio.

De repente me deu um estalo. O cachecol roxo. O crânio.

Veio à minha mente uma foto pendurada no bar do Critter. Em que eu estava com o braço em volta da Jackie. Ela usava o cachecol roxo que eu comprara para ela na feira de artesanato. Eu tinha até pedido para que bordassem suas iniciais na parte interna. JC. Exatamente as mesmas iniciais que estavam levemente visíveis por atrás das manchas de sujeira.

Abaixei a cabeça e a segurei com as mãos. Primeiro, senti um negócio no estômago como se eu fosse passar mal. Respirei fundo pelo nariz, mas não ajudou. Aquilo era ela. Aquilo era Jackie. De repente eu tinha voltado dois anos no passado e era como se eu tivesse acabado de perdê-la outra vez. Sua morte como uma faca na minha garganta.

— O quê? O que é isso? — questionou Sawyer de novo. Foi a voz dela que me trouxe de volta para o presente. Foi a voz dela que me fez lembrar que não estávamos mais dois anos no passado. Eu tinha quase perdido Sawyer. O amor da minha vida. A mãe do meu bebê. Mas não tinha perdido. E algo me dizia que a loira na visão de Sawyer era alguém bastante familiar para mim.

Existia uma razão pela qual nós não a encontramos apesar das inúmeras buscas ao longo dos anos. E apesar de parecer ridículo até mesmo pensar nisso, acho que ela ficou lá por Sawyer... por mim.

Senti um calor crescer dentro de mim. Uma sensação de conclusão. Finalização. Amor. Encontramos Jackie... ou talvez, ela tenha nos encontrado.

— Finn? — chamou Sawyer novamente.

Eu virei rapidamente o crânio outra vez.

— Nada, achei que tinha visto uma minhoca nela. Era só uma folha.

— Essa foi uma reação muito intensa para uma minhoca — comentou ela, desconfiada. — Ainda mais para alguém que cresceu no pântano.

Deitei de volta na cama e puxei Sawyer comigo.

— Minhocas são nojentas — afirmei, apertando o corpo dela contra o meu e curtindo a sensação dos lábios dela tocando levemente minha mandíbula.

— Não, por favor, me conte o que foi.

Dei um suspiro.

— Ok, mas vai parecer meio maluco — alertei enquanto delineava as sardas ao redor do olho direito dela.

— Para sua sorte, estou acostumada com maluquices.

Contei tudo a ela, que não esboçou expressão alguma até o fim.

— Isso não é maluco, Finn. É lindo.

Ficamos em silêncio por um tempo depois disso. Contentes de respirar

um ao outro.

— Sabia que você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci na minha vida toda? — perguntei sem conseguir mais guardar comigo o que eu estava sentindo.

— Por que você está falando isso? — indagou ela, enquanto deslizava as mãos por todo o meu corpo como se também não conseguisse acreditar que eu estava lá. — Foi você que saiu rastejando de um prédio em chamas.

— Não foi bem assim — expliquei. — Caiu uma tempestade na hora certa e ela apagou as chamas antes que pudessem se espalhar.

— Eu achei que você tinha sido esmagado pelo telhado — disse ela, descansando o queixo no meu peito e olhando para mim com os olhos vidrados. Eu tinha que protegê-la daqueles tipos de sentimentos, da dor.

— Não, foi só a parte do depósito. — Eu a tranquilizei. — Estou aqui. Estou bem. — Repeti as mesmas palavras que ela tinha usado instantes atrás para me reconfortar.

Ri comigo mesmo.

— O que é tão engraçado? — perguntou ela, com aquele sorriso irradiante iluminando não só o quarto inteiro, mas também meu coração.

— Achei que você era a donzela em perigo. Eu estava enganado. — Envolvi a mandíbula dela com minha mão. — No final das contas, você era tanto a donzela quanto o cavalheiro.

Eu a beijei com vontade e passamos o resto daquela noite e o dia seguinte sem nos afastarmos mais que alguns centímetros um do outro. Se fosse do meu jeito, passaríamos o resto das nossas vidas na cama, mas se fizéssemos isso, eu não teria a chance de mostrar para Sawyer uma surpresa que eu tinha para ela. E mesmo tendo aprendido que ela odeia surpresas, aquela era uma que eu mal podia esperar para entregar a ela.

CAPÍTULO 27



SAWYER

Minha mãe e eu começamos a ir juntas a uma terapeuta. Eugenia Collins era especialista em algo que ela chamava de Síndrome do Trauma Religioso. Ela também era especialista em pessoas que tinham vivenciado a violência doméstica, tanto física quanto mental.

E apesar de saber que provavelmente também seria bom para Finn conversar com alguém como Eugenia, ele insistia que estava bem. E por causa do modo com o qual ele vinha assobiando e saltitando por aí enquanto se preparava para a chegada do bebê, eu estava inclinada a acreditar nele.

Duas vezes por semana, fazíamos a viagem de uma hora de carro até o consultório dela e cada uma de nós fazia uma sessão sozinha antes de fazermos uma terceira juntas. Era esclarecedor aprender como e por que reagimos às coisas e como a culpa é tão facilmente atribuída quando ninguém é culpado senão a própria pessoa que faz o outro se sentir daquele jeito.

Sei que as sessões faziam bem para minha mãe porque eu podia ver no seu sorriso. Eu via sua expressão suavizada. O jeito que ela apertava minha mão toda vez que a terapeuta dizia alguma coisa com a qual ela concordava. Havia felicidade pura à sua volta e, mais uma vez, eu não conseguia deixar de pensar em como ela era realmente corajosa.

Para ser honesta, muito mais do que a terapia, era o tempo que eu passava com minha mãe que me fazia bem. Na maioria das vezes, eu ia dirigindo e, enquanto eu ouvia as histórias que ela contava, aprendia mais sobre a mulher que tinha me dado a vida. E a cada semana que se passava, a vida ia voltando para seus olhos com mais força, até que comecei a conhecer minha mãe como a pessoa rebelde, engraçada, ousada, teimosa e carinhosa que ela realmente era.

Ela começou a trabalhar com Critter no bar. Tocando o negócio, eu diria. E os dois assumiam as funções de quatro pessoas, exatamente como Critter costumava fazer, só que agora ele não precisava mais fazer aquilo sozinho. Ela parecia em casa ali. Em paz. E se você visse os dois interagindo, não ia achar que eles tinham passado duas décadas separados. Ia achar que eles tinham passado a vida inteira juntos. Provavelmente porque, de certa maneira, eles nunca tinham deixado um ao outro, pelo menos não em seus corações.

Mamãe também estava ansiosa para ser avó. Muitas noites eu a ouvi se gabando do futuro neto ou neta para os clientes no bar.

E por falar em avós, eu finalmente consegui conhecer a minha vó. A mãe do Critter. A voz estridente que vinha da cozinha. Uma mulher que eu não tinha conseguido ver em forma física durante todo o tempo em que estava na cidade. Quando Critter me apresentou a ela pela primeira vez como sua neta, ela simplesmente deu de ombros e disse, “eu sei,” antes de voltar para o que ela estava fazendo na cozinha. E por alguma razão aquilo fez o meu coração sorrir. Eu não tinha só uma família, tinha uma família que incluía uma avó maluca.

Finn e eu tínhamos finalmente concluído a biblioteca. Ele também tinha encontrado sua paixão. Começara a comprar os conjuntos habitacionais inacabados que se espalhavam pelos arredores de Outskirts. Daquilo que tinha começado como uma brilhante promessa de um futuro e que tinha se transformado em um pesadelo de cidade fantasma, Finn tinha conseguido criar lares acessíveis, ecologicamente corretos e de baixo consumo de energia. O primeiro já estava pronto e vendido, e agora ele estava trabalhando em vários outros.

Finn também conseguira convencer uma empresa muito grande de locação de veículos a construir sua central perto de Outskirts, doando a terra para a construção do prédio. O que significava que aquelas casas que ele estava construindo não ficariam vazias e que o dinheiro tão necessário seria trazido para a cidade enquanto a cidade em si continuaria pequena e tão charmosa quanto nunca.

Mas a construção não era a paixão de Finn. Eram as pessoas.

Eu, o nosso bebê e as pessoas de Outskirts.

Eu tinha decidido revezar os retratos da parede do bar, com a permissão do Critter é claro, para uma exposição que eu tinha criado na biblioteca, dedicada às pessoas de Outskirts. O plano era depois incorporar mais da história da cidade.

Minha primeira exposição foi dedicada ao amor e à amizade. Ela incluía uma foto velha do Critter e da minha mãe. Duas fotos de Josh e Miller, uma deles brigando e outra deles se beijando. Uma foto minha e de Finn, com as mãos dele na minha barriga, assim como uma foto de Finn, Miller, Josh e Jackie quando ainda eram adolescentes. No centro, ficava um porta-retratos especial. Eu tinha lavado o cachecol roxo que, de alguma forma, voltara conosco do pântano e o pendurei no canto do retrato de Finn e Jackie.

— Obrigada — sussurrei, beijando as pontas dos meus dedos e tocando o porta-retrato com eles.

— Que nome você dá a essa criação artística? — perguntou Wilfredo, se aproximando e parando atrás de mim.

— Isso? — De dentro para fora, eu irradiava alegria. — Isso é algo que

eu gosto de chamar de ‘Os Renegados’.

Alguns instantes depois, com um corte da tesoura gigante que Finn e eu segurávamos juntos, reabrimos oficialmente Biblioteca Pública de Outskirts para os aplausos e gritos dos nossos familiares e amigos.

— Está pronto? — perguntei puxando a corda ligada à lona que cobria a nova placa acima da porta. Demos um passo para o lado para evitar que ela caísse sobre nossas cabeças. Finn riu até olhar para cima e ler a placa.

Biblioteca Pública de Outskirts

Dedicada à memória de Jackie Callahan

Os olhos de Finn se encheram de lágrimas.

— Você fez isso? — indagou ele, olhando para mim maravilhado e em choque. Ele sorriu, segurou meu rosto com as duas mãos e deu um beijo na minha boca. — Obrigado — agradeceu ele, se afastando lentamente. — Você é tudo.

Eu me derreti por dentro.

Finn tinha contratado uma equipe para retirar do pântano o que faltava dos restos mortais da Jackie. No fim, o objeto que eu tinha usado para me soltar das amarras era um fragmento irregular de um dos seus ossos. Depois que tudo foi retirado, os pais dela pediram para que ela fosse cremada, e Finn enviou as cinzas para eles no Tennessee, local para onde eles tinham se mudado depois do falecimento da filha.

Finn intensificou o beijo como se estivesse tentando me mostrar a profundidade da sua gratidão, mas dedicar a biblioteca à Jackie era o meu jeito de demonstrar meu agradecimento a ela.

Critter limpou a garganta perto da gente.

— Vocês dois precisam parar com essa merda.

Finn se afastou, mas manteve um braço sobre meu ombro.

— Eu já a engravidei — argumentou ele.

Critter marchou na direção dele e Finn desviou brincando antes de correr para dentro da biblioteca. Não sendo alguém que desiste facilmente, Critter foi atrás dele com passos lentos e determinados.

— Acho que vamos entrar — disse minha mãe, enroscando o braço no meu.

— Espere... — pedi. — Tem uma coisa que eu quero que fique com você.

Soltei a correntinha do meu pescoço e coloquei o colar com o pingente de girassol na mão da minha mãe, fazendo-a fechar os dedos sobre ele.

— Não — disse ela, tentando erguer novamente os dedos, mas eu não permiti.

— É seu. O destino dele sempre foi ser seu afirmei.

Apesar de relutante, minha mãe balançou a cabeça concordando. Ela abriu a mão e ergueu o pingente, que brilhou sob o sol da tarde. Eu a ajudei a colocá-lo em seu pescoço e, assim que a correntinha estava presa, ela colocou a mão sobre o pingente pressionando-o próximo ao seu coração.

— Sabe… — Ela começou. — Quando eu encontrei as chaves do depósito em que Richard estava guardando minha caminhonete e meu trailer, fiquei em choque. Eu me perguntei por que ele os tinha guardado durante todos aqueles anos, mas aí eu percebi que ele os estava guardando da mesma maneira que fazia comigo. Ele não queria nem precisava que eles realizassem a função para a qual eles tinham sido feitos, ele só queria possuí-los. Eu acho que de certa maneira ele os tinha como troféus por ter me roubado de volta. Eu pensei em pegar você e pular para dentro daquela caminhonete e sair dirigindo um milhão de vezes. Mas eu não podia arriscar, eu não podia colocar a sua segurança em risco. Eu só estou…

Ela fungou e envolveu o pingente com os dedos.

— Não precisa, Mamãe. Está tudo bem agora. Você não precisa explicar nada. Estamos aqui. Não vamos a lugar algum — declarei, pegando a mão dela entre as minhas e colocando-a contra meu peito.

— Eu só preciso que você saiba que quando comprei aquele terreno, quando deixei aquela caixa para você, quando escrevi aquela carta, eu não queria me matar, apesar de aquele ser o plano. Eu só não consegui pensar em nenhum outro jeito de fazer com que você saísse. Ele não ia parar a não ser que eu estivesse morta. E eu não queria que você, uma pessoa com tanta vida nos olhos, acabasse como eu.

— Mamãe… — disse eu, puxando-a para meus braços e desfrutando da sensação do batimento cardíaco dela em contato com o meu.

— Eu nunca quis morrer. Eu só queria que você sobrevivesse.

Eu me afastei.

— E sobrevivi. — Usei a palma da minha mão para enxugar as lágrimas do rosto dela. — E você também.

Quando minha mãe e eu entramos na biblioteca, ela foi procurar Critter e eu me deparei com Finn observando a exposição que eu tinha criado.

— Isso é incrível — exclamou ele, sem tirar os olhos dos retratos na estante.

— Obrigada — agradeci, me sentindo orgulhosa do que tínhamos realizado.

Finn virou-se para mim.

— Eu também tenho uma surpresa para você — disse ele, me puxando para seus braços com um brilho travesso nos olhos.

— Tem outras pessoas aqui — alertei entre os dentes, envergonhada nos braços dele.

Finn deu risada.

— Como se eu fosse deixar que alguma delas me impedisse — disse ele. — Depois que todos forem embora, eu mostro.

Quando a última pessoa saiu e Finn me pegou pela mão para me levar para longe dali, fiquei surpresa.

— Ah, é tipo uma surpresa de verdade — comentei, enquanto o seguia. Para a minha surpresa, passamos pelo Bronco dele estacionado na rua e continuamos andando.

— Para onde a gente está indo? — perguntei.

— Você vai ver, não está longe. Está bem para caminhar? — perguntou ele.

— Estou sim — respondi. O bebê tinha crescido, mas eu parecia muito mais desconfortável do que realmente estava.

Nós dois caminhamos de mãos dadas em um silêncio agradável. O calor da pele de Finn pressionava com firmeza contra a minha, do jeito que deve ser. Apesar de eu estar com uma barriga grande e redonda cheia de bebê, os meus passos estavam mais leves do que nunca.

Finn quebrou o silêncio.

— Sabia que o Critter me ameaçou de novo?

— Ele não fez isso — disse eu, cobrindo minha boca com a mão e tentando não rir.

Finn balançou a cabeça.

— Com certeza ele me ameaçou. Disse que agora que estou namorando a filha dele, e porque eu a engravidei sem ter me casado com ela antes, a gente não pode mais ser amigos.

— O quê? Mas ele não estava falando sério… estava?

Finn sorriu e a covinha dele apareceu.

— Ele disse que me subiu na lista e fez de mim “o inimigo número um” perante os olhos dele. Se eu não fosse o pai do neto ou neta dele, ele já teria se livrado de mim de maneira apropriada muito tempo atrás. — Finn usou os dedos para desenhar no ar as aspas da palavra ‘inimigo’. — E se eu machucar você, ele vai... vou usar as próprias palavras dele agora: “arrancar todos meus órgãos vitais e deixar um rastro deles na rodovia daqui até Tuscan”.

— Quanta criatividade — exclamei. — O que mais ele disse?

Finn balançou a cabeça de um lado para outro.

— Bom, depois de me fazer prometer que nunca vou machucá-la, ele disse que vai me fazer cumprir a promessa.

— Isso até que não é ruim.

— Na mira do revólver.

Eu ri.

— Isso é mais a cara dele.

Eu conseguia facilmente imaginar Critter dizendo aquelas exatas palavras. Eu adorava todas as suas ameaças. Elas faziam com que eu me sentisse especial e, de certa maneira, acho que Finn também não se importava com elas.

— E aí, você pensou se vai querer mudar o seu último nome? — perguntou Finn, quando viramos em uma rua na qual eu nunca tinha estado antes.

— Critter e mamãe sugeriram que, já que ela mudou legalmente o último nome dela, eu deveria pensar em fazer o mesmo. Acho que é uma boa ideia. Um novo começo.

Admirei os carvalhos enormes enfileirados ao longo da rua. Havia também o que parecia ser uma calçada recém-colocada, a primeira que eu tinha visto em Outskirts.

— Eu nunca me senti como uma Dixon de qualquer maneira.

Finn bateu com seu ombro no meu.

— Isso porque você nunca foi uma Dixon de verdade, você era uma… Critter — declarou Finn e fez uma careta empurrando para fora o lábio inferior para mostrar os dentes e enfiando-o no queixo.

Retribuí, batendo nele com meu quadril.

— Ha. Ha. Eu sei que é um nome ridículo, mas é o nome ridículo do meu pai. O que faz dele um ótimo nome.

Passeamos em um silêncio confortável outra vez até que paramos em uma casa no final da rua. Uma casa novinha em folha pelo que parecia. Ela era branca com janelas pretas e uma porta vermelha.

— Uau, essa casa é tipo uma versão de dois andares da minha casinha.

— Eu sei que não é como a casa vitoriana de três andares que você gostou tanto, mas decidi transformá-la em um abrigo para mulheres e crianças.

Meu choque era quase maior que a felicidade extrema que tinha acabado de tomar conta de mim, como se alguém tivesse virado um balde de água sobre minha cabeça.

— Aquela casa é sua?

Finn olhou para as chaves que tinha na mão.

— É sim — respondeu ele, como se estivesse relutante em admitir. — Era onde Jackie e eu morávamos. Essa era a nossa casa.

Estiquei o braço e deslizei com leveza os nós dos meus dedos ao longo da barba de vários dias que escondia seu maxilar.

— Era uma casa bonita, mas agora vai ser ainda mais bonita por conta dos seus planos para ela.

Finn virou e beijou a palma da minha mão antes de me girar de volta para que eu ficasse de frente para a casa.

— Você gosta dela? — perguntou ele, abrindo a pequena cerca de estacas e me puxando para dentro. Os canteiros de flores em cada lado da porta estavam repletos de girassóis altos que alcançavam a metade da altura das janelas.

— Adoro! — respondi. — Mais até do que da casa vitoriana.

E era verdade. Tinha alguma coisa naquela casa que dava a ela mais cara de lar. Que a deixava mais real.

— É nela que você tem trabalhado? — perguntei, sem conseguir tirar os meus olhos dela.

Finn tinha começado a assumir alguns projetos de construção menores, mas eu não fazia ideia que ele estava construindo casas como aquela.

— Quem é o cliente?? — Eu estava com inveja da pessoa que ia morar naquela casa, mas orgulhosa por Finn ter criado algo tão bonito. Antes que ele pudesse responder, eu acrescentei: — Posso ver lá dentro?

Senti que eu precisava pelo menos vê-la uma vez antes que a casa fosse mudada e se tornasse a casa de alguém.

Finn deu aquele sorriso que me deixava arrepiada e encaixou os dedos nos meus. Ele me levou pelos degraus da frente e abriu a porta, me conduzindo para que eu entrasse primeiro e seguindo logo atrás de mim.

Meu queixo caiu. Eu não conseguia falar. Não conseguia respirar. Era a visão mais incrível que eu já tinha tido.

— Isso é mesmo de verdade? — sussurrei.

Eu não estava em choque por causa do lindo piso de madeira cinza que cobria a grande sala de estar e ampla cozinha aberta de cor branca. Não era por causa das molduras detalhadas em volta das janelas ou por causa da escadaria de ferro que fazia uma curva. Nem era por causa da sala de jantar que era grande e tinha uma mesa de madeira escura enorme que se estendia até o centro e que facilmente teria espaço para dez pessoas em volta dela.

Não, a minha reação era por causa dos milhares de tinidos que cobriam todo o teto da sala. Eles ficaram balançando agitados até Finn fechar a porta. Apesar de o teto ser alto, os barbantes eram longos. Quando eu avancei mais para dentro da sala, eles ficaram balançando a cerca de cinco centímetros acima da minha cabeça.

— O que é isso tudo? — perguntei, avançando ainda mais na direção dos tinidos pendurados até me ver cercada por eles por todos os lados.

Finn não respondeu, os tinidos responderam por ele. Cada um deles tinha

a mesma mensagem rabiscada a mão.

QUER CASAR COMIGO?

-FINN

Eu me virei com tanta rapidez que se eu fosse um pouco mais alta, teria me enroscado nos tinidos.

Finn estava agachado e apoiado em um dos joelhos diante de mim, estendendo um anel de diamante com o formato de um girassol. Luz, felicidade e promessa encheram os seus olhos brilhantes e azuis que já eram lindos.

— Bem… — disse ele, me fazendo sentir como se eu estivesse prestes a explodir de felicidade — e quanto àquela mudança de nome?

Incapaz de dizer palavras reais porque a alegria aparentemente esvazia o cérebro de pensamentos realmente coerentes, eu me juntei ao Finn no chão, me ajoelhando para encará-lo. Quando percebi que ele ainda estava esperando por uma resposta, balancei a cabeça com tanta força que acho que deixei as minhas palavras soltas.

— Sim! — Eu finalmente consegui colocar para fora.

Finn colocou o anel no meu dedo e me puxou para seus braços. Além de Outskirts, aquele era o lugar no qual eu mais gostava de estar.

— Eu estou muito feliz que estamos aqui, Say — sussurrou ele, e seus lábios encontraram os meus. E se com a expressão ‘aqui’ ele se referia à casa, à cidade ou ao momento do nosso relacionamento, não importava. A minha resposta era a mesma.

— Eu também — sussurrei.

— Eu tenho mais um para você — disse ele, puxando outro tinido do bolso de trás da sua calça e entregando-o para mim junto com uma caneta preta.

ELA DISSE_____

-FINN

E, é claro, em meio a lágrimas de alegria, eu escrevi um SIM enorme.



No começo, Finn e eu éramos apenas dois renegados, cada um à margem de uma sociedade diferente. Juntos, encontramos nosso lugar. E não era na cidade. Era nas pessoas da cidade. As pessoas que nos amavam. Era um no outro. Era na vida nova que crescia dentro de mim e que tínhamos criado.

Era na família.

Na nossa família.

— E apesar de já ser tarde demais... — Finn sorriu maliciosamente. — Eu sinto como se eu ainda estivesse te devendo uma lição melhor sobre

reprodução.

Ele deslizou as mãos por debaixo da minha blusa.

— É mesmo? — perguntei, enquanto ele soltava o meu sutiã e o atirava no chão. Ele foi rápido com a própria camiseta, expondo seu abdômen definido e peito largo.

Minha boca ficou seca. Meu corpo todo entrou em atividade.

Finn arrancou o jeans e a cueca, expondo sua bunda firme e seu abdômen cheio de músculos. Lambi meus lábios diante da visão do homem lindo que eu tinha. Ergui o quadril enquanto ele tirava minha calcinha e meu short. Ele levantou e voltou para o meio das minhas pernas onde eu mais queria que ele ficasse. O calor rígido dele pulsava na minha entrada.

— Você está pronta para a aula? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas de maneira perversa. Sua voz estava rouca.

— Estou — sussurrei, pronta para qualquer coisa que quisesse me dar. — Estou pronta.

— Ótimo. Porque eu não consigo mais esperar.

Estávamos enlouquecidos e apaixonados. Necessitados e desesperados.

Ele investiu para dentro de mim com um longo movimento que me fez puxar o ar com dificuldade para os pulmões, me enchendo de prazer ao mesmo tempo que enchia o meu coração de amor.

Eu me ajustei ao tamanho de Finn, os meus músculos internos apertaram em volta dele. Finn gemeu, e aquele som me fez apertá-lo de novo e de novo até o prazer se tornar quase doloroso. Até haver lágrimas nos meus olhos e nos tornarmos as duas únicas pessoas no mundo.

Ele segurou minhas mãos acima da minha cabeça e não continuou até eu olhar em seus olhos.

— Eu amo você, Say.

— Eu amo você — respondi, olhando no fundo dos seus olhos. O sentimento entre nós dois, a ligação que tínhamos, colocou mais lenha na fogueira, e nosso prazer aumentou ainda mais, atingindo níveis que eu não achava que seriam possíveis.

Uma lágrima caiu do canto do meu olho. Aquilo tudo era demais.

Mas não era o suficiente.

Finn beijou a lágrima e começou a se mexer em um ritmo lento e contínuo que me fez erguer o quadril para encontrar cada investida dele. De alguma maneira, fomos do sexo selvagem para o amor apaixonado.

— Eu vou fazer você gozar agora — murmurou ele, com um gemido grave antes de me envolver com os braços para me erguer e conseguir atingir um ângulo que me fez ver estrelas com cada movimento lânguido.

— Por favor…— pedi, me sentindo como se estivesse na beira de um precipício.

— Porra. Eu estou sentindo. Sei que você está quase lá. Caralho, você está muito apertada em volta de mim.

Ele investiu com mais força, entrando e saindo de novo e de novo, até que seus movimentos ficaram frenéticos e nós dois fomos inundados por sensações e sentimentos.

Eu não conseguia saber onde ele estava me tocando ou onde seus lábios estavam no meu corpo.

Eu o sentia em todo lugar.

Na minha pele.

No meu coração.

Na minha alma.

Os músculos do meu baixo ventre enrijeceram e ele colocou a mão debaixo da minha regata, tocando levemente com o polegar o meu mamilo que doía, o que enviou uma onda de choque de prazer para o meu cerne.

— Eu eu…

Não consegui terminar a frase porque eu já tinha ido longe demais. Gozei em uma explosão de luz branca ofuscante quando o prazer explodiu dentro de mim.

— Puta que pariu!

Finn investiu uma última vez e eu o senti crescer dentro de mim, liberando seu calor com um impulso que me fez estremecer uma última vez com a última das ondas intensas que percorreram meu corpo.

A intensidade do sentimento não foi a mesma da primeira vez na biblioteca. Eu não sabia como ou por que um prazer como aquele existia, mas tudo que eu sabia era que Finn o tinha dado a mim, e muito mais.

Alguns meses depois, meu pai me conduziu por um corredor improvisado em um campo cheio de girassóis. Durante os últimos instantes da luz do dia, no local exato em que os meus pais tinham se casado, segurei nossa bebê recém-nascida entre nós enquanto Finn e eu juramos sempre amar um ao outro.

Intensamente. Possessivamente. Loucamente. Sempre.

Fim

EPÍLOGO



SAWYER

Quando paramos na Oficina do Gary, franzi a testa e virei para Finn.

— Por que estamos aqui?

— Vamos! — disse ele, pulando para fora da caminhonete. — É uma surpresa.

— Achei que a essa altura você já soubesse como me sinto em relação a surpresas — comentei.

— Bom, minha esposinha, acredito que nesse momento você está segurando nos braços uma dessas surpresas — respondeu ele com humor.

— Aí você me pegou — comentei, olhando para nossa filha, que tinha a covinha do pai e seus olhos azuis brilhantes.

Finn contornou a oficina aberta e seguiu até o fundo do pequeno prédio. Pegou Sunny dos meus braços e a aconchegou contra o peito, e o meu coração pulou uma batida como sempre fazia quando eu o via cuidar na nossa filha.

— O que você acha? — perguntou Finn, dando um passo para o lado e relevando a surpresa que estava a pouquíssimos metros dali.

Fiquei petrificada. Meu queixo caiu. Puxei o ar para os pulmões com força, cobrindo a boca sem conseguir acreditar.

— É…. você... Eu não consigo acreditar...

Tentei dar alguns passos para frente sem acreditar no que estava vendo, até que consegui deslizar a mão sobre a tinta nova e brilhante no capô da caminhonete até então enferrujada da minha mãe e confirmar que aquilo era real.

Era o Rusty com certeza, só que agora ele era tudo menos enferrujado. Estava com a cor original, um azul-turquesa que teria combinado... antes que eu pudesse terminar meu pensamento, me inclinei para a direita para conseguir ver além da caçamba da caminhonete.

Sem a menor dúvida, lá estava a Blue. Não havia sinal algum dos estragos causados pela tempestade que a tinham transformado em não muito mais do que uma pilha retorcida de sucata de metal.

— Ela funciona agora — anunciou Finn. — E muito bem, na verdade. A parte interna dos dois está toda renovada, mas lá no fundo, ele ainda é o velho Rusty e ela ainda é a velha Blue pelos quais você acabou se apaixonando.

— Por quê? — perguntei dando a volta. Os olhos de Finn estavam colados em mim enquanto ele balançava levemente a bebê e esfregava suas

costas com movimentos circulares.

— Como assim por quê? Porque você os amava e eu vi como perdê-los partiu seu coração. Eles foram seu primeiro contato com a liberdade. Eu não podia deixar que você os perdesse para sempre.

Esse homem. Esse homem maravilhoso.

— Não. Não é por isso que eu amo tanto esses dois.

— Não? — perguntou ele, seguindo atrás de mim enquanto eu caminhava em volta do Rusty e da Blue.

Balancei a cabeça e me virei para olhar para ele, colocando uma das mãos aberta nas costinhas da Sunny e a outra no peito de Finn.

— Eu os amo tanto porque foram eles que me trouxeram até você.

Finn inclinou o corpo para baixo, pressionando os lábios contra os meus, no exato momento em que uma voz nos interrompeu.

— Aqui está, chefe — disse Gary, jogando as chaves para Finn.

— Eles podem não valer o que você gastou para consertá-los, mas se eu conseguisse uma reação como essa, bem, aí eu pensaria na hipótese de dar uma polida no velho Pinto que eu tenho na garagem.

Quando Gary desapareceu nos fundos da oficina, Finn jogou as chaves para mim.

— São seus.

— Obrigada. — Respirei colocando os braços em volta de Finn, tomando cuidado com Sunny em seus braços. — Você deu vida a eles outra vez. Obrigada.

— Assim como você me fez viver outra vez — disse ele, apertando levemente meu queixo e dando um beijo puro na minha testa. Fechei os olhos e me apoiei em seus lábios, inspirando seu perfume fresco e amadeirado. Tinidos. Tinidos em todo lugar.

— Agora vamos, temos muita estrada para percorrer essa noite.

— Essa noite?

— Sim, essa noite. — Finn abriu a porta do passageiro e fez um gesto majestoso estendendo o braço. — Já que eles pertencem a você, eu normalmente a deixaria dirigir, mas como você ainda está aprendendo e tecnicamente não tem carteira de motorista, eu farei as honras por ora.

— Por mim tudo bem — concordei enquanto entrava e enquanto Finn afivelava Sunny na cadeirinha que ele já tinha instalado no pequeno banco de trás.

— Para onde estamos indo? — perguntei empolgada.

— Para a casa dos meus pais. Achei que como temos toda essa família agora, ia ser melhor começarmos a visitá-los com mais frequência junto com a

netinha, ou então vamos ter que ficar ouvindo um monte.

Finn virou a chave. O motor rugiu para a vida. Não tossiu. Não cuspiu.

O som vibrava dentro de mim. Dei um gritinho de alegria e deslizei as mãos pelo painel.

— Todo mundo pronto, família? — perguntou Finn, olhando para Sunny no banco de trás e depois olhando para mim outra vez.

— Sim.

De um modo geral, Blue e Rusty eram no fundo a mesma caminhonete e o mesmo trailer; eles só estavam agora mais brilhantes e em condições perfeitas de funcionamento.

Eles estavam novos outra vez. Tinham sido resgatados da ruína.

Tinham renascido para uma vida que estavam destinados a viver.

Exatamente como Finn. Exatamente como eu.

Apenas um casal de renegados.

CENA BÔNUS



CRITTER

Francamente, eu tinha esperado tempo demais para ter Richard naquela posição para simplesmente entregá-lo para as autoridades. Ele ia encontrar uma autoridade sim, mas estou certo de que ele ia encontrar uma muito mais ao sul do que a Delegacia de Polícia de Outskirts.

— Sabe, quando criança, eu acordava na manhã de Natal com um frio na barriga. Empolgado pensando em que presente eu poderia ter ganhado. No que poderia estar lá debaixo da árvore esperando por mim. — Eu me apoiei na árvore que seria o último lugar de descanso de Richard e olhei para baixo na direção dele. — Eu estou me sentindo meio que daquele jeito nesse momento.

Ele lutou contra as amarras.

— Ah, não adianta tentar se soltar. Não tem como você conseguir se soltar desses nós.

Richard tentou gritar, mesmo com a mordaça de pano que eu tinha enfiado em sua boca.

— Não se preocupe, Richard. Eu não vou matá-lo. — Acendi um charuto e enfiei o isqueiro de volta no bolso da minha camisa. — Prometi às meninas que não mataria e, diferente de você, eu cumpro as minhas promessas.

Respirei fundo.

— Está sentindo esse cheiro? Você não adora o ar do pântano? Esse cheiro de enxofre depois de um bom furacão? É como se o mundo estivesse se limpando de todas as coisas mortas que ele não precisa mais.

Olhei para Richard e os olhos dele estavam arregalados. Baguncei seu cabelo.

— Você está entendendo onde eu quero chegar?

Eu estava meio chateado que aquilo tinha que acabar. Eu estava me divertindo muito. Mas eu não podia ficar. Tinha que voltar para Caroline. Para minha família.

— Isso me faz sentir tão bem, me traz tanta satisfação. Tanta satisfação, na verdade, que eu sinto que preciso de um cigarro de pré-vingança. Mas como eu não tenho um cigarro, e não fumo esse tipo de coisa, esse charuto vai ter que dar conta.

Um barco se aproximava ao longe. Lentamente, em silêncio. Sem nenhuma luz.

Hora do show.

Eu me agachei na frente do Richard.

— Você roubou minha esposa e minha filha e não teve a decência como homem de dar a elas uma vida boa. Você é do tipo mais baixo que pode existir. Alguma última coisa a dizer?

Puxei a mordaça de sua boca.

— Você vai para o inferno por isso — esbravejou Richard, enfurecido.

Empurrei a mordaça de volta na boca dele, levantei e dei uma baforada. Dei de ombros quando o barco chegou mais perto.

— Então eu acho que vamos nos encontrar por lá. — Eu dei um tapinha em seu ombro. — Guarda um lugar para mim no ônibus. — Sorri e coloquei o charuto na boca. — E compra um ventilador para mim, pode ser? Dizem que lá embaixo é quente para caralho.

Os olhos do Richard se voltaram rapidamente para o homem vestido todo de preto que pulou do barco. O diabo loiro em pessoa, Jake Dunn, analisou sua presa sem nem se dar o trabalho de olhar para mim. Ele não disse nada — o garoto nunca dizia — mas balançou a cabeça de maneira brusca para mim e aquele foi o sinal para que eu saísse.

— Sinto muito, não posso ficar para assistir ao show, mas tenho certeza que o Jake aqui vai garantir que você seja bem cuidado enquanto ele consegue lentamente sua passagem para o sul.

Richard gritou por trás da mordaça quando Jake se aproximou.

Com Jake no comando, não havia dúvidas de que Richard Dixon estava finalmente prestes a ter o que merecia, e muito mais.

— Cuide para que seja bem doloroso — gritei por cima do ombro, pulando no meu barco e ligando o motor.

— Vai ser — garantiu Jake, em um tom de voz tão grave que era quase inaudível.

Dei outra baforada e acenei para Richard com o dedo do meio.

— Eu vou orar por você — berrei enquanto me afastava ouvindo os berros e gemidos abafados do Richard, que começava a sentir um gostinho do que Jake estava prestes a servir.— Apodreça no inferno, seu filho da puta — murmurei para mim mesmo enquanto manobrava o barco em meio à vegetação densa no meu caminho de volta para casa, para minha esposa e filha.

Para *minha* família.

Afinal, eu tinha um trabalho difícil para realizar com elas. Duas décadas é muito tempo para compensar. Natais e aniversários. Datas especiais. Eu já estava planejando todos os dias de compensação na minha cabeça.

Depois daquela noite, decidi que nunca ia deixar a lembrança do Richard

roubar de mim outro momento feliz ou outro pensamento feliz. Ele já tinha levado muita coisa. Ele não ia conseguir mais nada. Nem mesmo um pensamento. De mim não.

A única exceção era quando eu não conseguia dormir de noite. Nessas ocasiões, meus pensamentos iam até ele. Eu ficava ali deitado acordado com os braços em volta da Caroline e pensava em como Richard tinha morrido. Depois de pouquíssimo tempo, aquilo resolvia meu problema de falta de sono e eu adormecia como um neném embriagado com o leite da mãe.

A morte do Richard era a nova contagem de ovelhas.

E com toda minha família em casa e em segurança, eu nunca tinha dormido melhor.

CENA BÔNUS 2



SAWYER

— O que é isso? — perguntei virando a cabeça para o lado para poder ouvir melhor a música que vinha por trás das portas de aparência comum.

— Isso? — Finn sorriu e ergueu minha mão até sua boca para dar um beijo inocente nos nós dos meus dedos. Inocente ou não, fez os pelos dos meus braços se arrepiarem. — Esse é o som da religião número nove.

— Os sons da religião número nove são incríveis — admiti indo na direção da porta como se a música estivesse movendo os meus pés por mim.

— Espere até você ouvir como soa do lado de dentro — disse Finn, abrindo a porta dupla.

A melodia explodiu ao nosso redor e minha pele toda ficou instantaneamente arrepiada. Um sentimento de pura alegria tomou conta do meu peito.

Sentamo-nos na fileira dos fundos para não atrapalhar as outras duas dúzias de pessoas mais ou menos que estavam presentes.

O interior da igreja não tinha nem um pouco cara de igreja. Não tinha vitral nem representações da via sacra ou da Virgem Maria. A área principal de adoração era um salão amarelo simples com várias fileiras de cadeiras brancas dobráveis em cada lado do corredor improvisado. As paredes eram decoradas com pinturas a dedo cheias de cor e vida feitas por crianças, junto com quadros de avisos que transbordavam panfletos e avisos presos com alfinetes.

A música estava sendo executada por uma pequena banda montada no canto da frente do salão. Uma garota de calça jeans rasgada e regata do Guns-N-Roses, que parecia ter mais ou menos a minha idade, estava cantando em um microfone em um pedestal com os olhos fechados. Sua voz era melódica. Marcante. Eu podia sentir as palavras na minha alma enquanto ela balançava com a música que ela mesma estava ajudando a criar. Fiquei imediatamente hipnotizada por sua voz e por suas palavras.

Cantamos por amor e por amor somente.

É o amor que sempre nos traz para casa da gente.

Vivemos para a luz, mas a escuridão ainda existe.

É a luz dentro de nós que afastará o final mais triste.

— Uau — sussurrei. Finn respondeu da sua maneira habitual. Apertando minha mão para mostrar que estava ali.

Quando a música acabou, o pastor falou para a multidão sobre amor e perda. Foi muito diferente do que eu estava acostumada. Eu sempre sentia como se eu estivesse sendo castigada nos cultos por todos os erros que eu nem sabia que tinha cometido. Aquilo era para cima. Envolvente. Era como ter uma conversa, e não como ter alguém gritando com você.

O pastor nunca ficava na frente da multidão ou atrás de um púlpito. Ao invés disso, ele subia e descia o corredor fazendo contato visual com cada pessoa ali presente, inclusive eu e Finn.

Quando o culto terminou e o salão estava quase vazio, Finn me levou para conhecer o pastor.

— Eu vou deixar vocês dois conversarem — disse Finn, pedindo licença para atender uma ligação do lado de fora.

O pastor gesticulava na fileira da frente do salão agora vazio. Ele começou se apresentando como Pastor Dave, mas ‘você pode me chamar só de Dave’.

— Finn me contou sobre sua situação e um pouco sobre sua história. E ele também disse que você está em busca de uma nova fé nesse momento — disse Dave. Suas palavras eram calmas e claras e completamente livres de qualquer julgamento.

Eu ri.

— Acho que eu nunca pensei nisso dessa maneira, mas sim, de certo modo estou em busca de uma nova fé. Estou escrevendo um blog sobre diferentes religiões, suas histórias, e o que a fé realmente é e o que ela significa para diferentes pessoas. Achei que a melhor maneira de escrever sobre elas seria conhecê-las pessoalmente.

O sorriso do Dave era gentil, exibindo linhas finas ao redor de sua boca. Eu tive a impressão de que ele tinha um pouco menos de cinquenta anos de idade.

— Eu acho isso fantástico. Bom, o resumo da nossa pequena congregação é que somos uma igreja interconfessional, o que significa que não consideramos que uma única fé é a fé ‘correta’ ou a fé ‘verdadeira’. O que fazemos aqui é reconhecer que somos todos irmãos e irmãs nesse mundo e que todos nós estamos nisso juntos. É isso que celebramos nos nossos cultos. As pessoas se preocupam muito com o que é ‘certo’ e com o que é ‘errado’ na religião. É aí que elas deixam de entendê-la. Elas se prendem demais nos detalhes. Nas minúcias. Nós aqui focamos na bondade que temos nos nossos corações porque Deus vive nos nossos corações, não nos detalhes.

— Eu nunca tinha pensado nisso dessa maneira — comentei.

Conversamos por mais uns quinze minutos. Então agradeci pelo seu

tempo e levei em consideração suas palavras. Quando eu tinha acabado de me despedir, Finn se juntou a nós na porta.

— Pastor Dave? — Eu o chamei e ele virou para trás.

— Sim?

— Você acha que tudo bem se eu vier para o culto na próxima semana?

— Nada nos deixaria mais feliz do que tê-la conosco, Senhorita Sawyer.

Eu sorri e Finn pegou a minha mão.

— Foi legal, não foi? — perguntou ele, dando um beijo no topo da minha cabeça.

— Sim, sim, foi legal — respondi. — Foi melhor do que eu esperava. Por muito tempo, vi a religião e a fé como uma coisa monstruosa. Isso foi... felicidade. Uma celebração. Eu não sabia que podia ser assim.

— Nem eu — concordou Finn, olhando para mim com um calor em seu olhar. Eu tinha certeza que ele não estava falando da igreja. Meu corpo inteiro esquentou.

Finn continuou a andar com o braço sobre meus ombros e a intensidade da nossa conexão começou a vibrar entre nós.

Eu não sabia se eu ia ser membro da igreja por muito tempo. Tudo que eu sabia era que o Pastor Dave estava certo.

Deus é o amor em nossos corações.

E o meu coração?

Ergui o olhar para Finn mais uma vez e pensei na nossa menininha que era a cara do pai.

Meu coração estava transbordando.

— Eu te contei que escolhi um nome para o blog? — perguntei para Finn enquanto caminhávamos de mãos dadas. Eu tinha me esquecido completamente de contar a ele.

— Não, o que foi que escolheu?

Eu parei e virei para encará-lo, esticando o pescoço para olhar em seus lindos olhos azuis.

— As Aventuras Religiosas de Sawyer e Finn.

AGRADECIMENTOS



Obrigada, Sr. Frazier, pelo seu constante encorajamento. Eu não conseguiria fazer nada disso sem você. A escrita. A vida. Tudo. <3

Obrigada, Ellie do Love-N-Books, pelas revisões e toda essa merda.

Obrigada, Becca do Evident Ink, por ser a Swift do meu Sheeran. Obrigada por me lembrar que pessoas têm sentimentos. Obrigada por tolerar os meus prazos impossíveis e por não ser uma completa idiota em relação a isso.

Obrigada, Jenn Watson, pelas suas habilidades insanas de RP e pela sua amizade. #CaliforniaLove

Obrigada, Kimberly Brower da Brower Literary & Management — minha agente.

Obrigada, Wander Photography, pela ótima foto de capa. Margaritas no Sr. Frazier!

Obrigada, como sempre, a todos vocês meus leitores da Frazierlândia. Que grupo incrível de leitores. Eu sou muito grata por ter vocês todos na minha vida.

Obrigada a todos vocês blogueiros e leitores que divulgam amplamente o amor que têm pelos meus livros. VOCÊS são tudo.

Com amor,

T.M.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Temos o nosso próprio evento, o The Gift Day, onde fazemos parcerias com outras editoras para trazer autores nacionais e estrangeiros, além de modelos de capas.

A The Gift também está presente no mercado internacional de eventos, com patrocínio e participação em alguns como o RARE London (Fevereiro) e RARE Roma (Junho).

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr.com
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @thegiftboxbr

Table of Contents

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
EPÍLOGO
CENA BÔNUS
CENA BÔNUS 2
AGRADECIMENTOS